UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Helena Amstalden Imanishi

**A imagem do adulto na contemporaneidade:
Uma avaliação dos jovens sobre os adultos**

São Paulo
2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Helena Amstalden Imanishi

A imagem do adulto na contemporaneidade:

Uma avaliação dos jovens sobre os adultos

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Orientador: Prof. Dr. Yves J.J.M.R. de La Taille

São Paulo

2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

Helena Amstalden Imanishi

A imagem do adulto na contemporaneidade: uma avaliação dos jovens sobre os adultos

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Yves de La Taille
Instituição: IPUSP

Profa. Dra. Maria Isabel da Silva Leme
Instituição: IPUSP

Prof. Dr. Julio Groppa Aquino
Instituição: FEUSP

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Yves de La Taille, por quem tenho grande admiração e respeito e, como orientador, esteve sempre presente, contribuindo com minha formação profissional.

Ao Prof. Dr. Julio Groppa Aquino e à Prof. Dra. Maria Isabel da Silva Leme por suas sugestões bibliográficas que tão pertinente se aplicaram a esta pesquisa.

Às escolas e aos alunos, cuja disponibilidade e participação foram imprescindíveis para que este trabalho acontecesse.

Ao meu irmão, Ivan, por contribuir com seus conhecimentos na língua inglesa e à minha irmã, Iná, por revisar parte do texto.

Ao meu sobrinho, Augusto, e seus colegas, por servirem de contraponto jovem, auxiliando nos ensaios e reflexões desta pesquisa.

Ao meu marido, Fernando, e aos meus pais pelo auxílio, pois nos detalhes, muitas vezes, está o fundamental.

SUMÁRIO

Lista de figuras	
Lista de tabelas	
Resumo	
Abstract	
INTRODUÇÃO.....	01
1 O CONCEITO DE ADOLESCÊNCIA.....	08
1.1 O início da adolescência: construindo conceitos, construindo imagens.....	08
1.2 Passando pela adolescência: a transição para o mundo adulto.....	13
1.3 O fim da adolescência?.....	17
2 OS ADULTOS E A CONTEMPORANEIDADE.....	20
2.1 O mundo público e o mundo privado.....	21
2.2 Os adultos do mundo privado e pré-público do adolescente	23
a) Sabedoria	23
b) Autoridade	26
c) A simetrização das relações sociais	29
2.3 Os adultos do mundo público do adolescente	34
a) O mundo público como desproteção e as tiranias da intimidade.....	34
b) A desafeição do mundo público.....	40
2.4 O adulto contemporâneo.....	45
a) O indivíduo contemporâneo: as novas exigências.....	46
3 QUEM SÃO OS ADULTOS A PARTIR DO OLHAR DOS JOVENS?.....	53
4 OBJETIVOS.....	58
4.1 Objetivo geral.....	58
4.2 Objetivos específicos.....	58
5 MÉTODO.....	59
5.1 Casuística.....	59
5.2 Instrumentos.....	59
6 RESULTADOS E ANÁLISES.....	65
6.1 O questionário.....	66
6.1.1 O adulto e o mundo público.....	66
6.1.2. Os valores dos adultos.....	71

6.1.3. Atributos e qualidades adultas.....	77
6.1.4. O adolescente e sua relação com o adulto	80
6.1.5. Concepções adolescentes sobre o significado de “ser adulto”	87
6.2. Perguntas abertas	95
6.2.1. O que é um adulto admirável para os adolescentes	95
6.2.2. Quem são os famosos admirados pelos adolescentes e por quais razões	102
6.3. Algumas observações	112
7. CONCLUSÃO	115
7.1. O adulto em declínio	115
7.2.) O adulto em ascensão	122
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128
ANEXO A	131
ANEXO B.....	134

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Classificação dos famosos citados e sua frequência de respostas	106
---	-----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Avaliação dos jovens sobre como os adultos de hoje dirigem o mundo	66
Tabela 2 - Avaliação dos jovens sobre como os adultos de hoje conduzem a política	68
Tabela 3 - Avaliação dos jovens sobre como os adultos de hoje conduzem as questões ambientais	68
Tabela 4 - Avaliação dos jovens sobre como os adultos de hoje educam as novas gerações	68
Tabela 5 - Avaliação dos jovens sobre como os adultos de hoje conduzem as informações e programas veiculados pela mídia	69
Tabela 6 - Avaliação dos jovens sobre como os adultos de hoje conduzem a ciência	70
Tabela 7 - Distribuição de respostas entre os jovens sobre o que os adultos mais esperam para suas vidas	71
Tabela 8 - Distribuição de respostas entre os jovens sobre o que os adultos mais temem para suas vidas.....	73
Tabela 9 - Distribuição de respostas entre os jovens sobre qual é a maior virtude do adulto de hoje	74
Tabela 10 - Distribuição de respostas entre os jovens sobre qual é a maior defeito do adulto de hoje	76
Tabela 11 - Avaliação dos jovens sobre se os adultos de hoje são pessoas responsáveis	77
Tabela 12 - Avaliação dos jovens sobre se os adultos de hoje são pessoas maduras	78
Tabela 13 - Avaliação dos jovens sobre se os adultos de hoje são pessoas sábias	79
Tabela 14 - Avaliação dos jovens sobre se os adultos de hoje são pessoas éticas	79
Tabela 15 - Avaliação dos jovens sobre o grau de obediência	

que devem aos adultos	81
Tabela 16 - Avaliação dos jovens sobre o grau de confiança que sentem pelos adultos de hoje	82
Tabela 17 - Distribuição de respostas entre os jovens sobre o quão parecido é o projeto de vida do adolescente da vida do adulto de hoje	84
Tabela 18 - Distribuição de respostas entre os jovens sobre o quão parecido gostariam de ser com os adultos de hoje	84
Tabela 19 - Distribuição de respostas entre os jovens sobre o que influencia mais suas vidas	85
Tabela 20 - Distribuição de respostas entre os jovens sobre o significado de ser adulto	88
Tabela 21 - Distribuição de respostas entre os jovens sobre quando se dá a passagem da adolescência para a vida adulta	90
Tabela 22 - Distribuição de respostas entre os jovens sobre o quão positivo é se tornar adulto	91
Tabela 23 - Distribuição de respostas entre os jovens sobre o que é positivo em se tornar adulto	92
Tabela 24 - Distribuição de respostas entre os jovens sobre o que é negativo em se tornar adulto	94
Tabela 25 - Distribuição de respostas sobre as qualidades mais valorizadas no adulto admirável	96
Tabela 26 - Porcentagem dos famosos mais admirados pelos jovens de Escola Particular	104
Tabela 27 - Porcentagem dos famosos mais admirados pelos jovens de Escolas Públicas	105
Tabela 28 – Distribuição de respostas sobre as qualidades mais valorizadas nos famosos	109

RESUMO

Imanishi, H. A. *A imagem do adulto na contemporaneidade: uma avaliação dos jovens sobre os adultos* (dissertação de mestrado). São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo; 2008. 139 p.

As transformações advindas com a modernidade e com a pós-modernidade alteraram de forma significativa a relação entre as gerações mais novas e as mais velhas. Nas sociedades tradicionais, havia uma hierarquia entre o saber adulto, pautado no passado e na tradição, e a aceitação deste saber por parte dos mais novos. A contemporaneidade e seus discursos fornecem um cenário bastante diferente, no qual a adolescência é tida como ideal, a velocidade das transformações são espantosas e o novo, o moderno, têm seu lugar de destaque nos valores do homem contemporâneo. Neste sentido, imagens solidificadas pelo tempo e pela tradição se alteram, trazendo reflexos nas relações entre jovens e adultos. O objetivo deste trabalho foi investigar a imagem de adulto que os adolescentes de hoje carregam, a partir da avaliação que os últimos fazem dos adultos de hoje, do sentido que os jovens atribuem a este lugar e do que valorizam em um adulto. Participaram da pesquisa um total de 520 alunos do Ensino Médio de escolas públicas e particulares e o instrumento utilizado consistiu em um questionário com 24 questões, cada qual contendo quatro opções de respostas, e duas questões abertas. Os resultados demonstraram uma tendência dos jovens a avaliarem negativamente os adultos em relação a suas atuações na esfera pública (política, meio ambiente, educação e mídia) e a desconfiarem da capacidade dos adultos quanto àqueles atributos tradicionalmente referidos a este lugar (confiança, sabedoria, modelo a ser seguido, ética) e, no entanto, 63% dos sujeitos acreditaram dever obediência aos adultos de hoje. O dinheiro, o desemprego e a competição no mundo do trabalho mostraram-se como uma das preocupações mais importantes dos adultos de hoje e dos jovens em relação ao futuro. Aparentemente, a imagem do adulto, lugar de saber e de guia dos mais novos não apresenta a consistência que tinha no passado e poucos parecem ser os modelos passíveis de admiração disponíveis aos jovens hoje. O significado de ser adulto e de ocupar este lugar parece tender a um trabalho e a uma construção exclusivamente pessoal e individual.

Palavras-chaves: adultos, jovens, contemporaneidade, valores

ABSTRACT

Imanishi, H. A. *The image of adult in the contemporary: an evaluation from young people about adults* (master degree dissertation). São Paulo: Institute of Psychology, University of São Paulo; 2008. 139 p.

The transformations took place during modernity and post-modernity changed in a significant way the relationship between the younger and older generations. In traditional societies, there was a hierarchy between the adult knowledge, based on past and tradition, and the acceptance of this knowledge by the younger people. The contemporary and its discourses provide a different scenario indeed, in which the adolescence is taken as an ideal, the speed of transformations is astonishing and the new, the modern has a predominant place in the values of the contemporary man. In that sense, images solidified by time and tradition change, altering relationships between young people and adults. The aim of this work was to investigate the image of adulthood that today's adolescents have, from the evaluation that they make of today's adults, from the sense that young people have of this place and from what they value in an adult. Participated in the research a total of 520 students from public and private high schools and the tool consisted of a questionnaire with 24 questions, each containing four options, and two open questions. The results reveal a tendency from young people to evaluate negatively the adults concerning their performances in the public sphere (political, environment, education and media) and question the adults capacity on those attributes traditionally attributed to that place (confidence, wisdom, model to be followed, ethical) and, nevertheless, 63% of individuals believed to owe obedience to today's adults. Money, unemployment and competition for jobs in the world were revealed as some of the greatest concerns of today's adults and of young people about their future. Apparently, the image of an adult, place of knowledge and guide for the younger ones doesn't show the consistency that it had in the past and few seem to be the possible models of admiration available for today's young people. The meaning of being an adult and occupying that place seems to lean toward a work and a construction exclusively personal and individual.

Key words: adults, youth, contemporary, values.

INTRODUÇÃO

O conceito de adolescência, tal como concebemos atualmente, é uma construção relativamente recente e, de acordo com diversos autores que buscam estudar este fenômeno, trata-se de uma construção tipicamente moderna. Não que a puberdade, com suas mudanças físicas e psicológicas, já não existisse em outras épocas e universalmente, mas a adolescência como um modo de ser e de viver próprios e como objeto de estudo científico surge apenas na civilização do século XX. Os autores que se debruçam sobre a adolescência observam o quanto, em outros tempos, uma pessoa entre quinze a dezessete anos já levava exércitos à batalha, comandava navios, ou exercia atividades e funcionava conforme um padrão adulto. O mesmo não ocorre no momento histórico atual, no qual grande parte dos jovens das idades acima permanece dependente dos pais ainda por muito mais tempo, sem assumir o lugar e a condição de adulto. Assim, se houve épocas e lugares nos quais a adolescência não era considerada, este período da vida foi progressivamente estendido com sua concomitante valorização. De fato, em nossas sociedades, todos querem ser jovens e a cultura e a estética adolescentes já não se restringem mais a fase que as inaugurou.

Condizente com o discurso médico e pedagógico, dentro das teorias psicológicas, o conceito apareceu como tratando de um fenômeno universal e a-histórico. Maria Rita de Assis César (2000) observa que estes discursos apresentavam uma compreensão biologizante da adolescência na qual o substrato natural era inquestionável, marcando-a como uma época em que os jovens “adoecem” naturalmente. Com certo consenso entre os teóricos, a psicologia identificou alguns fenômenos e comportamentos recorrentes nos

indivíduos desta fase como as transformações da identidade, a formação de grupo de pares, o ímpeto questionador e transgressor, a elaboração de um projeto de vida.

Não é objetivo de nosso trabalho uma pesquisa conceitual e teórica sobre esta fase da vida, entretanto, acreditamos ser necessário nos aproximarmos dos debates atuais a respeito da adolescência e nos aprofundarmos neste conceito relativamente novo para não incorreremos ao risco de uma visão simplificada da realidade, na qual o psicobiológico sobreponha-se ao histórico-cultural ou, inversamente, seu contexto histórico apague as questões que circundam a constituição de uma identidade adulta.

Assim, durante a primeira parte de nosso trabalho, dedicar-nos-emos a refletir sobre o conceito de adolescência a partir de seu histórico; dos dois discursos que marcam esta fase da vida em nossas sociedades – o de sua patologização e o de sua idealização; da idéia da adolescência como uma forma de passagem para a idade adulta, forma esta característica das sociedades contemporâneas; além da falta de critérios claros que demarcam este período, em especial, o seu fim. Os autores utilizados para esta reflexão foram selecionados a partir de sua pertinência nos estudos atuais sobre a adolescência e, entre eles, encontram-se: Jean Piaget, Erik Erikson, Arminda Aberastury e Mauricio Knobel, Guillermo Carvajal e Contardo Calligaris, Edgar Morin, Phillippe Ariès, entre outros. A necessidade de recorrer a vários autores, com posições teóricas diferentes, é decorrência do nosso objetivo, qual seja, trazer uma visão mais ampla desta fase, evitando que os aspectos sociais sejam ignorados, ou que os processos psicobiológicos, subestimados.

Cabe observarmos que, na presente pesquisa, utilizaremos o termo adolescente e jovem como sinônimos, ambos se referindo a indivíduos que se encontram neste período de transição entre a infância e a idade adulta. Apesar das recentes discussões a respeito da

nomenclatura mais adequada para designar os indivíduos desta faixa etária – muitas vezes derivadas de questões políticas e não apenas teóricas – optamos por esta convenção, devido à sua viabilidade expositiva e como recurso suficiente para a confecção do trabalho, ora em referência.

Pensando que uma das grandes marcas da adolescência diz respeito a este período de espera, no qual já se ganhou certas autonomias em relação à infância, mas ainda elas são restritas se comparadas ao adulto, parece-nos claro que, um dos aspectos presentes na relação do adolescente com o mundo adulto se dá a partir da expectativa de um papel que, futuramente, o jovem será convocado a desempenhar. Neste sentido, cabe nos perguntarmos de que forma esta expectativa é vivenciada pelos adolescentes. O que significa para eles tornarem-se adultos? Que imagens carregam deste lugar? Se, como aponta Contardo Calligaris (2000), a finalidade da adolescência é conseguir permissão para fazer parte da comunidade, nada mais coerente do que investigar o que estes adolescentes pensam sobre “ser adulto”.

Por outro lado, este mundo adulto não existe apenas como uma expectativa futura para o jovem, mas se dá no presente, visto os adolescentes já se relacionarem com este mundo, composto por pais, professores, profissionais, políticos, artistas, entre outros. A importância em investigar tais relações não apenas é evidenciada pelas diversas pesquisas realizadas em torno de temas como autoridade, identificação, indisciplina, inserção no mercado de trabalho, projeto de vida, entre outros, como também é reforçada pelo fato de as perspectivas dos jovens em se tornarem adultos terem estreita relação com o mundo vivenciado no presente e com os modelos de adulto que o habitam.

Estas relações entre adolescentes e adultos, no entanto, não são estáticas no tempo, nem na geografia, nem nas diversas classes sociais. Ser pai e filho, por exemplo,

não é a mesma coisa, em muitos aspectos, nos EUA e na China, difere entre o adolescente do campo e o da cidade, transformou-se da idade média aos tempos modernos.

Estas transformações nos interessam especialmente no que dizem respeito àquelas ocorridas no tempo e na história. Estamos nos referindo às modificações que culminaram na modernidade e, mais recentemente, naquilo que alguns autores preferem denominar de mundo pós-moderno. Thiago Drumond Moraes & Maria Lívia do Nascimento (2002) explicam que entre os séculos XVII e XVIII um novo modo de organização social emerge, tendo como base o mundo calcado no discurso do Iluminismo, na introdução do capitalismo fabril e na organização e gestão do Estado pela classe burguesa. A emergência do poder disciplinar é concomitante à revolução social que inaugura a modernidade, trazendo uma forma bastante particular de conceber e produzir corpos e subjetividades. Moraes & Nascimento (2002, p. 93) escrevem que

O poder disciplinar tem como princípio a formação de corpos úteis, bem esquadrihados, domesticados, treinados e preparados para a produção e o futuro (...) É assim que o poder disciplinar inaugura a sociedade da norma, do normal, do padrão, do comportamento que opera em função do modelo – um controle que se dá e se interioriza nas pessoas em função daquilo que elas deveriam ser.

Este modo de organização baseado na disciplina é posto em questionamento por movimentos de expressão e liberdade que eclodem nas décadas de 60/70. A recusa ao poder disciplinar rejeita também as identidades fixas e esta proposta abrange diversas esferas da vida social: Estado, família, trabalho, escola, hospitais e etc.

O próprio capitalismo se transforma, expandindo e intensificando o processo de globalização que já vinha ocorrendo em séculos anteriores, demandando o alargamento de fronteiras, a circulação do capital, o aumento da velocidade. Podemos dizer que a

constituição do indivíduo contemporâneo também está submetida as mesmas leis que regem o mundo atual. A fluidez das estruturas sociais, da informação, do tempo e espaço, parecem também ter delimitado o sujeito ideal da sociedade contemporânea. Ele deve possuir uma identidade tão fluida quanto as oscilações do mercado e da moda. Deve se transformar acompanhando as constantes oscilações dos valores, ideais e necessidades do mundo. Em concordância com esta idéia, José Sterza Justo (2005, p. 31) escreve

A sociedade não requer mais aquele sujeito reto, parado, coerente, previsível, controlado, comedido, estável, persistente, organizado, uno, indivisível... Requer, ao contrário, um sujeito plástico, flexível, criativo, fragmentado, múltiplo, difuso, impulsivo, intempestivo, incontrolável e aventureiro. Um sujeito que possa transitar de um lugar a outro, de um sentimento a outro, de um produto a outro, migrando também internamente, percorrendo todos os seus espaços interiores, alargando o máximo possível suas possibilidades afetivas, cognitivas e executivas, acelerando ao extremo o ritmo de seu funcionamento.

Este novo sujeito contemporâneo, plástico, flexível, também criou novas formas de relacionamentos e de pensá-los. O consumo, a inversão da ordem disciplinar e autoritária para um sistema personalizado, a flexibilidade que acompanha os papéis sociais, a noção de tempo e espaço alterados, o individualismo, o enaltecimento do “eu”, o ideal de liberdade, de juventude, a vida privada em ascensão são algumas das importantes marcas que a contemporaneidade carrega e, imagens até então solidificadas pelo tempo e pela tradição, começam a se alterar e, em alguns aspectos, ruir.

Dois protagonistas deste cenário são objeto de nossas análises: os adolescentes e os adultos. A imagem dos últimos como guia e referência para os mais novos sempre se pautou por uma valorização da sabedoria, do passado e da tradição. Para Hannah Arendt (1972), a crise atual da educação se deve, em parte, pelos educadores não se reconhecerem como autoridade diante de seus alunos, sendo que é a partir da autoridade

que os mais velhos servem de representantes de um mundo pelo qual as crianças devem vir, um dia, a assumir a responsabilidade. Nos questionamos nesta pesquisa se a própria imagem do adulto não tem sofrido certo esvaziamento, tanto no que se refere ao seu valor como modelo às gerações mais novas, como à própria falta de adultos que assumam este papel de autoridade – no sentido atribuído por Arendt –, de guia, em suma, de responsabilidade frente a formação das crianças e dos jovens.

Entendemos que as transformações propiciadas pela modernidade e pela pós-modernidade marcam as relações entre os mais novos e os mais velhos de forma a gerar tantos desencontros evidenciados pelas pesquisas, pelos estudos, pelas notícias que circulam em nossos tempos. Entender estes desencontros é fundamental quando dizem respeito a uma formação sólida e crítica dos jovens, essencial no processo de renovação social.

Pretendemos em nosso trabalho considerar estas marcas das sociedades capitalistas e urbanas contemporâneas nas relações que o jovem de hoje estabelece com o mundo adulto, seja como uma perspectiva futura, seja a partir da imagem que carregam dos adultos de hoje. Para tanto, dedicaremos a segunda parte do trabalho para pensar o adulto, bem como a sua relação com o adolescente, trazendo pesquisas que têm sido feitas, além de pensadores que buscam entender o impacto dessas mudanças da contemporaneidade na subjetividade dos indivíduos.

Por fim, a partir do que tiver sido exposto durante a parte teórica, nós dedicaremos um capítulo para explicitar nossa pesquisa, seus objetivos e as relações desta com as discussões teóricas sobre a contemporaneidade. Entendemos que nosso objetivo é duplo: de um lado, investigar quais são as concepções adolescentes sobre “tornar-se adulto” e, de outro, compreender como os adolescentes vêem e avaliam os adultos de

hoje, sendo que estes entendimentos podem auxiliar na compreensão da adolescência na contemporaneidade, além de apontarem direções para uma formação mais cuidadosa do adolescente. Investigar a imagem sobre o que significa “ser adulto” para estes jovens, não apenas nos fornece instrumentos para pensarmos os modelos que os adultos têm oferecido – e, neste sentido, de que forma vêm se responsabilizando pela formação e pelo cuidado para com estes indivíduos –, como também nos diz da perspectiva ética que estes jovens apresentam atualmente.

1) O CONCEITO DE ADOLESCÊNCIA

1.1) O INÍCIO DA ADOLESCÊNCIA: CONSTRUINDO CONCEITOS, CONSTRUINDO IMAGENS

Falar sobre a adolescência é contextualizá-la historicamente, visto que a imagem de um indivíduo em crise, instável, contraventor, propenso a riscos nem sempre existiu, pelo menos na forma de um conceito que identificasse os indivíduos desta faixa etária.

Apesar do conceito de adolescência datar do início do século XX, já haviam surgido nas artes e na história personagens que apresentavam características típicas da adolescência como a inquietude, a instabilidade de um estado que não é criança, nem adulto, a alegria de viver e espontaneidade. Edgar Morin (1969) crê que o esboço do adolescente surge já na antiguidade a partir do efebo ateniense. O efebo é uma denominação da Grécia antiga para os adolescentes da época, cuja característica principal eram seus aspectos andrógenos: a beleza física semelhante a de uma mulher, porém sem que o indivíduo apresentasse comportamentos estritamente femininos ou menos viris.

Denise D'Aurea-Tardeli (2006) acredita que os filósofos gregos da Antiguidade já deviam ter observado a existência de um período da vida da criança no qual esta começa a ficar mais inquieta, a questionar os pais, a ter desejos sexuais. No entanto, por tais comportamentos serem concebidos como atos isolados, por curto período de tempo, não demandaram maior interesse de tais pensadores em relação a este tema. Mesmo na Idade Média, a autora afirma que os poucos tratados científicos que se preocupavam em definir cada período da vida com suas características físicas, se restringiam a uma terminologia bastante genérica e descritiva de infância, juventude ou senilidade.

Para diversos autores, a emergência da adolescência mostra-se relacionada à gradual e crescente eliminação da iniciação ritualizada nas sociedades ocidentais. Se nas sociedades primitivas os ritos de passagem marcavam de forma clara a integração da criança na sociedade dos adultos, a ausência ou diluição destes ritos nas sociedades modernas acabaram por tornar o acesso à idade adulta abrandado.

A emergência da escola, tal como estruturada atualmente, também teve importante papel na consolidação desta classe de idade, principalmente, porque a categoria adolescente esteve sempre associada à categoria estudante. Grande parte desta relação entre escola e adolescência pode ser atribuída à crescente complexidade da produção econômica e social das nossas sociedades. A necessidade de preparação dos indivíduos para assumir papéis cada vez mais complexos e a exigência de um tempo prolongado de instrução foi confiada à escola.

Adélia Clímaco (1990) ainda acrescenta que a própria extensão do período de vida da espécie determinou a extensão das etapas formativo-educativas. Na medida em que a etapa ativa do indivíduo tem maior duração, também se estende o período da juventude.

As teorias científicas tiveram grande contribuição na consolidação do fenômeno da adolescência ao passarem a vê-la como uma etapa natural do desenvolvimento do indivíduo. No início do século XX, o conceito se torna recorrente nos discursos médicos, pedagógicos e psicológicos e várias ciências se voltam para a adolescência e tentam compreender e descrever o significado deste momento. Mas para César (2000), desde sua invenção pelo discurso científico, a idéia da adolescência teve como objetivo último a constituição de um adulto ideal, disciplinado e feliz, o que, concomitantemente, produziu o seu avesso ou seus duplos negativos: os delinquentes, os perversos e os rebeldes. A

idéia da adolescência como época de *crise*, e a correspondente necessidade de preocupação e prevenção de patologias e delinqüências associadas a esta fase da vida, fizeram com que os discursos científicos sobre a adolescência não apenas a evidenciassem como também a patologizassem.

Se podemos, por um lado, identificar a construção de uma imagem embasada pelos discursos científicos do “adoecimento” ou do “aborrecente”, na qual os aspectos negativos e preocupantes são evidenciados, outro discurso se apresenta, em oposição, enaltecendo as características da adolescência como a beleza, a espontaneidade, o caráter renovador que marcam as novas gerações. Calligaris (2000) chega a classificar a adolescência na condição de mito, tamanha a força deste ideal em nossas sociedades.

A diluição dos ritos de passagem, o progresso tecnológico, a extensão da vida escolar, a especialização do trabalho nas sociedades contemporâneas e o aumento da expectativa de vida tornaram a fase da adolescência cada vez mais acentuada e consciente. No entanto, foi com a cultura de massa que a adolescência se consolida como um modo de ser e viver próprios e adquire uma cultura que a espelha.

Morin (1969) afirma que foi por volta da metade do século XX que as diversas tendências individuais da estética adolescente se conjugaram em uma consistência sociológica. Com a cultura de massa, os adolescentes encontraram um estilo estético-lúdico que reforçava valores privados, enfatizava o individualismo, preocupava-se com os temas do amor e da felicidade e admirava a aventura. Morin (1969, p. 161) escreve: “Na América, na U.R.S.S., na Suécia, na Polônia, na Inglaterra, na França, em Marrocos, vemos uma tendência comum aos grupos de adolescentes a afirmar sua própria moral, arvorar seu uniforme (*blue jeans*, blusões, suéteres), a seguir sua própria moda, a reconhecer-se nos heróis”.

Para Philippe Ariès (1978), a idéia da juventude como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha, já se percebia no período romântico. De fato, observamos que no movimento artístico do romantismo – que domina a primeira metade do século XIX – as novas gerações buscavam opor-se ao espírito racional dos clássicos e, com um movimento literário baseado na imaginação e no sentimentalismo, quebravam as normas e os modelos da literatura antecedente. Além disso, o romantismo foi considerado a arte do sonho e da fantasia, valorizando as forças criativas do indivíduo e da imaginação popular, características que, mais tarde, foram associadas à imagem adolescente. No entanto, Ariès (1978) observa que esta rebeldia romântica ainda se limitava à literatura e àqueles que a liam. Apenas após a guerra de 1914, com a oposição dos excombatentes às velhas gerações, que a consciência da juventude tornou-se um tema geral e banal. A partir deste momento, a adolescência apenas tenderia a se expandir, comprimindo progressivamente a infância e a idade adulta. Como aponta Ariès (1978, p. 47) “passamos de uma época sem adolescência a uma época em que a adolescência é a idade favorita. Deseja-se chegar a ela cedo e nela permanecer por muito tempo”.

Este novo discurso – o da idealização da adolescência – parece ter como pano de fundo o apoio de uma sociedade de consumo, o discurso da contemporaneidade, no qual o veloz, o novo, o futuro é privilegiado em detrimento do passado e da tradição. Nossas sociedades apontam para uma subida universal dos jovens na hierarquia, nas quais um novo padrão busca uniformizar o estilo, a estética, os comportamentos de crianças, jovens e adultos. Como bem analisa Morin (1969, p. 158), a cultura de massas estabelece um novo modelo do homem, cuja máxima é a busca por juventude e por beleza: “É o homem e a mulher que não querem envelhecer, que querem ficar sempre jovens para sempre se amarem e sempre desfrutarem do presente”.

Vemos que, ao idealizar a adolescência, novamente há uma polarização entre o lugar adolescente e o lugar adulto baseado naquilo que seria positivo ou negativo, mas, desta vez, o jovem ou a juventude é tido como o almejado e, ao lugar adulto, fica reservado aquilo que é da ordem do indesejável, do ultrapassado. A oposição apresentada entre o que é bom ou o que é ruim faz perder de vista a contraposição de lugares que verdadeiramente nos parece importante: os jovens ou adolescentes como indivíduos em formação e os adultos como responsáveis por auxiliar nesta tarefa. Parte de nosso objetivo nesta pesquisa é exatamente saber se os adultos de hoje tem assumido a responsabilidade que este lugar comporta, servindo-se como guias dos adolescentes e auxiliando neste processo de formação dos jovens. Entendemos que patologizar a adolescência não favorece em nada o exercício deste papel adulto na medida em que dificulta que os mais novos sejam escutados e respeitados. Por outro lado, a idealização desta fase da vida também sugere a constituição de um adulto que abdica de suas funções tutelares em nome deste ideal, da busca por se manter jovem, atualizado, moderno.

Ambos os discursos sobre a adolescência – o de sua patologização e o de sua idealização – têm consequências práticas na forma de ser, viver e pensar em nossas sociedades, o que justifica ainda mais a conscientização e percepção dos mesmos. A apropriação dos discursos acima pode ser diferente conforme a cultura, a sociedade ou o meio social no qual se esteja inserido, mas eles circulam e, de nossa parte, marcam experiências, ratificam conceitos, influenciam condutas..

1.2.) PASSANDO PELA ADOLESCÊNCIA: A TRANSIÇÃO PARA O MUNDO ADULTO

A adolescência é essencialmente compreendida como um período de transição entre a infância e a idade adulta. Erik Erikson foi o primeiro a falar em moratória ao se referir a esta fase, introduzindo um conceito no qual o aspecto social se mostra fundamental ao se pensar a adolescência. Para o autor, trata-se de um jogo social no qual a personalidade difusa e vulnerável, porém exigente e opinática do adolescente, permite que o mesmo experimente papéis e possa vir um dia a assumir uma identidade adulta. Para este período de experimentações, o autor dá o nome de moratória psicossocial. Erik Erikson (1972, p. 157) define que esta é

um período de espera concedido a alguém que não está apto para satisfazer uma obrigação ou imposto a alguém que deveria fixar-se um prazo de tempo. Assim, por moratória psicossocial entendemos um compasso de espera nos compromissos adultos e, no entanto, não se trata apenas de uma espera. É um período que se caracteriza por uma tolerância seletiva por parte da sociedade e uma atividade lúdica por parte do jovem

No final da moratória, o adolescente estaria pronto para se comprometer com a sociedade e com o mundo adulto. Para o autor, este período concedido aos jovens varia nas diversas sociedades e culturas, mas, em sua maioria, a moratória coincide com aprendizados e aventuras que se harmonizam com os valores da sociedade.

A tendência dos adolescentes a se reunirem em grupos, teria como função auxiliar a individualização adulta e contribuir com esta passagem. Alguns autores (Erikson, 1972; Arminda Aberastury & Mauricio Knobel, 1981; Guillermo Carvajal, 2001) entendem o fenômeno grupal como natural do processo adolescente, comportando importância

transcendental na transição do mundo infantil para o mundo social e adulto. Esta tendência a se reunir em grupo corresponderia a uma estratégia na busca por uma identidade estável e a uma maneira ativa destes indivíduos determinarem uma identidade diferente da do meio familiar. O grupo seria uma garantia de coesão e mesmidade à identidade conflitante do adolescente.

Mas estes aspectos, a crise de identidade e os grupos adolescentes, devem levar em consideração os aspectos históricos e culturais, os quais, em nossas sociedades, oferecem um longo tempo para esta passagem. Calligaris (2000), por exemplo, faz uma crítica a esta moratória imposta aos jovens por crer que é justamente este tempo de espera que mantém ou torna o adolescente inadaptado e imaturo. Para o autor, em nossa sociedade, os adolescentes perdem a segurança do estado de criança, porém esta perda não é compensada por um olhar dos adultos que os reconheçam como iguais. Os adolescentes ficam, então, presos em um “não ser”: não são crianças, nem adultos. Neste cenário, a insegurança toma seu lugar nas vivências do adolescente, gerando grande parte dos problemas associados à identidade e relacionamentos.

Percebemos, portanto, que uma primeira questão, ao discutir a conceituação da adolescência nas teorias científicas modernas, diz respeito à ênfase que se pode dar à sua determinação biológica, psicológica ou cultural. Evidentemente, estes três aspectos se mostram interligados quando nos propomos a estudar qualquer fenômeno humano. No entanto, os atuais autores que discutem a adolescência acabam por enfatizar um ou outro aspecto.

As teorias psicológicas que apontam para a adolescência como um estágio do desenvolvimento humano, explícita ou implicitamente, atribuem a ela um caráter universal, portando algum substrato neurológico ou hormonal. Estas colocam na base da

adolescência as mudanças físicas e psicológicas. De outro lado, temos os autores que defendem o caráter essencialmente histórico da adolescência, considerando questionável tratá-la de forma padronizada, visto suas características serem definidas nas relações sociais, bem como um produto histórico-cultural.

Entendemos, nesta pesquisa, que, na condição de um processo de amadurecimento fisiológico humano, a puberdade trata de um fenômeno universal. Mas, em contrapartida, o fenômeno da adolescência e seus comportamentos associados à crise de identidade contêm forte componente histórico e social e, neste sentido, os cuidados em relação à universalização da adolescência também são importantes para que as diferenças existentes não sejam menosprezadas.

Em sua pesquisa com adolescentes, por exemplo, Clímaco (1990) observa o quanto a necessidade ou não de trabalhar determina, em grande parte, o próprio processo da adolescência. Levando em consideração as grandes diferenças sociais vividas pela nossa população, a autora conclui ser complicado tratar a adolescência de forma padronizada, visto o aspecto social influir enormemente na passagem da infância para a idade adulta. De um lado, encontram-se os adolescentes de classe desfavorecida que, devido à necessidade dos pais contarem com sua força de trabalho, desde cedo, estes jovens convivem com as obrigações e encargos decorrentes da ocupação profissional. Assim, preocupados com sua sobrevivência imediata, pouco experimentam a adolescência como um período de preparação para a idade adulta. De outro lado, observam-se os adolescentes de classe média que, por se verem desobrigados com sua própria sobrevivência, vivenciam a adolescência como um período de preparação para mundo adulto e para a realização de seus projetos futuros. Para estes últimos, apesar de concordarem que esta fase ainda não é o tempo de se dedicarem ao trabalho, mas sim aos

estudos, experimentam um sentimento de vazio e tédio, aliado à insatisfação com relação ao que entendem como um desperdício de seu tempo.

Dizemos que o fenômeno da adolescência comporta forte componente histórico, porém não absoluto, visto entendermos que a transformação da personalidade no período da adolescência é condição necessária para a futura integração no mundo adulto. Jean Piaget & Bärbel Inhelder (1976, p. 260) escrevem que “dizer que a adolescência é a idade da integração no universo social adulto é, portanto, sustentar que é a idade da formação da personalidade, pois essa integração é, sob outro aspecto, necessariamente complementar a construção de uma personalidade”.

Esta passagem não é uma mudança qualquer, supérflua. Ela exige um trabalho psíquico, no qual perdas ocorrem e ganhos advêm. Uma transformação e uma mudança de posição que acompanham aquela da infância para a idade adulta não acontece sem uma parcela de desarranjos, o que faz entender porque tantos teóricos encaminham o conceito de adolescência como sinônimo de crise, instabilidade e confusão. Se pensarmos nas sociedades primitivas, estas passagens eram marcadas por rituais, os quais não raramente também infligiam algum tipo de dor. Morin (1969) afirma que, nestes grupos, a passagem ao estado adulto – com seus respectivos privilégios e responsabilidades – realizava-se segundo ritos altamente institucionalizados, assegurando uma verdadeira morte da infância e um nascimento da virilidade.

Entendemos, portanto, que a necessidade de realizar a passagem de uma situação de dependência a outra de autonomia não é privilégio desta ou daquela sociedade. Porém, a adolescência parece ter se configurado como a forma contemporânea dos indivíduos realizarem esta passagem. Rodolfo Ruffino (2005) entende que, na comunidade tradicional, não se fazia necessário o processo adolescente já que, até então, era a

comunidade – a partir dos laços sociais e dos ritos de passagem – que organizava e materializava esta transição, enquanto, na contemporaneidade, esta passagem se configura como um trabalho psíquico individual e solitário.

Se existe um período de moratória concedido aos jovens – tempo de construção de uma identidade, um lugar, uma imagem, um projeto futuro adulto –, existe também a necessidade de um adulto ao qual o adolescente possa referenciar para criticar, admirar, contrapor, guiar-se. Mas as suspeitas sobre quem é este adulto de hoje e se ele existe como a referencia acima mencionada nos faz perguntar nesta pesquisa se a solidão à qual o jovem é deixado neste processo de se constituir como um ser autônomo também não se dá por uma carência de modelos adultos.

1.3.) O FIM DA ADOLESCÊNCIA?

Se o início da adolescência comporta sinais razoavelmente claros, a grande questão atual se relaciona com o fim desta fase. Afinal, quando o adolescente passa a ser considerado adulto? Como aponta Piaget & Inhelder (1976), se a puberdade aparece aproximadamente na mesma idade em todas as raças e em todas as sociedades, a integração na sociedade dos adultos – critério fundamental da adolescência – pode variar enormemente de uma sociedade para a outra e nos diferentes momentos históricos.

Estabelecer um critério de idade para definir o período da adolescência tem sido importante especialmente no sistema legal, visto as crianças e os adolescentes serem considerados diferentes em relação aos direitos e deveres dos adultos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) estabelece que os indivíduos desta faixa etária apresentam a condição peculiar de serem pessoas em desenvolvimento e, portanto, para

ingressar no mundo adulto, precisam ser protegidos, amparados e orientados, a fim de conseguirem um futuro melhor para si próprios e para toda a sociedade. O ECA define criança como a pessoa de até doze anos de idade incompletos e o adolescente, aquela entre doze e dezoito anos de idade. Por não se tratar de uma definição evidente, outros sistemas estabelecem diferentes idades. A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera adolescente o indivíduo, de ambos os sexos, que tenha idade entre 10 e 19 anos. Já para a ONU, é definido como criança todo ser humano com menos de dezoito anos de idade.

Estas concepções etárias, no entanto, levam em conta, essencialmente, os aspectos cronológicos e as funções biológicas e, impossibilitadas de abarcar toda influência e complexidade cultural e histórica, acabam por gerar controvérsias. Um exemplo atual, diz respeito às definições do ECA. A problemática certamente não se encontra nos principais direitos estabelecidos pelo Estatuto, visto estes fazerem referência aos direitos humanos mais gerais como à vida, à saúde, à liberdade, ao respeito e à dignidade, à convivência familiar e comunitária, à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer, entre outros. Os problemas parecem residir nas medidas de proteção à criança e ao adolescente, já que, pela Constituição de 1988, são penalmente inimputáveis os menores de 18 anos. Os violentos crimes cometidos por adolescentes vêm mobilizando a população no debate sobre quando deve se dar a maioridade penal.

Se a exigência de estabelecer um limite etário é necessária para que as sociedades se organizem, este critério parece não ser suficiente quando nos propomos a compreender o fenômeno da adolescência. Esta falta de limites claros de quando se dá a passagem da adolescência para a idade adulta mostra-se relacionada à progressiva diluição e ausência dos rituais de passagem característicos das sociedades primitivas. Estes ritos, que

variavam dos mais simples aos mais severos, estabeleciam de forma explícita quando o indivíduo poderia ser considerado um adulto e, mais ainda, eram claros os direitos e deveres a que este indivíduo estaria submetido. Fixava-se assim a passagem de uma condição de dependência a uma de autonomia. No entanto, as sociedades ocidentais eliminaram progressivamente este tipo de iniciação ritualizada e, a esta falta, correspondeu à indefinição de quando se daria a integração do indivíduo na sociedade dos adultos. Para Benedito Rodrigues dos Santos (1996), a ausência ou diluição destes ritos, associada à falta de modelos e à indefinição de papéis claros – verificadas nas sociedades contemporâneas –, dificulta o processo de identificação da criança. Esta dificuldade contribui com a configuração de uma fase de transição e conflito: a adolescência.

Calligaris (2000) salienta que, aliado à ausência de ritos de passagens, a cultura moderna ocidental sofre da indefinição do que significa ser um adulto, dificultando na delimitação de quando o adolescente poderia ser considerado como tal. Calligaris (2000, p. 21) escreve

De certa forma, a moratória da adolescência é o fruto dessa indefinição. Numa sociedade em que os adultos fossem definidos por alguma competência específica, não haveria adolescentes, só candidatos e uma iniciação pela qual seria fácil decidir: sabe ou não sabe, é ou não é adulto.

Certamente, esta não é a situação atual, na qual, não apenas os parâmetros para esta passagem acabam sendo muito mais subjetivos e variando consideravelmente entre as diferentes classes sociais, como a imagem adulta talvez não tenha a clareza que possuía no passado. A pertinência de se falar em um novo adulto, incerto, difuso, é parte do objetivo desta pesquisa, visto a importância de saber de que forma este possível novo adulto reflete na própria formação dos jovens e no acesso dos últimos à vida adulta.

2) OS ADULTOS E A CONTEMPORANEIDADE

Buscamos, inicialmente, compreender o adolescente, tal como ele se apresenta nos discursos que circulam em nossas sociedades. Agora, o inverso se faz necessário e os adultos se tornam objeto de nossas reflexões. Compreender a forma como os nossos jovens têm pensado o lugar adulto e o adulto de hoje é auxiliar na compreensão da própria adolescência e, se esta pergunta é importante, as razões se encontram justamente nas transformações que vêm ocorrendo nas relações entre os mais novos e os mais velhos e o quanto estas mudanças estão ajudando ou comprometendo a formação daqueles que virão a assumir, como adultos, a responsabilidade de cuidar do mundo.

Quando falamos em adulto, alguns podem nos perguntar, pertinentemente, de que adulto se está falando, pois não apenas os jovens se relacionam com adultos pais, adultos famosos, adultos profissionais, adultos professores, adultos desconhecidos, como cada relação apresenta sua particularidade. Sim, concordamos que as relações não são as mesmas, mas, para o tipo de avaliação que pretendemos que o jovem realize – a qual, em última instância quer saber o quanto os adultos são sentidos como guia das gerações mais novas – parece que as diferenças importam menos quando referidas ao lugar adulto e mais com a particularização dele. Explicando melhor, se pergunto a um adolescente a imagem que possui de *seu* pai, ou *sua* mãe, ou de determinado político ou professor a resposta pode ser muito diferente de se perguntarmos dos pais em geral, ou das mães em geral, ou dos políticos e professores em geral. Mas entendemos que os adultos e, neste caso, sejam eles pais, professores, do mundo público, vêm apresentando algumas marcas na contemporaneidade que os diferem do lugar que tradicionalmente ocupavam, qual seja, lugar de saber, de guias, de cuidadores confiáveis do mundo. Assim como é possível

identificar um discurso do adolescente em geral, acreditamos também ser possível perceber uma imagem do adulto em geral, apesar de talvez a tarefa ser menos evidente no último caso. Mas, conseguindo identificar estes elementos, a importância para a compreensão da adolescência e de aspectos de sua formação parece-nos inegável.

Para tratar dos adultos na contemporaneidade, precisamos percorrer algumas questões na esfera da família, da escola, bem como dos adultos que compõem o mundo público e o dirigem. Além disso, há necessidade de tratar de certas marcas do sujeito contemporâneo que configuram um novo homem e, conseqüentemente, um novo adulto. Sobre estes aspectos que trataremos neste momento, mas, antes disso, cabe fazermos algumas definições e distinções a respeito do mundo público e do mundo privado para clarificar as futuras análises.

2.1) O MUNDO PÚBLICO E O MUNDO PRIVADO

Apesar de existirem universos nos quais esta divisão não se faz de forma tão rígida, a cisão entre um mundo privado e um mundo público pode ser vivenciada pelo homem contemporâneo e isto se deve, pelo menos em grande parte, devido às transformações ocorridas na família.

Para Áries (1978), na Idade Média, mais do que um espaço e tempo de solidão e intimidade, a função da família correspondia à transmissão da vida, dos bens e dos nomes. Além disso, as crianças, já muito cedo, em torno dos sete anos, se misturavam ao mundo dos homens, participando do trabalho e dos jogos que envolviam toda comunidade, sendo que, muitas vezes, eram criadas fora do núcleo familiar. A família moderna, ao contrário, não apenas retirou do convívio social as crianças e parte do tempo

e preocupação dos adultos, como também correspondeu a uma necessidade de intimidade. A esfera da vida privada passa a ser possível, a partir do momento em que as famílias se fecham e se colocam em oposição ao mundo exterior. Como aponta Ariès (1978), o sentimento de família não pode se desenvolver quando a casa está muito aberta ao exterior. Ela exige, ao contrário, um espaço para a privacidade, para a intimidade e para os segredos. A casa moderna surge quando sua organização passa a corresponder a uma preocupação de defesa contra o mundo, mantendo, cada vez mais, a sociedade afastada.

Em contrapartida, público veio a significar à vida que se passa fora da família e dos amigos íntimos. Para Richard Sennett (1988), no século XVIII, com o desenvolvimento das cidades e de redes de sociabilidade que prescindiam do controle real direto, aumentaram os locais onde pessoas estranhas se encontravam regularmente. Assim, a região pública passa a ser a esfera na qual grupos sociais complexos e díspares seriam forçados a entrar em contato, sendo o centro desta vida pública a capital. O autor entende que o “universo das relações sociais” passava a compreender, de um lado, o terreno onde se faziam as exigências da civilidade – encarnadas pelo comportamento público e cosmopolita – e, de outro, as exigências da natureza, encarnadas pela família.

Jurandir Freire Costa (1984) aborda as definições estabelecidas pela Escola de Frankfurt a respeito da esfera pública e privada e sua relação com a identidade, as quais são pertinentes ao presente tópico. De acordo com os teóricos de Frankfurt, os indivíduos da sociedade ocidental capitalista experimentam uma dupla dimensão das relações sociais. De um lado, encontra-se a “esfera do público”, na qual cada um elabora sua “identidade pública”, a qual é regida por leis mais ou menos impessoais e, em princípio, de validade para todos. Trata-se do universo da cidadania, da posição econômica e do prestígio social conquistado na hierarquia da sociedade. De outro lado, há a experiência

da “esfera do privado” e, neste âmbito, se constitui a “identidade privada”. Neste terreno, a base da identidade são os afetos e as emoções ligadas ao amor e ao sexo e, nesta esfera, encontram-se a família e a casa, lugares nos quais as regras se distanciam daquelas funcionais e impessoais do mundo público.

A escola estaria entre estes dois domínios. Na realidade, ela seria a instituição principal responsável por esta passagem no momento da formação da criança e do adolescente. Arendt (1988) entende que é a partir da escola que a criança é introduzida no mundo pela primeira vez, mas faz a ressalva de que se esta instituição representa o mundo, ela não deve fingir sê-lo. Desta forma, a autora classifica a escola como pertencendo ao âmbito pré-público, no qual as socializações mesclam-se entre aquelas referentes ao âmbito privado e às do público.

2.2) OS ADULTOS DO MUNDO PRIVADO E PRÉ-PÚBLICO DO ADOLESCENTE

a) A Sabedoria

As transformações ocorridas no último século, alteraram de forma significativa as posições entre ambas as gerações, trazendo questões significativas, especialmente no campo da educação. Se as sociedades tradicionais traziam um modelo de vida baseado no passado e nas tradições, também existia uma hierarquia entre um saber adulto – já definido previamente – e a aceitação deste saber por parte dos jovens. Os mais velhos eram quem orientavam e diziam aos mais novos como a vida deveria ser vivida. Esta

relação – até então natural e inquestionável – passou por transformações com o advento da modernidade as quais se tornaram objeto de reflexão por parte de muitos pensadores.

Morin (1969) denomina este movimento de desvalorização da velhice de degerontocratização. Estas mudanças estão em estreita ligação com a importância concedida à sabedoria portada pelos mais velhos, garantindo, nas sociedades antigas, um lugar privilegiado àqueles que, pelo acúmulo de experiências, poderiam se situar nas tarefas de mando. No entanto, as sociedades ocidentais capitalistas destronaram a experiência acumulada de seu lugar fundamental, ao enfatizar a transformação acelerada, impelir à adesão ao movimento, valorizar as novas idéias, a força física, a destreza ou, em última instância, a juventude. Morin (1969, p. 153) escreve: “A experiência dos velhos se torna lengalenga desusada, anacronismo. A “sabedoria dos velhos” se transforma em disparate. Não há mais sabedoria”.

Christopher Lasch (1983) corrobora esta idéia e acrescenta que, não apenas as nossas sociedades perderam este conceito de sabedoria, como o conhecimento adquire importância apenas do ponto de vista instrumental. Com o avanço tecnológico, aliado à dinâmica do consumo, o conhecimento torna-se constantemente obsoleto e, portanto, intransferível.

Retirando o valor da experiência resta muito pouco para os mais velhos transmitirem aos mais novos. A quantidade de especialistas que procuram informar – ou dar uma receita – aos pais sobre a maneira certa de educar é um exemplo do quanto a sabedoria tem se distanciado da idéia de experiência.

Interessante observar alguns programas de sucesso que têm sido veiculados internacionalmente. Em “Os Simpsons”, série de desenho animado que satiriza os comportamentos americanos a partir das histórias de uma família suburbana do meio-

oeste norte-americano, a figura do chefe da família é representada pelo conhecido e hilário Homer Simpson. Em clara oposição à quase mítica representação do pai, lugar de saber, autoridade e respeito, Homer pode ser definido como um “bobão”: a ridicularização incide tanto na falta de inteligência, ignorância e imaturidade de Homer, quanto a respeito de sua aparência física. Seus gostos são também uma sátira do típico americano que adora donuts, é bebedor assíduo de cerveja, e seu programa preferido é ficar horas na frente da televisão ou dormir. Apesar da imagem do adulto, como guia das gerações mais novas, ser representada por vezes a partir da figura materna, Marge Simpson, pensamos que personagens como Homer fazem referência a um novo discurso em nossas sociedades, qual seja, de adultos que deixam (ou que deveriam deixar) de ser objeto de admiração e respeito, lugar de saber e de guia dos mais novos.

Neste sentido, cabe observarmos nesta pesquisa se esta é uma imagem restrita à ficção ou, ao contrário, recorrente entre os adolescentes. Será que os adolescentes consideram os adultos de hoje pessoas sábias, ou maduras, ou éticas, ou responsáveis, ou confiáveis? Estas perguntas fazem parte de nossa pesquisa e, em última instância, visam observar se os adultos de hoje são figuras inspiradoras de respeito e admiração pelos jovens. Para Morin (1969, p. 157), os modelos de identificação e as funções tutelares foram transferidos da família e do homem maduro para os deuses de carne e heróis da cultura de massas: “O velho sábio virou o velhinho aposentado. O homem moderno virou o “coroa”. O pai decaído ou amigável desaparece num fundo acinzentado no imaginário cinematográfico. A mulher está presente em toda parte, mas a mãe envolvente desapareceu”.

b) A Autoridade

Foi no contexto da Roma Antiga, na qual a fundação da cidade de Roma tinha um caráter sagrado e sua preservação para as gerações futuras se apresentava como obrigatória, que a palavra e o conceito de autoridade apareceram originalmente. Os dotados de autoridade eram os anciãos, o Senado ou os *patres* e este lugar era obtido por descendência ou transmissão, ou seja, era a partir da tradição que o passado – cuja dimensão era da ordem do sagrado – era transmitido de uma geração para a outra. (Arendt, 1972)

Arendt (1972) argumenta ser possível afirmar uma perda da autoridade no mundo moderno, sendo que esta crise se constitui como a fase final de um processo longo que solapou a religião e a tradição.

Yves de La Taille (1999) define que alguém possui autoridade quando os enunciados deste são considerados legítimos por parte de quem os ouve e os obedece. Trata-se, portanto, de uma relação hierárquica legitimada tanto por aquele que se situa na base desta relação, como por aquele que está no topo.

Parece-nos que a grande questão que se situa na esfera da educação de crianças e adolescentes a respeito da autoridade, corresponde a uma atual falta de legitimação – por parte dos mais novos e também dos mais velhos – de uma relação hierárquica entre pais e filhos, professores e alunos.

Para Arendt (1972), a dificuldade atual do educador é que dele é exigido um respeito extraordinário pelo passado – visto seu ofício servir como mediador entre o velho e novo – enquanto este profissional vive num mundo no qual a crise da autoridade

está em estreita conexão com a crise da tradição, ou seja, com nossa atitude frente ao passado. Arendt (1972, p. 245-246) escreve

O problema da educação no mundo moderno está no fato de que, por sua natureza, não poder esta abrir mão nem da autoridade, nem da tradição, e ser obrigada, apesar disso, a caminhar em um mundo que não é nem estruturado pela autoridade nem tampouco mantido coeso pela tradição.

Em sua dissertação de mestrado, Luciana Fevorini (1998) busca estudar as representações de autoridade em professores de 1º e 2º graus de escolas públicas e privadas e observa que, não apenas estes não têm clareza sobre o que é uma relação autêntica de autoridade, como revelam ter pouca dimensão de qual é seu papel social, ou seja, o objetivo do ensino volta-se unicamente para o desenvolvimento do indivíduo e não visando a inseri-lo e a colocá-lo criticamente em confronto com a sociedade. Revela-se, portanto, a pouca consciência de que toda atividade educacional tem compromisso com o passado, como entende Arendt (1972). Além disso, boa parte dos professores associa respeito e autoridade com a obediência livre e espontânea por parte dos alunos. Na opinião da autora, com esta atitude, não apenas os professores abrem mão de dar ordens, como também não buscam ter influências sobre o comportamento e aprendizagem dos alunos.

Dentro da família, as coisas não se passam de forma muito diferente. Roseli Sayão & Julio Aquino (2006) concordam que a questão da autoridade se transformou no calcanhar de Aquiles da contemporaneidade. Os autores crêem que a tentativa de fazer diferente de seus antecessores – no qual o exercício da autoridade era acompanhado de uma dura disciplina – resultou em certo pavor dos adultos de hoje em serem autoritários, o que instigou a idéia de tentar que os filhos obedeçam aos argumentos dos pais por

adesão e não por respeito à autoridade. Sayão & Aquino (2006, p. 63) criticam esta postura, pois, além de considerarem inútil a tentativa de convencer aos mais novos o quanto seria bom obedecer, os autores reforçam que nem sempre é possível compreender aquilo que se deve obedecer: “a obediência nem sempre precisa vir acompanhada do esclarecimento e do consentimento imediato daquele que obedece. É necessária uma trégua, um intervalo de confiança entre ambos para que, mais tarde, se possa compreender a razão de obedecer aos mais velhos”.

Para Sayão & Aquino (2006), na família autoritária, havia a segurança do modelo único, mas por outro lado os papéis e as funções sociais eram rigidamente construídos e determinados. Hoje, os pais têm a liberdade e possibilidade de construir a função e o papel de cada um de acordo com seu próprio perfil e o do filho, mas em contraposição isto acarretou uma enorme instabilidade. Angustiados a respeito de seu papel, os pais se vêem perdidos diante de tantas informações – que estão muito longe de serem unânimes – e se sentem impotentes e incapazes de cuidarem e ensinarem as lições mais elementares de se viver no mundo.

Em nossa pesquisa, buscaremos avaliar o quanto os jovens de hoje legitimam esta relação hierárquica de autoridade com os adultos. Se nossos jovens crerem que devem pouca ou nenhuma obediência aos adultos, é possível que esta legitimidade esteja em questionamento, sendo que as razões podem ser buscadas nas transformações estruturais ocorridas em nossas sociedades com relação ao saber dos mais velhos. Por outro lado, a falta de confiança e/ou admiração de nossos adolescentes em relação aos adultos – objeto de nossa pesquisa – pode indicar que não se trata de questionar qualquer relação de autoridade, mas que os nossos jovens não a deleguem para *estes* adultos em questão. Será que os adolescentes consideram os adultos de hoje merecedores deste lugar de

autoridade? Esta última hipótese será reforçada caso os nossos sujeitos acreditem dever obediência aos adultos, mas avaliem mal os adultos de hoje.

c) A “Simetrização” das Relações Sociais

Em concordância com a desvalorização da experiência e complementar ao declínio da autoridade em nossas sociedades, a “simetrização” que vêm acompanhando as relações sociais apresenta-se como um outro aspecto que marca as relações do adolescente com os adultos.

A maleabilidade dos papéis sociais – entre eles os de pais, professores, adultos e etc. – faz parte da democratização que acompanhou o projeto moderno e que permitiu movimentos importantes, nos quais o questionamento das posições instituídas socialmente propiciou uma liberdade maior dos papéis sociais. O outro lado desta maleabilidade foram as incertezas geradas quanto às identidades instituídas. Como aponta Gilles Lipovetsky (2005, p. 27), “quem pode prever o que irão significar os termos mulher, criança, homem e de acordo com que figuras heteróclitas eles irão se distribuir daqui alguns decênios?”. Certamente, não há nada de reprovável na busca por posições de igualdade, implícitas nos movimentos de libertação da mulher, na expressão dos homossexuais, propondo os mesmos direitos e deveres para todos, independente do sexo, opção sexual, classe social e etc. Mas, tomando a ressalva de Arendt (1972), sobre a distinção da esfera pública e da privada, é possível fazermos algumas considerações a respeito desta busca por “simetrização” no âmbito da família e da escola, locais privilegiados em nossas sociedades para a formação e educação de crianças e jovens.

Julio Aquino (1995) realizou uma pesquisa com alunos e professores de escolas de 1º, 2º e 3º grau, com o objetivo de analisar as diferentes modalidades de apreensão da relação professor-aluno. Alguns dados acerca das representações dos vínculos no decurso da escolarização merecem destaque por contribuírem com as questões emergentes na presente pesquisa. Uma primeira análise feita pelo autor, diz respeito ao esforço imaginário por parte dos alunos de similarização entre os diferentes lugares. Aquino (1995) demonstra a existência de uma representação bastante pautada na imagem do “professor amigo”, refletindo o esforço de intimidade e identificação e de nivelamento entre os lugares instituídos. Muitas vezes, os professores são qualificados positivamente, não por exercerem suas funções, mas apesar delas.

Sayão & Aquino (2006) questionam a valorização da afetividade na educação e defendem o caráter público e impessoal do ato de educar. Esta “familiarização excessiva da escola” faz com que tal espaço deixe de servir como transição do mundo privado para o público. Se de um lado – ao a escola perpetuar a vida familiar –, o jovem é jogado no mundo adulto repentinamente, de outro, marca-se uma cultura educacional protecionista dos mais velhos e, conseqüentemente, o acovardamento dos mais novos.

Ainda sobre sua pesquisa, Aquino (1995) reconhece a existência de demandas feitas pelos alunos por um controle disciplinar, além de uma legitimação da rigidez dentro da sala de aula. No entanto, este movimento alterna-se com outro, qual seja, o de demandar que o professor “prenda” a sua atenção por meio de uma aula dinâmica. O autor analisa que a referência ao dispositivo de “prender a atenção” é análogo ao “controle” associado à esfera disciplinar. Porém este “controle” é agora pedagógico.

Favorini (1998) também observa esta tendência de “simetrização” dentro das escolas, encontrando na necessidade de motivar o aluno sua viabilidade. A pesquisa

revela que a mesma porcentagem de professores que percebem a hierarquia como existente na relação professor aluno, repete-se entre aqueles que consideram a reciprocidade como característica predominante. Entre estes últimos, ao atribuírem a responsabilidade pelo desinteresse do aluno ao professor, ou entenderem que os alunos devem ser motivados a aprender, acabam sendo aprisionados aos gostos e interesses dos alunos e perdem de vista uma dimensão fundamental do ensino que é a obrigatoriedade. Sem esta dimensão, na opinião da autora, a percepção de coletividade fica prejudicada e o ensino se volta exclusivamente para individualidades.

Nesta direção, La Taille (1999) menciona que o objetivo da educação é duplo: deve garantir a conquista da autonomia e da liberdade dos alunos, como também ensiná-los que esta autonomia e liberdade não excluem as regras e exigências do convívio social. Em última instância, não se trata, portando, da escola ser o local de um exercício pleno de autonomia, mas principalmente de sua construção e conquista e, neste sentido, ainda que provisória e com o objetivo de superá-la, as relações formativo-educativas com crianças e adolescentes partem de uma relação hierárquica. Como aponta La Taille (1999, p. 19) “Fundar a autoridade sobre bases ilegítimas leva ao autoritarismo e à injustiça. Porém, negar a autoridade em nome de igualdades forçadas leva à hipocrisia nas relações humanas”.

Dentro da família, Sayão & Aquino (2006) avaliam que a tentativa dos pais em verem os filhos como amigos, também corresponde a uma “simetrização” das relações, dificultando a possibilidade de se manter a hierarquia no dia-a-dia, tão esperada pelos pais. Além disso, os autores questionam a obrigatoriedade dos pais terem que conversar sobre tudo com seus filhos, visto entenderem que a possibilidade de preservar a intimidade de ambos exige um intervalo de recato entre a vida particular dos mais novos

e a dos mais velhos. Sayão & Aquino (2006) também relacionam estes comportamentos com a máxima atual de não envelhecer, gerando certa disputa com os filhos pelo lugar de jovem. Se antes os mais novos queriam ser adultos e se inspiravam neste modelo, hoje, são os adultos que se vestem a agem inspirados nos adolescentes.

Na ânsia de serem pais que respeitam as necessidades individuais dos filhos, que conversam com os mesmos sobre tudo, de evitar o autoritarismo, será que os adultos não têm confundido diálogo e boa comunicação, com a impossibilidade de proibir e limitar ou, em última instância, estabelecer uma relação assimétrica? Afinal, no processo de auxiliar a conquista de autonomia dos mais novos, nem sempre é possível ser pai e mãe legais, como supostamente faz crer alguns discursos que enaltecem pais, antes amigos, do que pais. Fernando Savater (2004, p. 12) escreve um livro sobre ética para seu filho adolescente e, em suas palavras coloquiais defende justamente isto: “Um pai ou um professor que se prezem precisam ser um pouco aborrecidos, ou não servirão para nada. De jovem basta você”.

A respeito da família moderna, Clímaco (1990, p. 63-64) observa que esta é regida pela ideologia do “igualitarismo”, ou seja, pessoas diferentes se relacionam guiadas pelo ideal de igualdade

Aqui, as noções de certo e errado, assim como as de desvio de comportamento, perdem seus delineados contornos, para dar lugar à pluralidade de escolhas, cujo limite será apenas o respeito à individualidade do outro. O conteúdo do comportamento do sujeito, embora emane do exterior, nem sempre define o que ele deve fazer, possibilitando-lhe o direito de opção, assim como uma moral muito mais flexível.

As transformações dentro da escola e da família, no sentido de uma democratização das próprias relações que ocorrem em seu interior, certamente são bem

vindas e permitiram que os mais novos pudessem ser escutados e respeitados em suas opiniões. No entanto, não se pode esquecer que os adolescentes estão, em última instância, formando-se e se preparando – alguns mais, outros menos – para assumir um papel e uma função adulta. O clima de liberdade oferecido é acompanhado de uma intensidade e diversidade de opções, estímulos e informações e, neste contexto, os jovens precisam de referenciais. Qual não seria o papel dos adultos, senão orientar os jovens no sentido de que eles possam se tornar autônomos em suas escolhas e decisões? Como escreve La Taille (1999, p. 29)

O papel dos adultos é ajudar as novas gerações a formularem seus desejos e projetos. E para isso não basta dizer-lhes “falem”, como se fosse a coisa mais simples do mundo, como se as idéias brotassem, sem maiores esforços, no íntimo de cada um. É preciso ensiná-los a pensar, a refletir, dar-lhes conhecimentos variados para, assim, poderem aprender a falar.

E como podem os adolescentes autorizar uma hierarquia neste sentido sem uma recíproca por parte dos adultos? Como observado e analisado por muitos pensadores, os próprios adultos não se autorizam como guias das gerações mais novas e, ao não se apresentarem como modelos – seja para serem admirados ou criticados – deixam os adolescentes ainda mais suscetíveis a buscar tais referenciais na cultura de massa, a qual, a nosso ver, certamente não foi estruturada no sentido de formar cidadãos.

2.3.) OS ADULTOS DO MUNDO PÚBLICO DO ADOLESCENTE

a) O Mundo Público como Desproteção e as Tiranias da Intimidade

Já comentamos o quanto o trabalho exerce papel importante na passagem do adolescente para o mundo adulto. Especialmente em uma sociedade na qual a capacidade de consumo é definidora da integração ou não do indivíduo, este aspecto torna-se uma preocupação ainda maior dos jovens de hoje. O crescente desemprego e instabilidade na área do trabalho faz com que os adolescentes encarem o acesso à vida adulta de forma bastante insegura e temerosa. Os jornais e revistas não cansam de alertar aos jovens a intensa competição no mundo do trabalho, a luta acirrada por sobrevivência, a necessidade de serem pró-ativos, criativos, seguros, determinados e, porque não, infalíveis.

Neste sentido, cabe nos perguntarmos como os adolescentes de hoje vivenciam a passagem para a vida adulta e parte de nossa pesquisa visa justamente compreender se esta transição é sentida de forma positiva ou negativa. Acreditamos que grande parte do receio dos jovens em se tornar adulto pode ser atribuída à instabilidade que acompanha a esfera do trabalho, a conquista de um emprego, a (im)possibilidade de se auto-sustentar.

Zygmunt Bauman (1998) explica a importância dos últimos trinta anos na definição da história da sociedade industrial, capitalista, democrática e moderna. Se antigamente o Estado garantia ou, pelo menos minimamente, dava respaldos aos projetos futuros dos jovens, hoje, a flexibilidade da mão-de-obra, dos locais de produção e do próprio capital dificultam um projeto de vida e um planejamento a longo prazo. Como

salienta Bauman (1998, p. 50) “Seja grato pelo pão que come hoje e não cogite demasiado o futuro”.

À esta falta de estabilidade, desencadeia-se nos jovens um crescente sentimento de incerteza com relação às próprias carreiras. Se antes os estudantes não precisavam se preocupar – pelo menos aparentemente – com o futuro, a possibilidade de elaborar um projeto de vida ficou seriamente abalada na atualidade.

Estas incertezas certamente não se restringem aos países ocidentais. Tien, Lin e Chen (2005) fizeram uma pesquisa com 532 estudantes universitários de Taiwan, visto as influências das rápidas flutuações na situação social, econômica e política do país no desenvolvimento da carreira dos indivíduos. O objetivo dos autores era identificar as fontes ambientais que geravam a incerteza na carreira dos jovens, bem como os sentimentos vivenciados como decorrência destas incertezas e quais mecanismos de enfrentamento estes jovens utilizavam. Dentre os fatores ambientais, encontram-se em grande parte a referência às mudanças políticas, econômicas e sociais no país. Os sentimentos vivenciados pelos estudantes são sempre negativos, tais como a exaustão física, a impotência psicológica, a baixa auto-estima, a incapacidade de estabelecer meta, além do vazio e falta de sentido na vida. O enfrentamento varia desde a adaptação física (exercícios, atividades de lazer, dormir, cantar e chorar) que servem mais como adaptações a curto prazo, até as adaptações psicológicas – estratégias como aumentar a atenção cognitiva, explorar habilidades ou desenvolver atitudes psicológicas positivas como tolerância à ambigüidade, resiliência e abertura a novas experiências. Os suportes externos e sociais são outra forma de enfrentamento, mas eles se restringem, essencialmente, na busca por informações e no suporte nas relações sociais com amigos e parentes.

Podemos fazer algumas análises a respeito da pesquisa acima. Observamos o quanto os sentimentos negativos apontados incidem essencialmente em uma atribuição individual de culpa pelo fracasso. Esta autoculpabilização – característica do discurso neoliberal – afrouxa os laços do indivíduo com a sociedade, na medida em que os primeiros se vêem pouco influenciados ou passíveis de influenciar os rumos da sociedade. Isto pode ser verificado nas próprias modalidades de enfrentamento realizadas, já que em nenhuma delas faz-se referência a um posicionamento ativo na transformação social. Ao contrário, elas voltam-se fundamentalmente aos indivíduos e focalizam nas mudanças em atitudes individuais. Além disso, os suportes externos são basicamente aqueles do âmbito privado, o que denota a pouca confiança dos indivíduos nas instituições sociais.

Parece-nos possível levantar a hipótese de que os adultos, em especial no que se refere a suas capacidades de conduzir e dirigir as instituições sociais, seriam avaliados negativamente pelos adolescentes de hoje. Ao nos perguntarmos, nesta pesquisa, como os jovens julgam a forma dos adultos conduzirem a política, a educação, as questões ambientais, a ciência, a mídia, estamos também nos questionando a respeito da confiança que estes jovens depositam naqueles que conduzem o mundo.

Yves de La Taille & Elizabeth Harkot-de-La Taille (2005) realizaram uma pesquisa sobre os valores dos jovens da Grande São Paulo. No perfil observado do aluno de Ensino Médio há alguns aspectos relevantes para o presente tema. Em primeiro lugar, este jovem atribui grande confiança àqueles indivíduos que compartilham seu espaço privado como pais e amigos sendo eles as grandes influências sobre seus valores, em comparação com a escola, a mídia e a religião. No entanto, a respeito do espaço público, além da grande desconfiança deste jovem em relação às instituições políticas e a seus

representantes, também se observa o quanto o espaço público é vivido de maneira ameaçadora, visto os jovens verem nele mais adversários do que amigos e mais agressividade do que diálogo. Assim, os resultados da pesquisa demonstram uma tendência dos jovens a desertar o espaço público e a se recolher no espaço privado. A respeito dos jovens de hoje, La Taille & Harkot-de-La Taille (2005, p. 46) escrevem

ele não confia nas instituições de poder, tampouco parece confiar no outro “anônimo”, antes visto como adversário e agressor do que como aliado e desejoso de cooperação. Para além das fronteiras do espaço privado, da família e dos amigos, o mundo aparece como ameaçador, como não digno de confiança, como estranho.

Além da grande desconfiança em relação ao espaço público, a tendência contemporânea de extrapolar as relações de intimidade para além do domínio privado parece dificultar ainda mais a inserção do jovem no mundo público e, conseqüentemente, o contato com indivíduos deste âmbito.

Sennett (1988) afirma que a grande aspiração do indivíduo contemporâneo é o desenvolvimento da personalidade individual, cujo processo privilegia as experiências de aproximação e de calor humano. Em contraposição, a impessoalidade e a frieza encontram-se no pólo negativo desta hierarquia de valores. Sennett (1988, p. 317) entende que esta soma cria uma ideologia da intimidade, na qual “relacionamentos sociais de qualquer tipo são reais, críveis e autênticos, quanto mais próximos estiverem das preocupações interiores psicológicas de cada pessoa”.

Sayão e Aquino (2006) denominam esta tendência à justaposição do âmbito doméstico à esfera pública de “familiarização do mundo público” ou “domesticização do mundo”. Ela pode ser observada nos vários setores da vida humana como nas escolas, nas empresas, na televisão, nas relações profissionais e públicas. Os autores exemplificam

com as estruturas dos programas de televisão, na qual os cenários imitando uma sala de estar, com ambiente acolhedor, entre outros elementos, buscam fazer com que a pessoa se sinta “em casa”, protegida do olhar e do julgamento do outro e, portanto, disposta a se expor. Os autores ainda comentam a respeito da publicização da vida familiar do homem público, que também faz confundir as duas dimensões da vida – a privada e a pública – resultando, por exemplo, em se dar mais importância a como o presidente se comporta na esfera privada, em vez de seus atos como *persona* jurídica.

Em sua pesquisa, D’aurea-Tardelli (2006) investiga a conduta solidária dos adolescentes nos planos de vida e observa que projetos coletivos e solidários são pouco detectados na análise dos dados. Foram avaliados um total de 396 jovens, homens e mulheres, que cursavam o Ensino Médio em escolas particulares da cidade de São Paulo. Os resultados indicaram sujeitos ainda imaturos na pró-sociabilidade o que, por sua vez, apresentava correlação direta com suas representações futuras. Estas se centravam, essencialmente, no âmbito privado, ou seja, a presença do outro era incluída no futuro, mas de forma inter-subjetiva, envolvendo pessoas próximas e familiares. Mas é importante destacar que esta falta de projeto substancialmente coletivo e solidário não resultava em planos de vida voltados exclusivamente para a fama e a glória pessoal. O que nos parece mais provável é que os resultados da pesquisa acima corroboram com as hipóteses sobre a dinâmica da sociedade contemporânea, na qual há certa tendência dos indivíduos à reclusão na esfera privada e do quanto a depreciação da dependência no mundo moderno e a intensa valorização da autonomia e da independência podem dificultar qualquer empreendimento coletivo. Tomando o espaço público como sinônimo de ameaça e desproteção, cria-se, nas palavras de Sayão & Aquino (2006), uma espécie

de “fragilização civil” de crianças e jovens, na qual o medo de errar e de não obter sucesso em todos seus empreendimentos dificulta a inserção dos jovens na esfera pública.

Retornamos, novamente, à questão da passagem da adolescência para a vida adulta, a qual também se mostra correlata à passagem de um mundo mais restrito, a esfera privada, a um universo mais amplo, a sociedade. Se o espaço público é vivido de maneira ameaçadora, como demonstram as pesquisas acima, podemos esperar que também a assunção de um lugar adulto, com as responsabilidades a ele inerentes, traga receio aos jovens de hoje. Não é incomum, especialmente nas classes média e alta, as pessoas protelarem a saída da casa dos pais, não apenas por não conseguir se manter financeiramente independente, mas pelas comodidades que supostamente seriam vantajosas: não precisar lavar a roupa, fazer sua própria comida, se preocupar caso se canse do trabalho e possa voltar a usufruir da proteção financeira e emocional oferecida pelos pais. Ora, não seria justamente abrir mão destas “comodidades” que a tarefa de crescer exige? O protecionismo dos pais e da sociedade em relação aos adolescentes não estaria contribuindo com certa fragilização emocional?

Perguntamos, junto a Lipovetsky (2005), como ficam as relações sociais em uma sociedade “intimista”, na qual a exigência constante de intimidade, imediatismo e proximidade acabam por esmagar o outro sob o peso de confidências pessoais. O autor responde que a ênfase no eu íntimo de cada um gera dificuldades cada vez maiores dos indivíduos representarem papéis sociais e lidar com a vida social, pois são justamente as barreiras e regras impessoais, as capazes de proteger o indivíduo no processo de sociabilidade.

b) A Desafeição do Mundo Público

Na década de 50, com James Dean protagonizando a série *Juventude Transviada*, a imagem de um ideal adolescente começa a se delinear. Personagem em busca de uma vida mais intensa e verdadeira, o herói representava a oposição aos comportamentos consumistas e americanos da época, a partir de atitudes ousadas e desviantes das regras. Sobre o fascínio exercido pelo ator no público adolescente, Morin (1969, p. 161) escreve: “James Dean foi o primeiro e supremo herói da adolescência, encarnando fúria de viver e rebelião sem causa, frenesi e lassidão, aspiração à plenitude e fascinação pelo risco. Sua vida autenticando sua morte, sua morte autenticando sua vida”.

Já nas décadas de 60 e 70, um outro ideal adolescente se forma, baseado em grupos que refletiam o inconformismo, a paixão por ideais coletivos, o espírito de luta e contestação aos valores e tradições vigentes. Mesmo que carregado de um idealismo, os grupos de jovens, a partir do engajamento político e cultural, reivindicavam uma transformação social, juntamente com os movimentos artísticos e intelectuais.

Para Morin (1969), muito provavelmente, estes jovens experimentavam de forma extremamente viva a questão do sentido da vida e da existência humana. Desmoralizada pelo tédio burocrático originado da sociedade dos adultos, os movimentos vinham como respostas às inconsistências e hipocrisias da época.

Lipovetsky (2005) apresenta uma visão menos romântica destes movimentos ao crer que o radicalismo cultural e político das décadas de 60 e 70 era revolucionário apenas aparentemente, pois, na perspectiva do autor, tratava-se apenas de um último movimento de revolta cultural, desta vez de massa, cujo objetivo se contentava em apenas democratizar a lógica hedonista já presente na década de 50.

De qualquer forma, real ou ilusório, cabe ressaltar que o movimento contracultural das décadas de 60 e 70 aparentemente não se manteve nos anos seguintes. Alguns autores tendem a crer que, sob influência da ideologia neoliberal e da globalização, pouco se viu de movimentos coletivos reivindicatórios, tal como nas décadas precedentes. Ivany Nascimento (2002) entende que o próprio aparecimento dos chamados *yuppies*, jovens profissionais urbanos, pode ser percebido como uma ratificação de que as gerações mais novas não objetivavam rebelar-se contra o sistema.

Estas constatações mostram-se bastante significativas, especialmente para o tema da presente pesquisa. Observamos o quanto a adolescência, até este momento do ponto de vista histórico e cultural, se consolidou e se anunciou na contraposição, caracterizando a adolescência como época de rebeldia e insociabilidade. Seja com o romantismo, ou a partir dos ex-combatentes ou, posteriormente, com os movimentos adolescentes no seio da cultura de massa, a contestação às contradições, a oposição às normas vigentes e a busca por uma forma de vida alternativa estavam presentes no comportamento e nos discursos dos jovens. Parte de nossas questões referem-se justamente a uma possível mudança no adolescente de hoje. Eles se vêem como um contraponto ao modelo e modo de vida do adulto?

Ana Bock & Brônia Liebesny (2003) fazem um estudo sobre os projetos de vida de jovens em São Paulo e observam que os adolescentes de hoje não apresentam de forma explícita a função de modificador e mobilizador social. Os projetos aparecem essencialmente centrados nos indivíduos, o que resulta em programas de vida pouco arrojados, pouco pretensiosos e nada revolucionários ou rebeldes. Bock & Liebesny (2003, p. 217) observam: “Não se encontram projetos que pensem no futuro considerando a coletividade social. Além disso, buscam adaptação à realidade que está dada. Não se

percebem como agentes de transformação ou mudança”. As autoras vêm concluindo que os valores dos jovens e dos adultos de hoje diferenciam-se muito pouco entre si. Reflexo dos ideais dominantes em nossa sociedade, os jovens almejam e temem as mesmas coisas que os adultos: querem construir família, obter um trabalho que traga realização pessoal e retribuição financeira para a aquisição dos bens que a sociedade oferece (carro, casa, viagens e etc.) e, por outro lado, temem a violência, o desemprego e as doenças.

Em sua dissertação de mestrado, Erane Paladino (2004) observa, a partir de atendimentos psicanalíticos com jovens e adolescentes, que o discurso dos filhos da geração dos anos 60/70 é bastante contrastante com o de seus pais. A autora aponta alguns pontos comuns nos discursos dos adolescentes de hoje: as poucas expectativas quanto à vida profissional; a baixa crítica em relação às questões políticas e sociais; o pouco interesse por atividades artísticas; as atividades físicas presentes no dia-a-dia, mais por dever do que por prazer; a idéia de lazer restrita essencialmente aos programas de TV, à Internet, à ida aos *Shopping Center*. Paladino (2004, p. 2) escreve: “A postura e os ideais dos pacientes contrasta visivelmente com a rebeldia, irreverência e desejos de liberdade, característicos do movimento dos jovens das últimas décadas, filhos da ditadura, do pós-guerra, do início de um processo de liberação sexual e da guerra fria”.

Assim, na presente pesquisa, não apenas buscaremos compreender como os jovens julgam a capacidade dos adultos em conduzir o mundo, como também pretendemos avaliar o quanto os adolescentes de hoje vêm-se diferentes dos adultos, em relação aos seus projetos de vida. De nossa parte, esta avaliação proposta pela pesquisa apresenta importância fundamental, visto poder indicar se o papel social da adolescência – que, nas palavras de Erikson (1972), corresponde à função de regenerador vital do mundo – está passando por uma transformação, pelo menos no que se refere àquilo que

sempre a caracterizou: a contraposição aos valores antigos ou, em última instância, aos valores do mundo adulto.

Evidentemente, seria muito simplista – e de nossa parte, equivocado – considerar que os adolescentes de hoje apenas valorizam o modo como os adultos se apresentam ou conduzem o mundo sem apresentar qualquer crítica. Esta não nos parece ser a hipótese mais adequada. A pergunta que se apresenta é se eles conseguem se ver como portadores de valores, ideais ou perspectivas diferentes. Ou seja, eles têm suas críticas – difícil imaginar que não as possuam –, mas conseguem visualizar uma proposta diferente de vida? De nossa parte, acreditamos que a resposta seria negativa, e não por uma deliberação consciente e individual dos adolescentes, nos quais residiriam todos os problemas. As características apresentadas nas pesquisas acima parecem ser um reflexo do crescente desinteresse pelo espaço público e do atual enfraquecimento do senso de coletividade, aspectos que, vale lembrar mais uma vez, não se restringem aos jovens.

Os autores costumam comparar a agitação política e cultural da década de 60 com o cenário atual, referindo uma crescente desafeição da coisa pública. Lipovetsky (2005, p. 32) menciona a este respeito que “a despolitização e a “dessindicalização” atingem proporções jamais vistas, a esperança revolucionária e a contestação estudantil desapareceram, a contracultura se esgota, raras são as causas ainda capazes de galvanizar as energias a longo prazo”.

Lipovetsky (2005) aponta que uma das grandes tendências da contemporaneidade é a indiferença, ou, como denomina o autor, o “deserto pós-moderno”. No entanto, a grande novidade inaugurada na pós-modernidade reside no fato de que o desmoronamento dos ideais, a falta de sentido e valor, muito surpreendentemente não trouxeram mais pessimismo, mais angústia ou absurdo. Para o autor, atualmente é

possível viver sem finalidade e sentido. Apenas a esfera privada consegue fugir desta corrente de apatia. Os interesses, atualmente, se consagram nos cuidados com a saúde, na busca por uma boa situação financeira, na expectativa pelas férias, ou seja, em uma vida sem ideais ou finalidades transcendentais. Lipovetsky (2005, p. 37) escreve: “Para que o deserto social seja viável, o Eu deve se tornar a preocupação central: a relação está destruída, mas pouco importa, já que o indivíduo está apto a se absorver em si mesmo”.

Há que se considerar a crescente descrença e impotência na qual o indivíduo se sente ante as transformações sociais. O retorno às preocupações pessoais não se trata, necessariamente, de uma alternativa tomada deliberadamente. Cremos que grande parte dos problemas reside na dificuldade do indivíduo se perceber como parte integrante da coletividade, capaz de influenciar o curso da história.

Ao falar da situação política brasileira, Rubens Barbosa (2007) discute o quanto a sociedade como um todo está distante de participar e influir no cotidiano das ações públicas. Na opinião do jornalista, a pouca afirmação do conceito de cidadania na sociedade brasileira reflete na percepção que o indivíduo tem de não se ver como parte dos problemas e das soluções. O relacionamento entre eleitor e político, vendedor e empresa, consumidor e prestadores de serviços público ou privado, se mantém distantes e como uma concessão de cima para baixo.

Assim, os resultados das pesquisas citadas, as quais revelam um jovem desinteressado pelo mundo público, devem ser pensados a partir de uma problemática que transcende os indivíduos jovens. Acreditamos que as eventuais características apresentadas pelos adolescentes em nossas sociedades são conseqüências dos processos subjacentes à adolescência, como também das relações recíprocas dos jovens com os adultos, com a sociedade e com o discurso social dominante. Pensar estas questões é

fundamental se queremos uma formação mais crítica e sólida dos jovens de hoje, a qual depende de uma cultura – e de adultos que compõe esta cultura – que forneça instrumentos para que a energia e a capacidade de se vincular a ideais, tão associadas à adolescência, sejam dirigidas a propósitos socialmente válidos.

2.4) O ADULTO CONTEMPORÂNEO

Algumas questões contemporâneas ainda necessitam ser apontadas para que possamos ter elementos para uma possível compreensão sobre a imagem que os adolescentes carregam dos adultos de hoje. Até o momento, evidenciamos aquelas características que se constituem como tradicionais dos adultos, qual sejam, a sabedoria, a autoridade, o papel de guia das gerações mais novas, o contraponto ao lugar adolescente, além da função de cuidadores do mundo. Mas também tentamos trazer alguns dos valores presentes em nossas culturas que culminaram nas transformações destas mesmas características como a degerontocratização das sociedades, a reclusão na esfera privada, a desafeição pelo mundo público, o ideal da juventude. Cabe ainda ressaltar outros valores contemporâneos que marcam os indivíduos e podem estar presentes no imaginário dos adolescentes a respeito de quem são os adultos de nossos tempos: o que mais temem? O que mais desejam? Qual sua maior virtude e seu maior defeito?

Para pensarmos nestas questões, há que se considerar ainda outras características de nossas sociedades que trazem impactos na subjetividade dos indivíduos, fundamentais na configuração e constituição do homem contemporâneo.

a) O indivíduo contemporâneo: as novas exigências

Alfredo Bosi (2006) observa que a Declaração dos Direitos Humanos – aprovada pela ONU em 1948 – entende a democracia como um valor fundamental, além de ter como estrelas-guia do documento a liberdade de expressão, envolvendo a contrapartida da responsabilidade, o respeito mútuo e a tolerância.

Como defende Etienne La Boétie (1982), em seu texto “*Discurso da servidão voluntária*”, reconhecido como o “mais vibrante hino à liberdade”, este valor é entendido como o grande bem e que, sem ele, todos os males irrompem.

A liberdade certamente é um bem muito precioso, mas também é fruto de luta. Paulo Freire (1975) enfatiza a responsabilidade neste processo de conquista da liberdade, a qual é entendida como uma busca permanente e que sempre infligi algum grau de dor: a libertação é um parto doloroso.

Mas, o que dizer da tão aclamada liberdade moderna? Tratar-se-ia da mesma enaltecida nos discursos acima? Não é desta liberdade que os pensadores contemporâneos discutem ao falar sobre o mundo moderno ou pós-moderno.

Para Lipovetsky (2005), certamente a exigência de igualdade continua a se desdobrar nos dias de hoje, porém, outra demanda mais significativa e imperativa se formula. Trata-se da *liberdade individual*. Em concordância com o autor, Bauman (1998) defende que a liberdade individual reina soberana e é o valor a partir do qual todos os outros valores vieram a ser avaliados. O autor ainda vai além e afirma que a liberdade de escolha é o supremo fator de estratificação na sociedade pós-moderna, ou seja, a posição na hierarquia social é proporcional ao grau de liberdade do indivíduo.

Mas em uma sociedade de consumo – na qual o ser é subordinado ao ter, na qual o consumo se apresenta como promessa de preencher qualquer vazio, aludindo às intensas experiências e toda aura de prazer e sedução que revestem os produtos da publicidade –, parece-nos que a suposta liberdade do indivíduo atual é apenas aquela do consumo, momentânea, individual e, neste sentido, distante da liberdade como busca, como vinculada a uma verdadeira responsabilidade social e de autonomia.

Lasch (1983) analisa que a libertação dos papéis e convenções sociais corresponde a uma radical mudança de valores, a uma “revolução dos costumes e da moral”. A educação das massas para o consumo torna o trabalho, antes obrigação moral, em viabilidade de acesso aos frutos do consumo. Disfarça a liberdade de consumo das mulheres de autêntica autonomia e de apoio contra a opressão masculina. Exalta os jovens, apenas na esperança de torná-los consumidores por direito próprio, associando autonomia a possuir seu próprio telefone, seu próprio aparelho de som. Na realidade, a suposta liberdade está em submeter os indivíduos a outra ordem. Lasch (1983, p. 103) conclui que a “educação” das massas alterou significativamente as forças dentro da família. “Ela emancipa mulheres e crianças da autoridade patriarcal, contudo, somente para sujeitá-las ao novo paternalismo da indústria da publicidade, da corporação industrial e do Estado”.

O consumo na pós-modernidade reconhece este ideal, o da liberdade individual, e apresenta um desafio a mais à publicidade – a qual parece não ter problemas em resolvê-lo. Ao lado do sincretismo e da padronização necessários ao consumo de massa, a publicidade deve dar conta de aliar a esta tendência o produto individualizado e sempre novo, a exigência contemporânea de atender as necessidades individuais. Lipovetsky (2005) observa que a oferta do consumo liberta os indivíduos dos papéis e convenções

rígidas, faz proliferar as referências e modelos, ao mesmo tempo em que desmonta as fórmulas imperativas. É a partir de um processo de personalização, de sedução particularizada, que Lipovetsky (2005, p. 3) entende a atuação da publicidade

Essa é uma publicidade que, dando importância às aspirações dos indivíduos e reconhecendo sua liberdade combinatória, demonstra a verdade da sociedade pós-moderna: uma sociedade aberta e plural. A vida sem imperativo categórico, a vida *kit* que pode ser modulada em função das motivações pessoais, a vida flexível na era das combinações, das opções e das fórmulas independentes é possível graças a uma oferta infinita; é assim que a sedução opera.

Lipovetsky (2005) entende que a cultura hedonista de nossos tempos é resultado de um modo de vida influenciado pelo capitalismo e pelo consumo de massas iniciado na década de 1920. Os valores hedonistas incentivam os indivíduos a gastar, a aproveitar a vida, a ceder aos impulsos, estabelecendo uma cultura centrada na realização do eu e num entusiasmo inédito pelo conhecimento de si. Para o autor, é esta auto-absorção do Eu que permite o radical desinteresse pela esfera pública evidenciado em nossos tempos.

Esta possível faceta hedonista no homem contemporâneo denota, de início, um caráter eufórico, sublime e gozante da auto-absorção do indivíduo em si mesmo. Cabe pensarmos o quanto esta característica não carrega mais sofrimento do que prazer. Como aponta Justo (2005), esta nova ordem que – em vez da proibição e da renúncia – impõe a necessidade do gozo e da transgressão, está também repleta de mecanismos de controle. Longe de significar maior liberdade ou expansão de si, o sujeito se torna tão submisso à lógica do sistema, como já acontecia na sociedade disciplinar, na qual havia a necessidade de controlar os indivíduos a partir de seu confinamento.

A construção de uma identidade torna-se elemento constitutivo do novo discurso que apresenta um entusiasmo inédito pelo conhecimento de si e pela realização do Eu.

Bauman (1998) nos lembra ser característico dos indivíduos modernos viverem permanentemente com problemas de uma identidade mal-resolvida. Para o autor, o homem moderno vive a correr atrás de uma identidade, porque desde o início elas lhe foram negadas. Em uma sociedade de castas ou com hierarquias bem definidas não havia possibilidades de uma “escalada social” e cada um deveria se conformar com os lugares e papéis atribuídos por sua origem. A modernidade transformou, em contrapartida, a identidade atribuída em um processo de realização: uma tarefa individual e de responsabilidade do indivíduo. A pós-modernidade apenas intensificou esta indefinição ao dificultar, ainda mais, um terreno estável no qual os projetos individuais pudessem se acomodar e se ancorar minimamente. A identidade na pós-modernidade é, para o autor, menos um trabalho de realização que um processo de evitação: evitar que ela se detenha, impedir que a identidade se fixe e se torne demasiadamente firme.

Corresponder a esta demanda de sujeito feita pelas sociedades capitalistas, parece ter um custo extremamente alto para o indivíduo. Se o sujeito atual foi incumbido da tarefa de construir, sozinho, uma identidade que, ao mesmo tempo, é autêntica e maleável, não nos parece muito difícil compreender o retorno do sujeito contemporâneo a si mesmo, a busca do conhecimento de si. Se não pode contar mais com a solidez das estruturas sociais e externas, nada mais compreensível que o indivíduo busque sentido em outra esfera, a do si-mesmo. Lembrando que esta estratégia não resulta, necessariamente, em satisfação. Ao contrário, concordamos com Lipovetsky (2005) que, quanto mais se investe no Eu, mais ele se torna um espelho vazio, mais aumenta a incerteza e a indagação.

Em uma sociedade marcada pelo movimento de culto à expansão da consciência e do crescimento pessoal, o corpo também se torna grande referência. Paladino (2004)

entende que, se na sociedade industrial, o corpo era objeto de controle e disciplina, na pós-modernidade, destina-se a ser objeto de constante produção de serviços e desejos. Em nossos tempos, o corpo é elevado, ganha dignidade, merece todos os cuidados para que não se degrade e, mais ainda, deve ser exibido, cultuado. Para Jurandir Freire Costa (2004), se antes o cuidado de si era voltado para os sentimentos ou qualidades morais, agora elas se dirigem para o desempenho corporal: longevidade, saúde, beleza, boa forma. O autor entende que esta nova referência se constitui como um modelo de identidade, a *bioidentidade*, e uma nova forma de preocupação consigo, a *bioascese*. Longe de referendarem condutas meramente hedonistas e passivas, Costa (2004) ressalta a enorme disciplina exigida pela bioascese na reeducação de hábitos insalubres, predatórios ou poluidores.

Costa (1984) entende que a contemporaneidade, ao transformar o corpo e sexo em objetos de consumo, enalteceu ambos como a grande virtude do capitalismo, tendo como base deste discurso, que nunca foi dada tanta liberdade de se buscar prazer e bem-estar no corpo e no sexo. No entanto, esta noção de prazer não foi feita para ser alcançada e saciar o prazer dos indivíduos, mas, ao contrário, é criada para manter a todos num estado de privação perpétua, posição que é justamente o combustível do consumo. Costa (1984, p. 180) explica que “os indivíduos são levados a crer num estado de prazer que só existe no corpo da publicidade ou nos “manuais psicológicos”, que ensinam como gozar da maneira mais científica, eficiente, econômica e, “last but not least”, *saudável*”. Aqueles que não estão dentro desta norma, podem se considerar doentes e, portanto, procurar tratamento.

A mídia e os meios de comunicação parecem difundir uma realidade virtual, do fascínio e das aparências que, ao se distanciar das experiências concretas dos indivíduos,

abre um intervalo, entre o possível e o desejável, muitas vezes intransponível. As celebridades – e toda aura de fama e glória que os envolvem – são um exemplo desta duplicidade e, para muitos autores, correspondem ao novo ideal de Eu do homem contemporâneo.

Morin (1969) entende que os novos “olimpianos” – as estrelas do cinema, da música e da publicidade – carregam uma duplicidade de serem, por um lado, modelos inimitáveis, seres endeusados e mitológicos, ao mesmo tempo em que a invasão da mídia em suas vidas privadas proporciona elementos identificatórios, ou seja, humaniza as estrelas e as tornam modelos de conduta imitáveis. Esta dicotomia não pode gerar outra coisa, senão a crescente insatisfação do indivíduo “comum” consigo mesmo. Confrontado constantemente com uma imagem de felicidade e glória apresentada pela mídia como possível e real, o homem moderno se vê arrastado por uma maré de angústia, fracasso e constantes autocríticas.

A este respeito, Lasch (1983, p. 43) escreve: “A “mídia” dá substância e, por conseguinte, intensifica os sonhos narcisistas de fama e glória, encoraja o homem comum a identificar-se com as estrelas e a odiar o “rebanho”, e torna cada vez mais difícil para ele aceitar a banalidade da existência cotidiana”. O autor ainda prossegue, observando que o sucesso, em nossa sociedade, precisa sempre ser ratificado pela publicidade. Os homens contemporâneos buscam constantemente a aprovação, a admiração, o fascínio de seus atributos pessoais e, sendo o sucesso proporcionado pela publicidade extremamente fugaz, aqueles que conseguem a atenção do grande público, vivem com o incessante temor de perdê-la.

Queremos observar em nossa pesquisa se estes valores das sociedades contemporâneas são identificados nas imagens que os adolescentes carregam dos adultos.

Acreditamos que os valores presentes na cultura moderna – ou pós-moderna – não são “privilégios” das gerações mais novas. Isto significa dizer que, se por um lado os adolescentes sofrem a influência do consumo, do individualismo, da reclusão na esfera privada, da exaltação do “eu”, entre outros ideais, também observam estes comportamentos nos adultos. Qual a maior virtude e o maior defeito dos adultos de hoje? O que estes adultos mais esperam e mais temem para suas vidas? Como conduzem o mundo? São objeto de admiração e respeito? São muito diferentes dos adolescentes?

Todas estas questões estarão presentes em nossa pesquisa, a qual visa abarcar de forma ampla a visão e a possibilidade de respeito e admiração de nossos jovens em relação aos adultos de hoje. Uma resposta negativa não apenas mostra-se preocupante do ponto de vista identificatório dos adolescentes, dos modelos adultos que possuem, como também nos alerta sobre as perspectivas éticas e de projetos futuros que estes jovens possam elaborar.

3. QUEM SÃO OS ADULTOS A PARTIR DO OLHAR DOS JOVENS?

Se nos perguntamos, nesta pesquisa, a respeito de como os nossos jovens julgam e avaliam os adultos de hoje, é por acreditarmos que a imagem do adulto já não é tão clara como eventualmente seria antigamente. Em tempos passados, talvez, esta questão não fizesse tanto sentido e haveria uma resposta para ela tão consensual quanto se perguntado o significado de ser pai, de ser mãe, de ser homem ou mulher. Exemplo recente desta imagem é a série americana “Papai sabe tudo” (*Father knows Best*) que foi transmitida pela emissora NBC e, no Brasil, pela Rede Tupi e Rede Globo, nas décadas de 50/60. Tratava-se da história de uma família de classe média, na qual a figura do pai, Jim Anderson, era fundamental na resolução dos conflitos familiares. Com o auxílio de sua mulher, Jim dava lições de vida importantes a seus filhos e, com muita sabedoria, sabia como agir para auxiliar a todos em seus problemas (http://www.infantv.com.br/papai_sabe.htm; http://en.wikipedia.org/wiki/Father_Knows_Best) .

Mesmo havendo certa estereotipia dos personagens, o programa acima e as imagens que ele revela refletiam uma tradição na qual era reservado ao adulto o inegável lugar de guia dos mais novos, sabedoria e referência. Morin (1969) observa que, nas sociedades antigas, era a partir de uma reverência à tradição e ao passado que se davam a organização social e os projetos futuros traçados para os indivíduos e para a sociedade como um todo. Assim, o adulto não apenas era tido como referência na vida familiar, como se apresentava como modelo na condução da sociedade.

A questão que nos fazemos é se os adultos de hoje têm tomado para si a responsabilidade deste lugar em relação aos jovens. Dito de outra forma, queremos saber

se os nossos adolescentes ratificam a imagem de um adulto que se oferece como modelo, ainda que para ser criticado neste lugar.

Desta forma, propomos nesta pesquisa uma avaliação dos jovens a respeito de atributos que tradicionalmente se vincularam a este lugar adulto. Inicialmente, eles devem avaliar a forma como os adultos de hoje conduzem o mundo: de um modo geral, nas esferas da política, meio ambiente, educação, mídia e ciência. Também é importante avaliar outras qualidades que referendam o lugar adulto como sabedoria, autoridade, responsabilidade, maturidade, ética e também o quanto acreditam que os adultos de hoje são pessoas confiáveis.

Nas décadas de 60 e 70, diversos movimentos jovens questionaram a forma como o mundo era conduzido e, implícita ou explicitamente, havia uma crítica aos modelos adultos propostos, porém, como apontado, estes modelos existiam para serem avaliados, mesmo que negativamente. Calligaris (2000) faz uma análise importante, qual seja, a de que os adolescentes dos anos 60, ainda que não quisessem se conformar aos adultos da época, seu ideal continuava sendo a vida adulta ou, mais ainda, não desejavam se diferenciar deles assumindo um aspecto infantil ou adolescente. Os jovens da época, ao contrário, queriam ser reconhecidos e aceitos como adultos e, com este fim, tentavam imitá-los. Para Lasch (1983), o que se observa nas sociedades contemporâneas é que, mais do que orientar os jovens, os pais e adultos passam a ter que correr para acompanhar os filhos, dominar suas gírias, imitar seus modos de vestir.

Este nivelamento de lugares, ao qual o ideal da adolescência incita, parece dificultar a emergência de modelos adultos para serem admirados ou servirem de contraponto para a formação de novos caminhos e projetos futuros pela juventude. Talvez, disto derive os resultados de algumas pesquisas, já mencionadas anteriormente,

que revelam um adolescente apático, sem projetos revolucionários ou arrojados. Assim, consideramos importante nesta pesquisa avaliar o quanto os adolescentes de hoje gostariam de se parecer com os adultos, como também o quão semelhante são os projetos de vida dos mais novos e dos mais velhos.

Buscando observar a existência de concordâncias ou discordâncias entre aquilo que os jovens consideram admirável e aquilo que observam nos adultos de hoje, também investigamos nesta pesquisa o que os adolescentes valorizam em um adulto. Além disso, ainda com o objetivo de identificar os modelos que os jovens encontram no mundo de hoje, perguntamos qual seria a maior referência dos jovens e também que famosos eles admiram e as razões de tal escolha.

Falamos a respeito de mudanças sobre o lugar adulto e da forma como ele vem sendo apropriado pelos indivíduos em nossas sociedades. As razões destas transformações foram buscadas nesta pesquisa a partir das discussões sobre as sociedades contemporâneas, os ideais propostos por suas culturas e a forma como tais discursos influenciam nas condutas e relações estabelecidas nas sociedades ocidentais capitalistas urbanas. Para Lipovetsky (2005), a pós-modernidade inverteu a lógica disciplinar e autoritária, predominante até 1950 e 1960, rejeitando as estruturas uniformes e generalizando os sistemas personalizados, ou seja, favorecendo o desenvolvimento de estruturas fluidas moduladas em função do indivíduo e dos seus desejos.

O centramento no indivíduo, incentivado pela contemporaneidade, vai muito além de defini-lo como egoísta. O enaltecimento do Eu reflete um gosto de nossas sociedades em buscar aquilo que há de mais íntimo em cada um, as tiranias da intimidade como refere Sennett (1988). Não nos parece coincidência que o novo formato de sucesso dos programas de televisão é o Reality Show, nos quais todos temas, culinárias, viagens,

sonhos, projetos de artistas são exibidos a partir de uma aproximação do dia-a-dia, das emoções “verdadeiras”, da intimidade de seus participantes. Charles Melman (2002, p. 27) fala sobre a busca por autenticidade, a qual reflete aquilo que constitui, atualmente, uma exigência pela transparência, o gosto pela luz: “Trata-se hoje em dia de exhibir. Aquilo que se chama de gosto pela proximidade vai tão longe que é necessário exhibir suas tripas, e o interior de suas tripas, e mesmo o interior do interior. Não há mais nenhum limite à exigência de transparência”¹. Neste sentido, aquilo que é da ordem do público, do impessoal passa a ser desinvestido, desacreditado, dificultando o acesso à vida pública e, porque não, à própria assunção de um lugar adulto. Para Lasch (1983) estas transformações se devem à crescente desesperança de modificar a sociedade e seu conseqüente recuo a preocupações puramente individuais. O autor entende que as pessoas se convenceram de que o importante era o autocrescimento psíquico, mas esta valorização – inicialmente inofensiva – significou um recuo da política e um repúdio ao passado recente.

Desta forma, mostrava-se importante nesta pesquisa, não apenas identificar como os adultos de hoje são avaliados do ponto de vista daquelas categorias tradicionalmente associadas aos adultos, como também investigar os valores que os jovens observam nos adultos de hoje. Assim, pensando nas discussões sobre as sociedades contemporâneas, perguntamos aos adolescentes o que eles consideram como sendo: o maior defeito e a maior virtude dos adultos de hoje; o que estes adultos mais temem e o que mais desejam.

Discutimos na parte teórica que a adolescência nem sempre foi considerada como uma fase do desenvolvimento humano. Foi no processo histórico da sociedade que este grupo adquiriu status de uma classe de idade, se distinguindo por sua conduta e cultura

¹ Tradução nossa. O original se escreve: “Il s’agit aujourd’hui d’exhiber. Ce qu’on appelle le goût de la proximité va si loin qu’il faut exhiber ses tripes, et l’intérieur de ses tripes, et même l’intérieur de l’intérieur. Il n’y a plus aucune limite à l’exigence de transparence”.

próprias. A partir de então, a adolescência se tornou objeto de discussão e pesquisa científica, sendo essencialmente compreendida como um intervalo entre a vida da infância e os compromissos adultos.

Desta forma, nos interessa saber de que forma os jovens de hoje vivenciam esta passagem e buscamos compreender as concepções dos adolescentes sobre o significado de ser adulto. Assim, também faz parte desta pesquisa as perguntas sobre: qual o significado de ser adulto para os jovens, o que haveria de mais positivo e mais negativo nesta passagem, o quão positivo esta transição é sentida e, quando se dá esta passagem na opinião dos adolescentes.

As perguntas e questões apresentadas por esta pesquisa encontram-se diretamente relacionadas à formação dos jovens de hoje. Entender a imagem de adulto que os mais novos possuem, nos dá instrumentos para a reflexão sobre o quanto a cultura e os adultos de hoje contribuem com esta formação, como também sobre as próprias perspectivas éticas de nossos jovens.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Levando em consideração as crescentes mudanças que a contemporaneidade tem infligido nas relações entre os mais novos e os mais velhos, a pergunta que dirige a pesquisa em referência pode ser expressa da seguinte forma: “Quem são os adultos, a partir do olhar dos adolescentes?”. Trata-se, em última instância, de compreender a imagem de adulto que os jovens de hoje carregam e como a avaliam.

4.2 Objetivos Específicos

A partir deste objetivo geral – compreender a imagem que os jovens fazem deste lugar adulto e dos adultos de hoje –, outras perguntas e objetivos específicos se apresentam, sendo eles:

- a) Investigar o que os adolescentes admiram em um adulto;
- b) Investigar quais as concepções adolescentes sobre o significado de “ser adulto”;
- c) Investigar como os adolescentes avaliam os adultos de hoje, tanto naquelas categorias tradicionalmente relacionadas à imagem adulta (sabedoria, autoridade, responsabilidade, entre outras), como naquelas referentes aos adultos na contemporaneidade (o que valorizam, o que temem, entre outras);

5. MÉTODO

5.1. Casuística

O estudo foi realizado em duas escolas particulares e duas públicas da cidade de São Paulo com um total de 520 alunos, de ambos os sexos, cursando o Ensino Médio. A opção por esta faixa etária se justificou por estes indivíduos se encontrarem em uma etapa da adolescência marcada por uma preocupação mais autêntica em relação à integração no mundo público e, portanto, ao ingresso no chamado mundo adulto.

5.2. Instrumento

O instrumento pode ser dividido em dois momentos (o instrumento, tal como foi apresentado aos sujeitos, encontra-se anexado). No primeiro, os sujeitos deveriam responder a duas questões, nas quais não existiam respostas preestabelecidas e cada um poderia expressar mais livremente aquilo que pensava. Ambas as perguntas versavam sobre o que os jovens de hoje consideravam admirável em uma pessoa e em um adulto. As questões referentes a este momento foram:

1. Para você, o que é um adulto admirável? Escreva abaixo.
2. Pense em uma pessoa famosa que você admire. Escreva abaixo o nome da pessoa e explique o porquê.

O objetivo deste primeiro momento era permitir que os sujeitos fizessem considerações genéricas a respeito daquilo que admiravam e valorizavam. A primeira questão buscava compreender o que os adolescentes acreditavam que um adulto deveria

possuir para ser admirável. A segunda já pretendia investigar, a partir de personalidades conhecidas socialmente, quem eram os “heróis” dos adolescentes de hoje e que atributos os tornavam admiráveis.

O segundo momento do instrumento compreendia um questionário fechado, contendo 24 questões, cada qual acompanhada de quatro opções de respostas, sendo que apenas uma resposta poderia ser escolhida em cada uma das questões. A opção pelo questionário se justificou pela pergunta que nos guia na presente pesquisa. Na busca por investigar a imagem de adulto que o adolescente de hoje carrega, várias categorias nos pareciam importantes de serem abordadas e o questionário mostrava-se como um instrumento que facilitaria, tanto abarcar esta amplitude, como sua posterior análise. Assim, o objetivo do questionário era permitir uma investigação de questões que se mostravam importantes na compreensão da imagem que o adolescente faz do adulto de nossos tempos, sendo que cada pergunta do questionário fazia referência a uma destas categorias. As opções de respostas apresentadas baseavam-se nas hipóteses formuladas para cada uma das questões, tendo sempre como ponto de partida as discussões teóricas a respeito da adolescência, da contemporaneidade e dos possíveis reflexos dos novos ideais na imagem do adulto e deste lugar.

Como o objetivo do questionário era buscar os traços mais representativos do adulto de hoje, ainda que o sujeito concordasse com mais de uma das respostas, ou discordasse de todas, era necessário escolher apenas uma opção. Em algumas perguntas do questionário, aquelas de caráter qualitativo, o sujeito poderia acrescentar uma outra opção de resposta e, assim, teríamos acesso a considerações que os adolescentes faziam e que não se encontravam nas opções de respostas apresentadas.

O questionário pode ser dividido em duas partes principais, cada uma buscando elucidar aspectos diferentes da pergunta que dirige a pesquisa:

1) *Concepções adolescentes sobre o que significa “ser adulto”*: investigar o que é positivo e o que é negativo em se tornar adulto; quando e o quê marca a passagem da adolescência para a idade adulta;

As questões relativas a esta parte são as seguintes:

1. O que é ser adulto?

☐ é ter responsabilidades.

☐ é ser independente

☐ é tornar-se cidadão

☐ é constituir uma família

Você pensa em outra opção? Se sim, qual? _____

2. Quando se dá a passagem da adolescência para a idade adulta?

☐ A partir dos 18 anos

☐ Com a independência financeira

☐ Com a maturidade

☐ Ao sair da casa dos pais

Você pensa em outra opção? Se sim, qual? _____

3. Tornar-se adulto é algo positivo?

☐ Muito positivo ☐ Positivo ☐ Pouco positivo ☐ Nada positivo

4. O que tem de mais positivo em se tornar adulto?

☐ Tornar-se independente

☐ Constituir uma família

☐ Ganhar estabilidade emocional

☐ Tornar-se cidadão

Você pensa em outra opção? Se sim, qual? _____

5. O que tem de mais negativo em se tornar adulto?

☐ Assumir responsabilidades

☐ Enfrentar a competição do mundo do trabalho

☐ Começar a perder a beleza

☐ Perder a espontaneidade

Você pensa em outra opção? Se sim, qual? _____

2) *Avaliação dos adultos pelos adolescentes*, a partir:

a) da atuação dos adultos na condução do mundo: a avaliação incide na postura do adulto de hoje, especialmente na esfera pública. Educação, política, meio ambiente, ciência, mídia foram os âmbitos selecionados para que os jovens procedessem a tal avaliação.

6. Os adultos de hoje dirigem o mundo...

() Muito bem. () Bem () Mal () Muito mal

7. Os adultos de hoje educam as novas gerações...

() Muito bem. () Bem () Mal () Muito mal

8. Os adultos de hoje conduzem a política...

() Muito bem. () Bem () Mal () Muito mal

9. Os adultos de hoje conduzem as questões ambientais...

() Muito bem. () Bem () Mal () Muito mal

10. Os adultos de hoje conduzem a ciência...

() Muito bem. () Bem () Mal () Muito mal

11. Os adultos de hoje conduzem as informações e programas veiculados pela mídia...

() Muito bem. () Bem () Mal () Muito mal

b) dos valores dos adultos de hoje: tratava-se de categorias relacionadas aos adultos e à contemporaneidade (maior virtude, maior defeito, o que mais desejam, o que mais temem);

12. Dentre as opções abaixo, qual poderia ser a maior virtude dos adultos de hoje?

() Competência profissional

() Justiça

() Honestidade

() Solidariedade

Você pensa em outra opção? Se sim, qual? _____

13. Dentre as opções abaixo, qual poderia ser o maior defeito dos adultos de hoje?

- ☐ São egoístas
- ☐ São vaidosos
- ☐ São covardes
- ☐ São desatualizados

Você pensa em outra opção? Se sim, qual? _____

14. O que os adultos de hoje mais esperam para a vida deles?

- ☐ Dinheiro
- ☐ Fama
- ☐ Constituir uma família
- ☐ Reconhecimento social

Você pensa em outra opção? Se sim, qual? _____

15. O que os adultos de hoje mais temem para a vida deles?

- ☐ Envelhecer
- ☐ Desemprego
- ☐ Ser sozinho
- ☐ As Responsabilidades

Você pensa em outra opção? Se sim, qual? _____

c) categorias tradicionalmente associadas ao adulto: sabedoria, responsabilidade, maturidade, ética;

16. Os adultos de hoje são pessoas...

- ☐ muito sábias. ☐ sábias. ☐ pouco sábias. ☐ nada sábias.

17. Os adultos de hoje são pessoas...

- ☐ muito maduras. ☐ maduras. ☐ pouco maduras. ☐ nada maduras.

18. Os adultos de hoje são pessoas...

- ☐ muito responsáveis. ☐ responsáveis. ☐ pouco responsáveis. ☐ nada responsáveis.

19. Os adultos de hoje são pessoas...

- ☐ muito éticas ☐ éticas ☐ pouco éticas ☐ nada éticas

d) do jovem e sua relação com o adulto: a avaliação se dirige ao modo como o jovem se comporta em relação aos adultos. Avaliavam-se atributos como autoridade (o quanto sentiam dever obediência aos adultos), a confiança depositada nos últimos, o

quanto os adolescentes se viam diferentes dos adultos (em seus projetos de vida, em suas condutas futuras) e quem ou o quê teria maior influência em suas vidas;

20. Qual seu grau de confiança nos adultos de hoje?

☐ Confio muito ☐ Confio ☐ Confio pouco ☐ Não confio

21. Escolha a alternativa com a qual você concorda mais.

☐ Os jovens devem **muita obediência** aos adultos.

☐ Os jovens devem **obediência** aos adultos.

☐ Os jovens devem **pouca obediência** aos adultos.

☐ Os jovens **não devem obediência** aos adultos.

22. Dentre as opções abaixo, qual delas tem maior influência na sua vida?

☐ Pais

☐ Amigos

☐ Personalidades conhecidas socialmente

☐ Informações veiculadas nos meios de comunicação

Você pensa em outra opção? Se sim, qual? _____

23. O seu projeto de vida é...

☐ Muito parecido com a vida dos adultos de hoje

☐ Parecido com a vida dos adultos de hoje

☐ Pouco parecido com a vida dos adultos de hoje

☐ Nada parecido com a vida dos adultos de hoje

24. Quando for adulto, você gostaria de ser...

☐ Muito parecido(a) com os adultos de hoje.

☐ Parecido(a) com os adultos de hoje.

☐ Pouco parecido(a) com os adultos de hoje.

☐ Nada parecido(a) com os adultos de hoje

6. RESULTADOS

Como explicado na parte dos Objetivos e do Método, a pesquisa possui uma pergunta geral – qual a imagem de adulto e do lugar adulto que os adolescentes fazem – composta por outras questões específicas. As respostas a estas perguntas tentaram ser obtidas a partir de duas questões abertas e um questionário fechado. Apesar de cada pergunta feita no instrumento ter um objetivo específico, evidentemente, todas elas se relacionam, o que nos leva, durante a análise, a não ignorar tal relação. No entanto, por motivos didáticos, dividiremos a parte dos resultados e de sua análise a partir dos objetivos específicos de nossa pesquisa, juntamente com as questões do instrumento que se encontram mais relacionadas.

Na análise do questionário, além das respostas preestabelecidas e que todos os sujeitos deveriam escolher uma opção dentre as quatro oferecidas, também abrimos espaços em algumas perguntas para que os jovens acrescentassem outra categoria. Algumas vezes, eram citadas categorias novas, outras, tratavam-se de alternativas já existente no questionário, mas com a qual o sujeito também concordava. O número de respostas acrescentadas variaram de 44 a 80, dependendo da questão, mas apenas as analisaremos quando forem significativas para a discussão dos resultados. Todas as repostas acrescentadas encontram-se anexadas neste trabalho. Também separamos as respostas em branco (na qual o sujeito não assinalou nenhuma opção) daquelas anuladas (na qual o sujeito assinalou mais de uma, ou apenas acrescentou uma opção de reposta sem escolher uma das quatro opções oferecidas).

Cabe ressaltar que não era objetivo deste trabalho fazer um estudo comparativo entre escolas públicas e particulares e, apesar de explicitarmos durante a análise as

freqüências separadamente, apenas discutiremos comparativamente quando as diferenças forem significativas. Vale apontar que não houve divergências relevantes entre os sexos feminino e masculino.

6.1. O QUESTIONÁRIO

6.1.1. O adulto e o mundo público

As perguntas deste tópico se relacionavam a como os adolescentes avaliavam a condução do mundo pelos adultos, fazendo referência à atuação dos últimos especialmente na esfera pública. Educação, política, meio ambiente, ciência, mídia foram os âmbitos selecionados para que os jovens procedessem a tal avaliação.

Tabela 1: Avaliação dos jovens sobre como os adultos de hoje dirigem o mundo

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Muito bem	0	0,00	2	0,87	2	0,38
Bem	46	15,92	97	41,99	143	27,50
Mal	158	54,67	95	41,13	253	48,65
Muito mal	83	28,72	35	15,15	118	22,69
Respostas em branco	2	0,69	2	0,87	4	0,77
Respostas anuladas	0	0,00	0	0,00	0	0,00
<i>TOTAL</i>	289	100,00	231	100,00	520	100,00

Pedimos que os jovens avaliassem, de um modo geral, a condução e direção do mundo pelos adultos de hoje. A resposta foi negativa para 71% dos jovens, avaliando que os adultos de hoje conduzem mal ou muito mal o mundo e apenas dois sujeitos consideraram que os adultos de hoje o dirigem *muito bem*. Há, certamente, um

pessimismo entre os jovens com relação a capacidade dos adultos em serem responsáveis pelo mundo.

Apesar desta tendência ser verificada em todas as escolas, os sujeitos das particulares foram significativamente mais críticos em relação à esta avaliação: 85% consideraram que os adultos dirigem o mundo mal ou muito mal, enquanto esta porcentagem caiu para 56% entre os alunos das escolas públicas.

Posteriormente a esta análise geral, delimitamos algumas esferas para que os jovens pudessem avaliar a atuação do adulto. Condizente com o resultado geral acima, os alunos de escolas particulares tenderam a uma avaliação mais negativa dos adultos do que àqueles de escolas públicas.

Observando as tabelas abaixo percebemos que a política e o meio ambiente foram os âmbitos pior avaliados entre os jovens. 90% dos sujeitos julgaram que os adultos de hoje conduzem mal ou muito mal a política e nenhum jovem avaliou como muito bem tal condução. Entre os alunos das escolas particulares, esta avaliação foi quase unânime (94%), enquanto nas escolas públicas a má avaliação foi recorrente entre 84% dos alunos. O cuidado com o meio ambiente também foi considerado negativo por grande parte dos jovens (83%) e, mais uma vez, houve uma diferença aproximada de 10% na avaliação negativa entre os alunos das escolas particulares (88%) e das escolas públicas (76%).

Tabela 2: Avaliação dos jovens sobre como os adultos de hoje conduzem a política

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Muito bem	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Bem	15	5,19	35	15,15	50	9,62
Mal	122	42,21	118	51,08	240	46,15
Muito mal	150	51,90	78	33,77	228	43,85
Respostas em branco	2	0,69	0	0,00	2	0,38
Respostas anuladas	0	0,00	0	0,00	0	0,00
TOTAL	289	100,00	231	100,00	520	100,00

Tabela 3: Avaliação dos jovens sobre como os adultos de hoje conduzem as questões ambientais

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Muito bem	2	0,69	4	1,73	6	1,15
Bem	29	10,03	50	21,65	79	15,19
Mal	130	44,98	102	44,16	232	44,62
Muito mal	127	43,94	75	32,47	202	38,85
Respostas em branco	1	0,35	0	0,00	1	0,19
Respostas anuladas	0	0,00	0	0,00	0	0,00
TOTAL	289	100,00	231	100,00	520	100,00

De forma geral, as categorias Educação e Mídia dividiram a opinião dos jovens, mas, encontramos em ambas, novamente, a tendência dos adolescentes de escola pública terem uma visão mais positiva dos adultos, especialmente no item Mídia.

Tabela 4: Avaliação dos jovens sobre como os adultos de hoje educam as novas gerações

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Muito bem	5	1,73	10	4,33	15	2,88
Bem	97	33,56	111	48,05	208	40,00
Mal	126	43,60	80	34,63	206	39,62
Muito mal	57	19,72	28	12,12	85	16,35
Respostas em branco	4	1,38	2	0,87	6	1,15
Respostas anuladas	0	0,00	0	0,00	0	0,00
TOTAL	289	100,00	231	100,00	520	100,00

Com relação a forma como os adultos de hoje educam as novas gerações, 42% dos jovens avaliaram que os adultos educam bem ou muito bem e 55%, ao contrário, avaliaram mal ou muito mal. O julgamento negativo foi mais recorrente entre os adolescentes das escolas particulares (63%), enquanto esta percentagem foi menor entre os de escolas públicas (46%).

Com relação à mídia, um pouco mais que a metade dos jovens (56%) avaliaram que os adultos de hoje conduzem bem ou muito bem as informações e programas veiculados pela mídia. No entanto, nota-se que, se entre os alunos de escolas particulares, a opinião se dividiu, tendendo a uma avaliação negativa (41% julgaram positivamente, e 57%, negativamente), a maioria dos jovens de escolas públicas (74%) avaliaram os adultos positivamente no que se refere à mídia, revelando uma diferença significativa entre as escolas.

Tabela 5: Avaliação dos jovens sobre como os adultos de hoje conduzem as informações e programas veiculados pela mídia

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Muito bem	30	10,38	35	15,15	65	12,50
Bem	89	30,80	138	59,74	227	43,65
Mal	103	35,64	41	17,75	144	27,69
Muito mal	64	22,15	14	6,06	78	15,00
Respostas em branco	3	1,04	3	1,30	6	1,15
Respostas anuladas	0	0,00	0	0,00	0	0,00
TOTAL	289	100,00	231	100,00	520	100,00

Os alunos de escolas particulares normalmente desfrutam de um melhor acesso a informações diversas, bem como de uma formação educativa mais complexa e, não raramente, de melhor qualidade. Estes benefícios tendem a torná-los mais críticos em

relação aos programas e informações veiculados pela mídia, mesmo que também influenciados por ela. Esta crítica e questionamento parecem se estender às outras esferas analisadas, visto a avaliação negativa ser mais freqüente entre os alunos de escolas particulares. No entanto, devemos estar atentos ao fato de que, apesar das diferenças nos resultados entre as duas escolas, ambos alunos – de escolas públicas e particulares – tenderam a concordar com relação à avaliação dos adultos.

Referente à atuação dos adultos nas esferas públicas, parece que apenas a Ciência se destaca positivamente, de forma consistente entre as escolas.

Tabela 6: Avaliação dos jovens sobre como os adultos de hoje conduzem a ciência

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Muito bem	64	22,15	19	8,23	83	15,96
Bem	174	60,21	136	58,87	310	59,62
Mal	41	14,19	60	25,97	101	19,42
Muito mal	9	3,11	16	6,93	25	4,81
Respostas em branco	1	0,35	0	0,00	1	0,19
Respostas anuladas	0	0,00	0	0,00	0	0,00
TOTAL	289	100,00	231	100,00	520	100,00

A atuação dos adultos no âmbito da Ciência foi bem avaliada por 75% dos jovens. Os alunos de escolas particulares tenderam a uma visão mais positiva (82% avaliaram bem ou muito bem) do que àqueles de escolas públicas (67% avaliaram bem ou muito bem). Talvez este resultado se deva em virtude de os alunos de escolas particulares – normalmente apresentando melhores condições financeiras – serem os indivíduos mais beneficiados pelos avanços científicos, visto que a disponibilização destes recursos freqüentemente dependem de (altos) recursos financeiros.

6.1.2. Os valores dos adultos

As questões desta parte buscavam investigar quais eram os valores dos adultos de hoje na opinião dos jovens: o que os adultos valorizam? O que temem? Quais as suas qualidades e seus defeitos? As respostas poderiam ser variadas, de forma que abrimos espaço para que, além da escolha por uma das quatro opções preestabelecidas pelo questionário, os sujeitos pudessem acrescentar outra opção. Além, disso, os estudos sobre a contemporaneidade e seus ideais mostraram-se importantes para que as questões acima, bem como suas possíveis respostas, pudessem ser pensadas e elaboradas.

O que os adultos mais esperam para suas vidas? O questionário oferecia quatro opções de respostas: “dinheiro” – visto seu importante papel em uma sociedade de consumo e capitalista –, “fama” – atributo recorrente nos discursos comuns e acadêmicos, tendo em vista as discussões sobre vivermos em uma sociedade do espetáculo –, “reconhecimento social” – que se contrapõe ao aspecto superficial da fama – e, no campo das relações privadas, “constituir uma família”.

Tabela 7: Distribuição de respostas entre os jovens sobre o que os adultos mais esperam para suas vidas

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Dinheiro	206	71,28	175	75,76	381	73,27
Fama	5	1,73	4	1,73	9	1,73
Constituir uma família	22	7,61	26	11,26	48	9,23
Reconhecimento social	42	14,53	19	8,23	61	11,73
Respostas em branco	9	3,11	6	2,60	15	2,88
Respostas anuladas	5	1,73	1	0,43	6	1,15
<i>TOTAL</i>	289	100,00	231	100,00	520	100,00

As respostas para esta questão foram muito parecidas entre os alunos de escolas públicas e particulares. Como era de se esperar, a maioria dos jovens (73%) consideraram que dinheiro é aquilo que os adultos mais esperam de suas vidas. Devemos considerar que tal escolha, inicialmente óbvia, é reflexo de como nossas sociedades se estruturam, sendo que o dinheiro se torna base de acesso àquilo que é valorizado em nossas sociedades, permeando as relações sociais, as expectativas futuras, as possibilidades de escolha. As demais categorias incidem sobre variáveis psicológicas. Condizente com a pesquisa realizada por La Taille & Harkot-de-La-Taille (2005), na qual os jovens concederam muito pouca importância para a fama em suas vidas, aparentemente esta avaliação também se repete na imagem que possuem dos adultos. Ao contrário das discussões a respeito de um homem pós-moderno, na qual sua auto-estima depende sempre da ratificação da mídia, parece que a fama não é reconhecida como uma aspiração dos adultos de hoje (apenas 1% a considerou como prioridade dos adultos). Em contraposição, dentre as variáveis psicológicas, o reconhecimento social aparece como o mais importante (11%).

Perguntamos, inversamente, o que os jovens consideravam como sendo o maior temor dos adultos de hoje. Temer o desemprego, não apenas se mostrava como uma forte opção devido aos discursos que circulam na mídia e na realidade brasileira, como também pelas análises que muitos pensadores fazem a respeito da estrutura de nossas sociedades (Bauman, 1998). Como podemos observar na tabela abaixo, as respostas de nossos sujeitos foram coerentes com tais discursos, bem como com a imagem de que “dinheiro” seria a grande aspiração dos adultos de hoje. Para 61% dos jovens, o maior temor dos adultos de hoje é o desemprego, e isto mostra-se válido, aparentemente, para

todas as classes sociais, visto os alunos de escolas públicas e particulares concordarem neste aspecto.

Envelhecer e ser sozinho eram fatores que poderiam gerar forte sofrimento psíquico. O primeiro reforçado em nossas sociedades, tanto pelo enaltecimento contemporâneo da juventude e beleza e sua concomitante desvalorização da velhice, bem como pelo fato de a morte ser uma vivência ainda mais individual e solitária em nossos tempos, visto o sentido da vida não contar com um suporte social e transcendente à vida individual. Observamos que ambas opções encontram-se praticamente empatadas (13% envelhecer e 12% ser sozinho). A opção por “Responsabilidades” tinha intenção de observar a redundância com outras questões do questionário, além de avaliar sua possível conotação negativa. Ela foi a menos recorrente entre os jovens (7%).

Tabela 8: Distribuição de respostas entre os jovens sobre o que os adultos mais temem para suas vidas

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Envelhecer	43	14,88	29	12,55	72	13,85
Desemprego	170	58,82	150	64,94	320	61,54
Ser sozinho	44	15,22	20	8,66	64	12,31
As responsabilidades	19	6,57	20	8,66	39	7,50
Respostas em branco	9	3,11	6	2,60	15	2,88
Respostas anuladas	4	1,38	6	2,60	10	1,92
<i>TOTAL</i>	289	100,00	231	100,00	520	100,00

Dentro do tema sobre os valores dos adultos de hoje, perguntamos para os jovens qual poderia ser a maior virtude dos adultos, sendo que três delas eram morais (honestidade, solidariedade e justiça) e uma pragmática (competência profissional).

Tabela 9: Distribuição de respostas entre os jovens sobre qual é a maior virtude do adulto de hoje

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Competência profissional	163	56,40	80	34,63	243	46,73
Justiça	31	10,73	31	13,42	62	11,92
Honestidade	34	11,76	77	33,33	111	21,35
Solidariedade	34	11,76	30	12,99	64	12,31
Respostas em branco	8	2,77	9	3,90	17	3,27
Respostas anuladas	19	6,57	4	1,73	23	4,42
TOTAL	289	100,00	231	100,00	520	100,00

Houve uma diferença nas respostas dos jovens de escolas particulares das públicas. Para mais da metade dos alunos das primeiras, a grande virtude dos adultos é a competência profissional (56% a consideraram), enquanto as outras três morais ficam praticamente empatadas. Esta distribuição foi diferente entre os alunos de escolas públicas, cuja decréscimo na frequência de respostas “Competência profissional” (34%) – em relação às escolas particulares – foi compensada por uma aumento da virtude “Honestidade” (33%), empatando ambas virtudes como as mais escolhidas.

Podemos fazer duas hipóteses a respeito dos resultados acima. A primeira é a de que os adultos mais virtuosos, no que se refere a sua competência profissional, encontram-se, de fato, nas classes mais altas, representadas pelos alunos de escolas particulares. São geralmente os adultos que tiveram uma melhor e uma maior preparação para o mercado de trabalho, assumindo cargos mais valorizados socialmente e financeiramente. Enquanto isso, haveria entre as classes econômicas mais baixas uma valorização do adulto honesto, trabalhador, que cumpre suas obrigações. Poderíamos entender que este é o valor principal atribuído aos adultos entre os alunos de escolas públicas, ou seja, a idéia do trabalhador honesto, enquanto, nas escolas particulares, haveria a recorrência da imagem do adulto vencedor. Este resultado se verifica ainda nas

respostas acrescentadas, nas quais a menção à honestidade continua sendo a mais recorrente entre os alunos de escolas públicas: das 12 respostas “Honestidade” acrescentadas, apenas duas são de alunos de escolas particulares.

Uma segunda hipótese, não excludente da primeira, é a de que haveria uma tendência dos jovens de classe média serem mais críticos e mais pessimistas em relação à conduta dos adultos de hoje. Devemos lembrar que foram estes sujeitos os responsáveis por uma avaliação mais negativa a respeito da atuação dos adultos no mundo público. Esta tendência se mantém nas “Respostas Acrescentadas”. Dentre o total de 57 respostas acrescentadas nesta pergunta, entre os alunos de escolas particulares, apenas 40% faz referência a virtudes morais, enquanto esta porcentagem é de 74% entre os alunos de escolas públicas. Cabe ressaltar que são os alunos de escolas particulares aqueles que mais expressam espontaneamente acreditar que os adultos de hoje não possuem nenhuma das virtudes mencionadas, ou acrescentam defeitos em vez de qualidades (7 alunos de escolas particulares e apenas um de escola pública).

Por fim, perguntamos aos nossos sujeitos qual poderia ser o maior defeito dos adultos de hoje. Mais uma vez, apresentamos uma opção pragmática – “são desatualizados”, fazendo referência ao avanços tecnológicos e a associação deste conhecimento à população jovem – e três defeitos que se relacionam a uma conduta contrária àquela moral: egoísmo, vaidade e covardia.

Tabela 10: Distribuição de respostas entre os jovens sobre qual é a maior defeito do adulto de hoje

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Egoísmo	172	59,52	117	50,65	289	55,58
Vaidade	11	3,81	17	7,36	28	5,38
Covardia	45	15,57	31	13,42	76	14,62
Desatualizados	36	12,46	56	24,24	92	17,69
Respostas em branco	7	2,42	6	2,60	13	2,50
Respostas anuladas	18	6,23	4	1,73	22	4,23
TOTAL	289	100,00	231	100,00	520	100,00

Mais uma vez, a idéia de uma adulto narcisista, vaidoso, preocupado com fama, glória, não se mostra muito presente no imaginário dos jovens, pois apenas 5% consideraram que a Vaidade seria o maior defeito dos adultos de hoje. No entanto, a idéia de uma adulto auto-centrado, preocupado com seus próprios interesses foi recorrente em mais da metade dos sujeitos (55%) que consideraram o Egoísmo como o maior defeito dos adultos de hoje.

Observemos que a única virtude pragmática, a qual não envolvia valores morais, foi mais recorrente entre os alunos de escolas públicas (24%), sendo o segundo defeito mais escolhido. Nas escolas particulares os defeitos “Covardia” e “Serem desatualizados” ficaram praticamente empatados (15% covardia e 12% desatualizados). Esta diferença nos faz pensar, novamente, na hipótese dos adolescentes de escolas públicas terem uma visão mais positiva dos adultos do que àqueles de escolas particulares.

Nas “Respostas Acrescentadas”, além de verificarmos a mesma tendência já analisada entre aquelas categorias preestabelecidas pelo questionário, outras categorias surgem como alienados, insatisfeitos, estressados, especialmente entre os alunos de escolas particulares. O aspecto negativo do adulto de hoje parece não apenas recair no

adulto imoral, mas sim apático, instável, indicando uma imagem oposta aquela de lugar de saber, de guia dos mais novos.

6.1.3. Atributos e qualidades adultas

As perguntas desta parte buscavam abordar aspectos que, tradicionalmente, estiveram relacionados à imagem do adulto. O objetivo era que o adolescente pudesse avaliar o adulto nas seguintes categorias: sabedoria, responsabilidade, maturidade, ética. Vamos iniciar a partir das categorias mais bem avaliadas àquelas que tiveram pior avaliação.

Tabela 11: Avaliação dos jovens sobre se os adultos de hoje são pessoas responsáveis

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Muito responsáveis	29	10,03	28	12,12	57	10,96
Responsáveis	168	58,13	134	58,01	302	58,08
Pouco responsáveis	82	28,37	56	24,24	138	26,54
Nada responsáveis	6	2,08	8	3,46	14	2,69
Respostas em branco	4	1,38	5	2,16	9	1,73
Respostas anuladas	0	0,00	0	0,00	0	0,00
<i>TOTAL</i>	<i>289</i>	<i>100,00</i>	<i>231</i>	<i>100,00</i>	<i>520</i>	<i>100,00</i>

Os jovens consideraram, em sua maioria, com 58%, os adultos de hoje responsáveis, sendo que 10% os julgaram muito responsáveis. A porcentagem foi muito baixa entre aqueles que os consideraram nada responsáveis (apenas 1,7%).

Uma distribuição parecida também se verifica em relação à avaliação da maturidade dos adultos de hoje: 62% os consideram maduros ou muito maduros e apenas 1% dos jovens avaliaram o extremo oposto – nada maduros.

Tabela 12: Avaliação dos jovens sobre se os adultos de hoje são pessoas maduras

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Muito maduras	19	6,57	34	14,72	53	10,19
Maduras	162	56,06	113	48,92	275	52,88
Pouco maduras	96	33,22	75	32,47	171	32,88
Nada maduras	7	2,42	8	3,46	15	2,88
Respostas em branco	5	1,73	1	0,43	6	1,15
Respostas anuladas	0	0,00	0	0,00	0	0,00
TOTAL	289	100,00	231	100,00	520	100,00

Claro que não é desprezível o fato de 28% dos jovens – no caso da responsabilidade – e 35% - no caso da maturidade terem considerado os adultos de hoje pouco ou nada responsáveis e pouco ou nada maduros. Estes resultados indicam certa inquietude entre os adolescentes, com relação à confiança depositada na forma “adulta” dos adultos se apresentarem. No entanto, a imagem de um adulto infantil ou irresponsável parece ser menos recorrente do que os outros atributo avaliados.

Já o atributo sabedoria dividiu a opinião dos jovens. Para 44% deles, os adultos de hoje são considerados pouco sábios e a mesma porcentagem é verificada entre aqueles que os consideram sábios. É significativo que metade dos sujeitos entrevistados não considerem os adultos de hoje pessoas sábias e que apenas 3% os considerem muito sábios. Este resultado é condizente com a hipótese sobre o lugar adulto não mais garantir sabedoria, a qual sempre delegou aos mesmos um lugar de respeito e reverência no passado. Além disso, também podemos nos questionar se, de fato, os adultos de hoje não se apresentam mesmo um pouco perdidos, pouco autorizados – e pouco se autorizando – no lugar daqueles que se utilizam de sua experiência para guiar os mais novos. A Ciência e seus conhecimentos cada vez mais se infiltram no cotidiano das pessoas, dizendo a maneira correta de educar, ensinar, comportar-se, enfim, viver. Lembrando que o item

Ciência foi o melhor avaliado dentre aqueles que faziam referência à atuação do adulto no mundo público.

Tabela 13: Avaliação dos jovens sobre se os adultos de hoje são pessoas sábias

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Muito sábios	6	2,08	12	5,19	18	3,46
Sábios	132	45,67	99	42,86	231	44,42
Pouco sábios	127	43,94	105	45,45	232	44,62
Nada sábios	18	6,23	14	6,06	32	6,15
Respostas em branco	6	2,08	1	0,43	7	1,35
Respostas anuladas	0	0,00	0	0,00	0	0,00
TOTAL	289	100,00	231	100,00	520	100,00

Para a maioria dos sujeitos (59%) os adultos de hoje foram considerados pessoas pouco éticas ou nada éticas, sendo que mais de 10% os consideraram nada éticos e apenas 2% muito éticos. Houve uma pior avaliação por parte dos alunos de escolas particulares (63% os consideraram pouco ou nada éticos) em relação àqueles de escolas públicas (54%).

Tabela 14: Avaliação dos jovens sobre se os adultos de hoje são pessoas éticas

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Muito éticas	5	1,73	7	3,03	12	2,31
Éticas	97	33,56	94	40,69	191	36,73
Pouco éticas	151	52,25	106	45,89	257	49,42
Nada éticas	33	11,42	21	9,09	54	10,38
Respostas em branco	3	1,04	3	1,30	6	1,15
Respostas anuladas	0	0,00	0	0,00	0	0,00
TOTAL	289	100,00	231	100,00	520	100,00

Algumas considerações merecem ser analisadas a partir do que viemos apresentando até este momento. Primeiramente, se pudéssemos fazer uma gradação dos

atributos analisados, parece pertinente afirmar que ética é aquele que mais faz referência às relações sociais e públicas. Em segundo lugar, devemos lembrar que a atuação dos adultos nas esferas públicas tenderam a uma avaliação negativa, especialmente entre aqueles alunos de escolas particulares. Devemos observar que, tanto a tendência a uma avaliação negativa, quanto a diferença na frequência entre os alunos de escolas públicas e particulares, repetem-se justamente quando o atributo em questão é a Ética – a mais “pública” das características pessoais analisadas até agora. Estamos sugerindo, não apenas que os adultos são pior avaliados quando está em questão sua capacidade de relacionar-se e atuar no mundo público, como também que a imagem do adulto é influenciada pelo grau de intimidade que os jovens tenham dele. Quanto mais anônimo o adulto for, menos amistoso ele parecerá. Quanto mais está em jogo as habilidades e comportamentos impessoais – característicos dos relacionamentos fora do âmbito privado –, menos apto este adulto parecerá. Esta hipótese é coerente com as discussões a respeito da tendência contemporânea da aproximação ao outro sempre se dar a partir de sua individualidade, de sua intimidade. Hipótese que nos parece complementar àquela que afirma a tendência do indivíduo (e também do jovem) à reclusão na esfera privada. Esta separação entre esfera pública e privada parece ser muito mais intensa entre os jovens de classe média e média-alta, visto os adolescentes de baixa renda normalmente terem que trabalhar quando ainda estudando, o que poderia explicar, em partes, as diferenças mencionadas.

6.1.4. O adolescente e sua relação com o adulto

Até o momento, estivemos analisando como o jovem avalia o adulto de hoje em algumas de suas características, sejam elas voltadas aos atributos pessoais, sejam elas focando a atuação do adulto nas diversas esferas públicas. As questões, agora, voltam-se para a relação que o jovem estabelece com os adultos, ou seja, a avaliação não se dirige apenas às características dos últimos, mas também ao modo como o jovem se comporta em relação aos adultos. Assim, alguns aspectos nos interessavam. Em primeiro lugar, desejávamos investigar o lugar de autoridade dos adultos e buscamos isto a partir do seu inverso: a obediência. Os jovens de hoje sentem que devem obediência aos adultos? Muita, pouca, nenhuma? Vamos analisar os resultados:

Tabela 15: Avaliação dos jovens sobre o grau de obediência que devem aos adultos

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Muita obediência	18	6,23	63	27,27	81	15,58
Obediência	186	64,36	139	60,17	325	62,50
Pouca obediência	40	13,84	20	8,66	60	11,54
Nenhuma obediência	40	13,84	8	3,46	48	9,23
Respostas em branco	5	1,73	1	0,43	6	1,15
Respostas anuladas	0	0,00	0	0,00	0	0,00
TOTAL	289	100,00	231	100,00	520	100,00

Para 62% dos sujeitos, os jovens devem obediência aos adultos, indicando que a maioria dos adolescentes reconhecem e legitimam uma hierarquia entre os mais velhos e os mais novos. Comparando os resultados entre as duas escolas (públicas e particulares) percebemos que as diferenças entre ambos os grupos encontram-se nas opiniões extremas, ou seja, entre aqueles que acreditam dever muita obediência e aqueles que crêem não dever nenhuma obediência aos adultos. Aparentemente, os alunos de escolas particulares demonstraram um questionamento maior a respeito da autoridade dos adultos. Apenas 6% consideraram que os jovens deviam muita obediência, apresentando

uma diferença significativa dos alunos de escolas públicas que, com 27%, escolheram a opção “muita obediência”. Coerentemente, 10% a mais de alunos de escolas particulares (13%) negaram este lugar hierárquico entre jovens e adultos, entendendo que os jovens não devem obediência aos adultos. Esta opção foi muito pouco freqüente entre os alunos de escolas públicas (3%).

Aparentemente, a imagem de uma relação de autoridade, assimétrica, entre os mais novos e os mais velhos, ainda é recorrente entre os jovens, sejam eles de classe média ou baixa. No entanto, parece que este lugar de autoridade dos adultos é mais relativizado e questionado entre os alunos de escolas particulares. Podemos entender estes dados a partir da idéia discutida na parte teórica sobre a tendência de “simetrização” das relações sociais nas sociedades contemporâneas. A maioria dos nossos sujeitos demonstram reconhecer uma hierarquia na relação jovem-adulto, no entanto, alguns já não a tem como inquestionável e absoluta, especialmente entre os alunos de escolas particulares. Por outro lado, a possibilidade de questionar hierarquias (ou simplesmente questionar) fica grandemente dificultada quando a posição social ocupada é daquele que deve se submeter, aceitar, obedecer, como é o caso das classes desfavorecidas, o que talvez explique porque o questionamento da autoridade adulta mostrou-se menos presente entre os alunos de escolas públicas.

Vimos que os jovens, em sua maioria, sentem dever obediência aos adultos, mas sentiriam os primeiros o mesmo grau de confiança nos últimos?

Tabela 16: Avaliação dos jovens sobre o grau de confiança que sentem pelos adultos de hoje

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Confio muito	15	5,19	14	6,06	29	5,58
Confio	142	49,13	89	38,53	231	44,42
Confio pouco	108	37,37	104	45,02	212	40,77
Não confio	18	6,23	22	9,52	40	7,69

Respostas em branco	6	2,08	2	0,87	8	1,54
Respostas anuladas	0	0,00	0	0,00	0	0,00
TOTAL	289	100,00	231	100,00	520	100,00

Na tabela acima, fica claro que a confiança nos adultos é questionada, pois, apesar da frequência de sujeitos que confiam e que confiam pouco serem parecidas, é significativo que 40% confiem pouco e apenas 5% confiem muito. Quanta contradição! Os jovens, em sua maioria, acreditam dever obediência aos adultos, mas a confiança nos mesmos não tem a mesma expressividade. Este dado talvez aponte a um vazio nos jovens de hoje, visto que eles aparentemente demandam um adulto que assuma sua posição nesta hierarquia, mas não encontram adultos confiáveis.

Surpreendentemente, são os alunos de escolas públicas que menos confiam nos adultos – 54% confiam pouco ou não confiam, enquanto esta porcentagem é de 43% entre os alunos de escolas particulares. Ora, se pensarmos que são os alunos de escolas públicas aqueles que mais sentem dever obediência aos adultos e os que melhor avaliam os mesmo quando comparados aos alunos de escolas particulares, era de se esperar que o item confiança seguiria a mesma tendência. Não é o que ocorre. Podemos nos reportar novamente à hipótese de um discurso de aceitação, obediência e submissão que circula entre as classes menos favorecidas. Talvez, apesar de sentirem certa desconfiança em relação aos adultos de hoje, os jovens destas classes pouco se permitam questionar e criticar os valores e atitudes dos mesmos.

Dentro do objetivo de investigar alguns aspectos da relação dos adultos e adolescentes, buscamos entender o quanto os jovens se viam diferentes, no futuro, dos adultos de hoje. Dois aspectos nos pareciam importantes com relação à avaliação destas diferenças. A primeira delas fazia referência às semelhanças entre o projeto de vida do adolescente e a vida dos adultos de hoje. A segunda incidia na própria imagem que o jovem fazia de si no futuro.

Tabela 17: Distribuição de respostas entre os jovens sobre o quão parecido é o projeto de vida do adolescente da vida do adulto de hoje

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Muito parecido	18	6,23	27	11,69	45	8,65
Parecido	130	44,98	92	39,83	222	42,69
Pouco parecido	104	35,99	80	34,63	184	35,38
Nada parecido	37	12,80	30	12,99	67	12,88
Respostas em branco	0	0,00	2	0,87	2	0,38
Respostas anuladas	0	0,00	0	0,00	0	0,00
TOTAL	289	100,00	231	100,00	520	100,00

Tabela 18: Distribuição de respostas entre os jovens sobre o quão parecido gostariam de ser com os adultos de hoje

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Muito parecido	4	1,38	14	6,06	18	3,46
Parecido	83	28,72	56	24,24	139	26,73
Pouco parecido	153	52,94	102	44,16	255	49,04
Nada parecido	48	16,61	57	24,68	105	20,19
Respostas em branco	1	0,35	2	0,87	3	0,58
Respostas anuladas	0	0,00	0	0,00	0	0,00
TOTAL	289	100,00	231	100,00	520	100,00

Como revelam as tabelas acima, o desejo de *ser* parecido com os adultos é menor do que a semelhança entre os projetos de vida entre ambas as faixas etárias. Para 51% dos adolescentes, seus projetos de vida são parecidos ou muito parecidos com os dos adultos de hoje. Em contraposição, apenas 30% gostaria de ser parecido ou muito parecido com os adultos e 20% - número bastante significativo - não gostariam de se parecer em nada com os adultos de hoje.

Temos visto que os nossos sujeitos vêm apresentando suas críticas em relação aos adultos, às vezes de forma mais intensa, às vezes menos intensa, mas em quase todas as avaliações feitas referente a seus atributos pessoais e a como conduzem as diversas

esferas do mundo, pelo menos metade dos nossos jovens não aprovam as atitudes e qualidades apresentadas pelos adultos. Esta diferença entre *ser* como o adulto e *ter* uma vida semelhante aos mesmos pode ser pensada a partir da possibilidade que os jovens de hoje encontram de propor uma forma alternativa de vida.

Por fim, perguntamos aos jovens quais das seguintes opções – pais, amigos, personalidades conhecidas socialmente, informações dos meios de comunicação – tinham mais influência em suas vidas. Duas destas categorias (pais e amigos) indicavam figuras que fazem parte da vida privada dos jovens e, portanto, com os quais os mesmos mantêm uma relação íntima e de proximidade. As outras duas opções de respostas remetiam a influências oriundas do mundo público (personalidades e informação).

Tabela 19: Distribuição de respostas entre os jovens sobre o que influencia mais suas vidas

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Pais	183	63,32	187	80,95	370	71,15
Amigos	84	29,07	12	5,19	96	18,46
Personalidades conhecidas socialmente	6	2,08	12	5,19	18	3,46
Informações veiculadas nos meios de comunicação	3	1,04	11	4,76	14	2,69
Respostas em branco	6	2,08	3	1,30	9	1,73
Respostas anuladas	7	2,42	6	2,60	13	2,50
<i>TOTAL</i>	<i>289</i>	<i>100,00</i>	<i>231</i>	<i>100,00</i>	<i>520</i>	<i>100,00</i>

Percebemos que a maioria dos jovens (71%) vêem nos pais as grandes referências em suas vidas. Esta porcentagem é maior entre os alunos de escolas públicas (80%), sendo que as outras opções (amigos, personalidades e informação) ficam praticamente empatadas. Entre as escolas privadas, a influência dos amigos parece ser maior, visto que para 29% dos sujeitos são eles a grande influência em suas vidas. De qualquer forma, fica

evidente que são aqueles com os quais os jovens tem maior proximidade, que habitam o círculo de suas relações privadas, que mais influem em suas vidas.

Nas “Respostas Acrescentadas”, a mesma tendência se mantém. Das opções mais citadas pelos jovens, a família, os parentes e os amigos são aquelas lembradas com maior frequência.

Aparentemente, apesar do grande esforço da mídia em criar celebridades a todo momento, as figuras públicas, sejam elas artistas, políticos, pensadores e etc., pouco se configuram como “heróis” ou modelos para a adolescência de hoje. As referências dos jovens parecem se concentrar essencialmente no círculo das relações privadas.

Existe uma tendência dos alunos de escolas privadas a privilegiarem os amigos como referência em suas vidas (29% nas particulares e apenas 5% nas públicas) em detrimento dos pais, mais recorrentes entre os sujeitos de escolas públicas (80% entre os últimos e 63% entre os alunos de escolas privadas). Este dado é condizente com outras pesquisas que observam uma socialização maior “de bairro” e com familiares entre os alunos de escolas públicas. Maria Isabel da Silva Leme (2006) realiza uma pesquisa com 4025 alunos de 6^a, 8^a série e 2^a série do Ensino Médio (3460 de escolas públicas e 565 de escolas particulares) e observa, não apenas que existe uma tendência muito mais acentuada entre os alunos de escola privada em permanecer nela, pelo menos uma vez por semana, em períodos extraclasse, do que entre os alunos de escola pública, como também que os primeiros saem mais com colegas de escola nos finais de semana do que os alunos de escolas públicas. Os últimos tendem a sair mais com familiares do que aqueles de escolas privadas. Além destes dados referirem a realidade das classes mais baixas, nas quais a vizinhança é normalmente composta por familiares, a autora também supõe que o

nível de afluência, que permite mais despesas com deslocamentos, favorece um convívio maior entre colegas nas classes mais favorecidas.

6.1.5. Concepções adolescentes sobre o significado de “ser adulto”

A adolescência é comumente compreendida como uma passagem da infância para a idade adulta. Como discutido na parte teórica, a contemporaneidade tem fornecido uma atmosfera de superproteção e idealização em relação a esta fase. Além disso, crianças e jovens são criados em um mundo próprio, sem se misturarem aos adultos e às suas atividades, como acontecia em tempos mais antigos. Diante das mudanças acima – e de outras mais –, as perguntas que se seguem, buscavam investigar quais concepções os adolescentes traziam sobre o significado de ser adulto. Assim, perguntamos inicialmente exatamente isto, ou seja, o que significa ser adulto para os jovens.

As respostas preestabelecidas pelo questionário a esta pergunta eram atribuições e características que se mostravam importantes deste lugar, lembrando que o objetivo era que cada um escolhesse aquilo que parecesse mais representativo do significado de ser adulto. Duas destas categorias estavam associadas à relação que o adulto estabelece com o outro, seja do âmbito privado (constituir uma família), seja do mundo público (tornar-se cidadão). As outras duas opções de respostas (responsabilidades e independência) referendavam condições pessoais assumidas e, principalmente, individuais.

Tabela 20: Distribuição de respostas entre os jovens sobre o significado de ser adulto

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Ter responsabilidades	93	32,18	152	65,80	245	47,12
Ser independente	129	44,64	40	17,32	169	32,50
Tornar-se cidadão	31	10,73	24	10,39	55	10,58
Constituir uma família	15	5,19	11	4,76	26	5,00
Respostas em branco	8	2,77	2	0,87	10	1,92
Respostas anuladas	13	4,50	2	0,87	15	2,88
<i>TOTAL</i>	289	100,00	231	100,00	520	100,00

A partir dos resultados gerais, percebemos que a maioria dos jovens se divide entre duas opções: ter responsabilidades (47%) e ser independente (32%). Apesar de responsabilidade e independência serem, de alguma forma, complementares, elas não significam a mesma coisa. Entre os alunos de escolas públicas prevaleceu de forma nítida que ser adulto significava ter responsabilidades (65%). Para os sujeitos de escolas privadas a opinião se dividiu, com certa prevalência da independência (44%) como aquilo que melhor representaria o lugar adulto.

Podemos analisar os dados da seguinte forma: aparentemente, a idéia de que ser adulto diz respeito a ter obrigações, à necessidade de se sustentar e sustentar a família ou, em outras palavras, ter responsabilidades, é bastante recorrente entre os jovens. No entanto, para os adolescentes de classe média, a falta de independência talvez seja aquilo que mais os limite, associando-se à idéia de fazer o que se quer, não pedir permissão ou depender de outras pessoas para tomar muitas das decisões no cotidiano. Além disso, estes dados são coerentes com a realidade. A busca pela independência, especialmente a financeira, é uma meta viável para aqueles alunos de classes mais favorecidas. Realidade talvez não tão recorrente entre os jovens de escolas públicas, visto que muitos precisam assumir desde cedo certas responsabilidades como trabalhar, cuidar dos irmãos mais

novos, ajudar na casa e, neste sentido, a necessidade de uns dependerem dos outros apresenta-se mais evidente.

Tornar-se cidadão faz uma referencia direta ao acesso ao mundo público, à inserção social em um âmbito maior. Esta opção foi mais recorrente do que “constituir uma família”, a qual teve apenas 5% de escolha. A pouca menção à família como referendando o lugar adulto nos faz pensar na importância que ela já assumiu como parte da transição do mundo infantil ao mundo adulto e no lugar que ela ocupa atualmente em relação a esta passagem.

Dentre as categorias acrescentadas, alguns sujeitos enfatizaram o papel do crescimento e das mudanças subjetivas que acompanham o lugar adulto: ser independente, ter objetivos, autonomia, desenvolver-se, a vivência e experiência acumulada com o tempo, estar preparado para o futuro.

Estamos falando da passagem da adolescência para a idade adulta. Uma das questões do questionário se preocupava em entender justamente este aspecto do significado de ser adulto. Para compreender o que marca esta passagem na opinião dos jovens, selecionamos duas opções de respostas que apresentavam critérios bastante objetivos: a partir dos 18 anos – idade que, do ponto de vista legal e prático, resulta em conquistas dos adolescentes na assunção do lugar adulto – e ao sair da casa dos pais – atitude que pode ou não significar maturidade e independência, mas que, de alguma forma, apresenta uma marca na separação dos jovens em relação a seus pais. A independência financeira, como critério de passagem, evidencia um aspecto essencialmente prático – porém não tão objetivo quanto as opções de respostas mencionadas anteriormente –, enquanto a maturidade mostra-se como um critério basicamente subjetivo.

Tabela 21: Distribuição de respostas entre os jovens sobre quando se dá a passagem da adolescência para a vida adulta

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
A partir dos 18 anos	43	14,88	82	35,50	125	24,04
Com a independência financeira	61	21,11	13	5,63	74	14,23
Com a maturidade	162	56,06	122	52,81	284	54,62
Ao sair da casa dos pais	15	5,19	9	3,90	24	4,62
Respostas em branco	5	1,73	1	0,43	6	1,15
Respostas anuladas	3	1,04	4	1,73	7	1,35
<i>TOTAL</i>	<i>289</i>	<i>100,00</i>	<i>231</i>	<i>100,00</i>	<i>520</i>	<i>100,00</i>

Para a maioria dos jovens (54%) a passagem da adolescência para a idade adulta se dá com a maturidade, ou seja, o critério mais subjetivo dos apresentados pelas opções do questionário. Este dado reforça a idéia de que nossas sociedades não oferecem critérios objetivos para esta passagem e verificamos que os jovens a vivenciam desta mesma forma, ou seja, como uma passagem individual e pessoal. Tal realidade abre espaço para as discussões sobre uma adolescência prolongada em nossos tempos, além de instrumentalizar que esta passagem seja vivida na forma de instabilidades e crises.

Houve uma diferença entre as escolas em relação à categoria “Com a independência financeira” que foi muito pouco mencionada entre os alunos de escolas públicas (5%), enquanto esta porcentagem foi de 21% para aqueles de escolas privadas. Mais uma vez, ser independente se apresenta como critério importante na caracterização deste lugar adulto entre os alunos de escolas particulares e este dado mostra-se coerente com a realidade, na qual a independência financeira é viável entre aqueles de classe mais favorecida. Em vez de entender a independência financeira como critério de passagem, a segunda resposta mais freqüente entre os alunos de escolas públicas foi “a partir dos 18 anos”, categoria essencialmente normativa e exterior. No entanto, ainda assim a maturidade foi o grande critério de passagem para os alunos de ambas as escolas e, nas

respostas acrescentadas, mais uma vez, verifica-se que poucos sujeitos mencionaram critérios bastante objetivos. A maioria das categorias enfatizam os aspectos subjetivos como estar preparado para o futuro, saber se “virar sozinho”, revelando que também vivenciam a adolescência como uma preparação para a vida.

Posteriormente, buscamos avaliar quão positivo os jovens consideravam tornar-se adulto. Eis os resultados:

Tabela 22: Distribuição de respostas entre os jovens sobre o quão positivo é se tornar adulto

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Muito positivo	24	8,30	80	34,63	104	20,00
Positivo	199	68,86	131	56,71	330	63,46
Pouco positivo	53	18,34	11	4,76	64	12,31
Nada positivo	10	3,46	7	3,03	17	3,27
Respostas em branco	3	1,04	2	0,87	5	0,96
Respostas anuladas	0	0,00	0	0,00	0	0,00
<i>TOTAL</i>	289	<i>100,00</i>	231	<i>100,00</i>	520	<i>100,00</i>

Os resultados foram bastante nítidos apontando que, para 83% dos jovens, tornar-se adulto é algo positivo ou muito positivo, como era de se esperar. Mas devemos considerar algumas diferenças entre as escolas públicas e particulares: além de um maior número de alunos das escolas públicas considerarem a resposta positiva – 91% consideraram positivo ou muito positivo, enquanto este numero foi de 77% entre as particulares – uma diferença significativa também se apresenta nas categorias muito positivo e pouco positivo. Na primeira, a recorrência é 26% maior entre as escolas públicas, enquanto a segunda é quase 15% mais recorrente entre os alunos das particulares. Seria o protecionismo e idealização da adolescência, característicos da contemporaneidade e também do modo de vida da classe média, média –alta, os responsáveis por uma visão mais cautelosa em relação ao quão positivo é se tornar

adulto? Ou a tendência, também contemporânea, de relativizar as coisas, de por abaixo as grandes verdades e tratar as coisas e pessoas a partir de suas particularidades, é a responsável pela ponderação dos alunos de escolas privadas? Estas duas hipóteses são confirmadas por outras questões apresentadas em nosso instrumento.

Também perguntamos aos jovens o que seria mais positivo em se tornar adulto. A independência, como uma aspiração adolescente e um ideal moderno, era uma das opções apresentadas. Além desta, os jovens poderiam optar por “constituir uma família” – que se apresenta como característico do lugar adulto –, ganhar estabilidade emocional – visto as discussões sobre a adolescência ser uma época instável – e, finalmente, tornar-se cidadão – fazendo referência à permissão e ao acesso dos jovens ao mundo público.

Tabela 23: Distribuição de respostas entre os jovens sobre o que é positivo em se tornar adulto

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Tornar-se independente	213	73,70	122	52,81	335	64,42
Constituir uma família	36	12,46	45	19,48	81	15,58
Ganhar estabilidade emocional	13	4,50	19	8,23	32	6,15
Tornar-se cidadão	15	5,19	36	15,58	51	9,81
Respostas em branco	4	1,38	2	0,87	6	1,15
Respostas anuladas	8	2,77	7	3,03	15	2,88
<i>TOTAL</i>	289	100,00	231	100,00	520	100,00

Observamos que a maioria dos jovens (64%) aponta que o mais positivo em se tornar adulto é vir a ser independente. Novamente, a conquista da independência é mais valorizada entre os jovens de escolas privadas, visto que esta opção é a escolhida entre 73% (20% a mais do que nas escolas públicas). A família tem o seu papel, embora bem menos valorizado do que a independência. A conquista da cidadania é mais valorizada

entre os alunos de escolas públicas, talvez devido a idéia de obter respeito e de ser ouvido, que esta expressão comporta.

Devemos, no entanto, ter o cuidado de não fazer uma distinção exagerada entre os alunos de escolas particulares e públicas, pelo menos no que tange aos resultados obtidos nesta pesquisa. Observamos que, em quase todas as questões feitas, as diferenças entre as escolas não chegaram a indicar uma divergência na opinião dos jovens. Além disso, nas respostas acrescentadas, a independência, a possibilidade de “se virar sozinho”, é tão recorrente entre os alunos de escolas públicas como entre aqueles de escolas particulares. A idéia de o adulto ter mais experiência e estar preparado para enfrentar o mundo – contrapondo-se à adolescência como época de preparação para o mundo adulto e normalmente referenciada ao estilo de vida da classe média e média-alta – é mencionada apenas entre os alunos de escolas públicas. Em contraposição, a noção de ser respeitado, ser ouvido em suas opiniões é mencionada apenas pelos jovens de escolas particulares.

A formação dos jovens e de suas opiniões faz parte de um fenômeno muito complexo e, neste sentido, cabe os cuidados acima mencionados. O que podemos supor é que a semelhança nas tendências das repostas entre os alunos de ambas as escolas apontam para a conclusão de que os discursos contemporâneos e seus ideais estão disponíveis a todos, influenciando condutas e conceitos. As diferenças – que podemos nomear de “quantitativas” – indicam que esta influência não se dá na mesma forma e na mesma intensidade em todos os ambientes. Alguns comportamentos e vivências dos jovens parecem ser mais característicos de determinadas classes ou de outras.

Por fim, fizemos a pergunta inversa: “O que tem de mais negativo em se tornar adulto?”. Duas opções apontavam para mudanças em características individuais, sendo uma física – “começar a perder a beleza”, em referência ao medo do envelhecimento e da

intensa valorização da juventude e beleza em nossos tempos – e uma psicológica – “perder a espontaneidade”, que sempre caracterizou a leveza e alegria da juventude. As outras duas opções faziam referencia a atribuições e funções assumidas quando adulto: “Assumir responsabilidades” – fazendo menção as obrigações e responsabilidades da vida adulta que se contrapõe à idéia da adolescência como um tempo de despreocupações – e “enfrentar a competição do mundo do trabalho”, visto o atual medo do desemprego e das disputas por um cargo.

Tabela 24: Distribuição de respostas entre os jovens sobre o que é negativo em se tornar adulto

	PARTICULARES		PUBLICA		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
Assumir responsabilidades	61	21,11	61	26,41	122	23,46
Começar a perder a beleza	12	4,15	13	5,63	25	4,81
Enfrentar a competição do mundo do trabalho	143	49,48	114	49,35	257	49,42
Perder a espontaneidade	61	21,11	34	14,72	95	18,27
Respostas em branco	3	1,04	2	0,87	5	0,96
Respostas anuladas	9	3,11	7	3,03	16	3,08
<i>TOTAL</i>	289	100,00	231	100,00	520	100,00

Mais uma vez, o mundo do trabalho é visto com receio e preocupação pelos jovens. Para metade deles (49%), enfrentar a competição do mundo do trabalho é o mais negativo em se tornar adulto. Com frequências próximas, assumir responsabilidades (23%) e perder a espontaneidade (18%) são outros temores sentidos pelos adolescentes. Por último e, condizente com a pouca recorrência da imagem de um adulto vaidoso e que almeja a fama, apenas 4% dos jovens consideraram que o mais negativo em se tornar adulto era começar a perder a beleza.

Nas respostas acrescentadas a mesma tendência se mantém. A competição no trabalho é a mais evocada pelos jovens, opção seguida pelo receio das grandes

responsabilidades e da perda da inocência, espontaneidade juvenil. As outras opções fazem referência a medos semelhantes: perder a proteção dos pais, estar sozinho, não ter tempo para o lazer, para os amigos e para si mesmo, talvez justificando o medo das responsabilidades na vida adulta. Também é lembrado entre os jovens o receio de se perder a juventude, o vigor ideológico, tornar-se um “adulto chato”, sem idéias, energia e alegria de viver.

6.2. PERGUNTAS ABERTAS

De um lado existe o juízo que os jovens fazem dos adultos que compõem o nosso mundo. De outro, apresenta-se a avaliação dos adolescentes sobre o que seria um adulto ideal ou admirável. As imagens acima podem se contradizer ou coincidir e este aspecto mostra-se relevante na conclusão de nossa pesquisa. Assim, junto à análise dos adultos de hoje pelos jovens, também buscamos investigar o que seria um adulto admirável para o adolescente a partir de duas perguntas: uma mais genérica – “O que é um adulto admirável?” – e outra que solicitava aos jovens citar um famoso considerado admirável.

6.2.1. O que é um adulto admirável para os adolescentes

Foram 503 alunos que responderam esta questão – 287 de escolas particulares e 216 de escolas públicas – e as respostas variaram em torno das seguintes categorias:

- 1) Qualidades Morais: neste critério, é a preocupação com o outro que está em cena.

Tanto no âmbito privado – a postura em relação à família, ou a do adulto face ao

jovem –, como no público – valores como honestidade, solidariedade, justiça e também a preocupação social, a cidadania.

- 2) Qualidades “pessoais”: nesta categoria, as qualidades valorizadas são outras, que não morais. Incluem traços de personalidade como ser engraçado, inteligente, espontâneo, como atributos físicos: a beleza.
- 3) Postura de vida: o critério utilizado nesta categoria diz respeito à vida dos adultos, tanto em relação às realizações feitas e aos objetivos conquistados, como ao modo de viverem suas vidas, aproveitando intensamente, buscando o equilíbrio das várias esferas da vida (trabalho, família, lazer), enfrentando e superando as dificuldades.

Vejamos na tabela abaixo a porcentagem de alunos que escolheram cada uma das categorias acima:

Tabela 25: Distribuição de respostas sobre as qualidades mais valorizadas no adulto admirável

	PARTICULARES		PÚBLICAS		TOTAL	
	N	% (alunos)	N	% (alunos)	N	Total
Qualidades morais (esfera pública e privada)	217	75,61	161	74,54	378	75,15
Qualidades pessoais	74	25,78	69	31,94	143	28,43
Postura ou modo de vida	106	36,93	45	20,83	151	30,02

Observamos na tabela acima que a qualidade mais recorrente entre os alunos foram aquelas morais. Perguntar sobre o que seria um adulto admirável não deixa de ser, em última instância, perguntar sobre o que seria uma pessoa admirável e o comportamento moral parece ser o critério mais importante para que um adulto ou uma pessoa seja admirada ou não. Lembrando que os adultos de hoje não foram avaliados positivamente no que se refere ao comportamento ético dos mesmos. As qualidades pessoais e o modo de vida dos adultos apresentam frequências parecidas.

Dentro das qualidades morais, o que se mostrava comum a todas as respostas era a preocupação com o outro. Por vezes, os nossos jovens salientavam a conduta moral na esfera privada, ou seja, importava o papel de pai ou de educador do adulto (29% dos alunos). Em outros momentos, era o comportamento moral nas relações sociais mais gerais, o comprometimento com o outro, conhecido ou não, que era valorizado (58% dos alunos).

Na esfera pública, a maioria dos alunos citaram virtudes como honestidade, justiça, generosidade, responsabilidade. Os alunos também lembraram a importância de uma postura política do adulto, da necessidade de se estar atento aos problemas sociais mais amplos e, na era do aquecimento global, da preocupação com o meio ambiente.

As qualidades pessoais foram mencionadas por 28% dos alunos e uma grande variedade de traços de carácter apareceram com frequências parecidas como: engraçado, bem humorado, gentil, carinhoso, inteligente, culto e etc. Apesar da valorização do conhecimento (pessoa inteligente, culta) prevalecer sobre os demais traços, os primeiros correspondem apenas a escolha de 4% dos alunos. Devemos atentar ao fato de que apenas dois jovens mencionaram a beleza como fator importante. Dado condizente com a pouca valorização da beleza e da fama no questionário e da importância que o comportamento moral parece adquirir para os nossos sujeitos.

Além disso, os jovens avaliaram a vida que um adulto admirável deveria ter e nela o merecimento se mostrou recorrente. Um bom emprego, uma família harmoniosa, enfim, o sucesso profissional, familiar, pessoal, eram importantes sobre o que seria uma vida desejável. No entanto, a maioria das repostas fazia referência ao esforço, à luta por aquilo que se deseja.

Admirável é aquele adulto que conquistou tudo o que tem com justiça e garra.
(ABO, 14 anos, fem, 1EM, particular)

Um adulto admirável é uma pessoa que já se firmou na vida, arranhou um emprego estável, tem uma casa e uma família unida, e tem orgulho do que conseguiu.
(FAF, 15 anos, masc, 2EM, particular)

É um adulto que terminou os estudos e tem uma boa profissão ou uma pessoa que não estudou mas que é esforçado.
(WCCG, 15 anos, masc, 1EM, pública)

Coerente com esta análise, apenas 2 sujeitos deram respostas nas quais o dinheiro ou o status era o mais importante. Aparentemente, os nossos jovens não admiram o sucesso pura e simplesmente e, ao contrário da visão de um jovem deslumbrado com a fama e superficialidades, nossos dados demonstram, não apenas que qualidades como beleza, fama, dinheiro, status não são importantes para a maioria dos alunos, como também que a moral e o mérito pelas conquistas são os principais fatores que tornam um adulto admirável.

A idéia de um adulto feliz, realizado, também esteve associada a fazer o que se gosta, especialmente no campo do trabalho. É relevante que, neste aspecto, outras respostas contrapunham trabalho a felicidade, ou seja, *apesar* de o adulto ter responsabilidades, ter que trabalhar, que ele conseguisse ser feliz. Muitos alunos falaram da importância do equilíbrio nas várias esferas da vida, preocupados que o trabalho não tomasse conta da vida do indivíduo, a ponto de não se ter tempo para diversão.

Um adulto admirável para mim é alguém que mesmo tendo que se preocupar em trabalhar, pagar a contas, e cuidar da família, é uma pessoa feliz, que consegue relaxar.
(BSD, 15 anos, fem, 2EM, particular)

Acredito que seja um adulto que consiga balancear a responsabilidade sem uma tensão em excesso, o que é muito difícil, todavia é essa a minha visão. Gostaria de conseguir ter responsabilidades e manter meu jeito descontraído.
(JV, 16 anos, masc, 2EM, particular)

Ao falarem das qualidades morais na esfera privada, mais uma vez, a idéia do trabalho como potencialmente nocivo se repete, desta vez, aos jovens abordarem a família, preocupados com o equilíbrio entre atenção ao trabalho e atenção à família.

Um adulto presente na família e no trabalho, que consegue separar seus problemas pessoais dos profissionais.
(VS, 14 anos, fem, 1EM, pública)

Um adulto que se importa com família e não só em ter uma carreira de sucesso e dinheiro. (PCS, 15 anos, fem, 2EM, particular)

Estas respostas talvez indiquem um receio dos jovens em relação ao mundo do trabalho, visto a recorrência desta imagem no questionário – a competição no trabalho e o desemprego se mostraram como os grandes vilões da vida adulta – e, neste momento, as respostas dos jovens sobre os riscos das responsabilidades e do emprego impedir a diversão ou a atenção a outras esferas da vida.

Se nossos jovens fizeram referencia ao que seria uma pessoa admirável, eles também pareceram preocupados em apontar qualidades que se veiculavam ou se contrapunham ao lugar adulto. Dentro das qualidades pessoais mencionadas 35% dos alunos valorizaram, ora a sabedoria, experiência, maturidade, capacidade de tomar decisões adultas, ora a preocupação de que o adulto permanecesse com o espírito juvenil. Que seja admirável em um adulto a capacidade de exercer um papel adulto não deveria nos surpreender, afinal, sempre foi vinculado a este lugar a imagem de um indivíduo mais experiente, maduro, que assume responsabilidades e é capaz de lidar com as mesmas. O que nos parece significativo são as respostas que mencionam qualidades associadas à infância ou juventude. Vejamos algumas destas respostas:

É aquele que tem suas responsabilidades, mas que apesar disso tem seu lado “imaturo”
(APCP, 15 anos , fem, 2EM, particular)

Um adulto admirável é aquele “moderno”, que é atualizado, pratica esportes, etc.
(DTK, 14 anos, masc, 1EM, particular)

Um adulto admirável é aquele que tem seus momentos sérios e de criança.
(RFB, 15 anos , masc, 1EM, pública)

É notável a preocupação que as respostas como as acima revelam. Os nossos jovens parecem admirar o adulto maduro, mas também demonstram valorizar aqueles que conseguem permanecer, de certa forma, “jovens”. A morte da infância, celebrada nos ritos de passagem, talvez não tenha lugar em nossas sociedades, as quais buscam – e nossos jovens as confirmam – manter a juventude o máximo possível. Também encontramos algumas respostas que, neste sentido, admiravam o adulto esportista, atualizado, “moderno”. Talvez, estas sejam as mais “novas” qualidades atribuídas ao adulto ideal.

Para os nossos jovens, um bom pai ou uma boa mãe é aquele que sustenta honestamente os filhos, que se preocupa e cuida da família de forma responsável, que saiba educar e ensinar os seus filhos.

Para mim, um adulto admirável é aquele que consegue manter a paz em um família, que consegue sustentá-la e supri-la ao mesmo tempo, com dinheiro e educação, mantendo a linha da dureza e da liberdade.
(VADB, 15anos, masc, 2EM, particular)

Na resposta acima, o papel do adulto como educador é salientado. Este tipo de avaliação nos interessa e podemos analisá-las mais de perto. Para este jovem, o adulto deve dar liberdade ao jovem, porém, também deve saber impor limites. Esta medida

parece ser uma das grandes questões contemporâneas na educação e os nossos jovens estão a par disto. Vejamos outras respostas:

Um adulto admirável é aquele que dá um bom exemplo para os mais novos, que tenha responsabilidade, que não te solte demais, mas também que não te prenda. É aquele também que respeita a minha opinião.
(NNC, 15 anos, fem, 1EM, particular)

Um adulto admirável, na minha concepção, seria aquele que sabe "dosar" sua seriedade, do mesmo modo que sabe ser um amigo, sem ser de uma forma forçada. Deve saber respeitar a intimidade do jovem, sabendo até que ponto é saudável tentar descobrir mais sobre um jovem.
(ACMK, 16 anos, fem, 2EM, particular)

“Não te solte demais, mas também não te prenda”, “sabe ser um amigo, sem ser de forma forçada”. Tais questionamento dos limites ou, dito de outra forma, tais limites em suspenso, demonstram que o papel adulto, como oposição ao lugar infantil ou jovem, apresenta-se subjetivo, ou seja, é em cada relação que esta dosagem poderá ser feita. Esta ambigüidade, já apareceu quando os nossos adolescentes demandaram um adulto que, apesar de sério e responsável, mantivesse o espírito juvenil e, no entanto, foi interessante o aparecimento de algumas respostas que admiravam o adulto que conseguisse superar sua adolescência, deixá-la para trás.

Uma pessoa que saiba entender que tudo tem seu tempo, e que o deles já passou e deixem nós mais jovens curtir a nossa.
(DPS, 15 anos, fem, 1EM, pública)

É aquele que conseguiu aceitar sua idade e fase de vida, desvencilhando-se da adolescência e exercendo suas obrigações de responsabilidade.
(MCLF, 15 anos, fem, 2EM, particular)

Será que estas considerações não referem a imagem de uma aduleteência, conceito que só pôde aparecer na “Era Pós-moderna”, cujo ideal da juventude mostra-se tão presente?

Novamente observamos que, ao falarem do comportamento do adulto em relação ao jovem, a simetria e hierarquia desta relação é mesclada. Das respostas que se preocuparam em analisar o que seria um adulto admirável em oposição ao lugar do jovem, metade salientou características como “dar um bom exemplo”, “passar sua experiência para os mais novos”, “orientar as crianças e os jovens”, delegando ao adulto o lugar de guia, de orientador, de hierarquia face aos menores. A outra metade solicitava o diálogo, que o adulto se colocasse na posição de jovem para melhor compreender a mente do adolescente e, alguns, foram categóricos em que os adultos não se sentissem superior e tratassem os jovens de igual para igual. Nestas respostas, respeitar os jovens e suas opiniões significava trazer os adultos para mais perto deste lugar juvenil, tendendo a uma simetria das relações.

Aparentemente, a relação autoritária e despótica é, felizmente, indesejada. Mas o que sobra, nos parece, é a tarefa de se descobrir uma posição adulta e um comportamento adulto que se apresentam sempre como uma pergunta, uma questão, um “beirar” os limites.

6.2.2. Quem são os famosos admirados pelos adolescentes e por quais razões

Por motivo de tempo e disponibilidade da escola, esta questão não pode ser aplicada em uma das escolas particulares. Foram analisadas 134 respostas de escolas

particulares, sendo que deste total 11 alunos de escolas privadas (8,2%) não responderam a questão. Nas escolas públicas, esta pergunta foi feita para 231 sujeitos, sendo que 25 alunos de escolas públicas (10,8%) não responderam.

A pergunta sobre quem seriam os famosos admirados pelos jovens teve algumas razões principais. Em primeiro lugar, gostaríamos de identificar imagens de pessoas que eram admiradas pelos jovens e os famosos nos permitiriam que também tivéssemos acesso a estes indivíduos e às qualidades que os tornavam admiráveis. Além disso, nos permitiria investigar os possíveis “heróis” dos adolescentes de hoje, os modelos nos quais se espelhariam e que atributos eram valorizados. Optar pela fama ou beleza de um famoso nos parece muito diferente de eleger seu caráter como fonte de admiração e inspiração. Mais uma vez, nos reportamos às perspectivas éticas dos jovens, as quais não se fazem independente do adulto e da vida como adulto que pretendam ter.

Percebemos na relação dos famosos citados que, em sua maioria, tratam-se de pessoas jovens ou de jovens um pouco mais velhos do que os adolescentes entrevistados nesta pesquisa. Isto nos faz pensar que não são propriamente os adultos, ou aqueles que se apresentam a partir deste lugar, os “ídolos” da juventude.

Tabela 26: Porcentagem dos famosos mais admirados pelos jovens de Escola Particular

PARTICULARES					PARTICULARES			
	Masc %	Fem %	Total %			Masc %	Fem %	Total %
Não admiro nenhum famoso	6,4	7,2	13,6		Gisele Bündchen	0,0	0,8	0,8
Angelina Jolie	0,8	7,2	8,0		Grazielle Massafera	0,8	0,0	0,8
Bob Marley	5,6	0,0	5,6		Gwen Stefani	0,8	0,0	0,8
Pais	0,8	3,2	4,0		Hayley Williams	0,8	0,0	0,8
Ayrton Senna	1,6	0,0	1,6		Jack Johnson	0,0	0,8	0,8
Bono Vox	0,8	0,8	1,6		Jesus Cristo	0,8	0,0	0,8
Brad Pitt	0,0	1,6	1,6		Johnny Rotten	0,0	0,8	0,8
Buddha	1,6	0,0	1,6		John Lenon	0,0	0,8	0,8
Dercy Gonçalves	1,6	0,0	1,6		Keira Knightley	0,0	0,8	0,8
Felipe (goleiro)	1,6	0,0	1,6		Luis Fabiano	0,8	0,0	0,8
Gandhi	0,8	0,8	1,6		Marcelo D2	0,0	0,8	0,8
Ivete Sangalo	0,0	1,6	1,6		Marcos (goleiro)	0,8	0,0	0,8
Juliana Paes	1,6	0,0	1,6		Maria (mãe de Jesus)	0,0	0,8	0,8
Luciano Huck	0,8	0,8	1,6		Maria Rita	0,0	0,8	0,8
Ronaldinho Gaúcho	1,6	0,0	1,6		Marjorie Estiano	0,0	0,8	0,8
Sabrina Sato	1,6	0,0	1,6		Nelson Mandela	0,8	0,0	0,8
Silvio Santos	0,8	0,8	1,6		Olga Benario	0,0	0,8	0,8
William Bonner	0,8	0,8	1,6		Paris Hilton	0,0	0,8	0,8
Allen Iverson	0,8	0,8	1,6		Pedro Bial	0,0	0,8	0,8
Aloísio (jogador)	0,8	0,8	1,6		Pelé	0,8	0,0	0,8
Angelica	0,8	0,8	1,6		Petr Čech	0,8	0,0	0,8
Barack Obama	0,8	0,8	1,6		Professor	0,8	0,0	0,8
Ben Harper	0,0	0,8	0,8		Roberto Justus	0,0	0,8	0,8
Bill Gates	0,8	0,0	0,8		Santos Dumont	0,0	0,8	0,8
Bob Burnquist	0,8	0,0	0,8		Scott Henderson	0,8	0,0	0,8
Britney Spears	0,0	0,8	0,8		Selton Mello	0,0	0,8	0,8
Bruce Lee	0,8	0,0	0,8		Serginho Groisman	0,8	0,0	0,8
Bruce Springsteen	0,8	0,0	0,8		Steve Jobs	0,8	0,0	0,8
Cazuza	0,0	0,8	0,8		Thierry Henry	0,8	0,0	0,8
Ceará	0,8	0,0	0,8		Travis Barker	0,8	0,0	0,8
Charles Chaplin	0,8	0,0	0,8		Valdívia	0,8	0,0	0,8
Chico Buarque	0,0	0,8	0,8		Vanderlei Cordeiro	0,0	0,8	0,8
Drauzio Varella	0,0	0,8	0,8		Will Smith	0,8	0,0	0,8
Edson Celulari	0,8	0,0	0,8		Xana (goleira)	0,0	0,8	0,8
Edu Falaschi	0,8	0,0	0,8		Zezé de Camargo	0,0	0,8	0,8
Eric Clapton	0,8	0,0	0,8		Ziraldo	0,0	0,8	0,8
Fátima Bernardes	0,0	0,8	0,8					

Tabela 27: Porcentagem dos famosos mais admirados pelos jovens de Escolas Públicas

PÚBLICAS					PÚBLICAS			
	Masc	Fem	Total			Masc	Fem	Total
Não admiro nenhum famoso	5,3	8,3	13,6		Datena	0,0	0,5	0,5
Pais	1,0	4,4	5,4		David Phillipe Desrousiers	0,5	0,0	0,5
Ronaldinho Gaúcho	4,4	0,0	4,4		Débora Falabella	0,0	0,5	0,5
Silvio Santos	1,5	2,4	2,8		Dida	0,5	0,0	0,5
Chris Brown	1,5	1,5	3,0		Exaltasamba	0,0	0,5	0,5
Ivete Sangalo	0,5	2,4	2,8		Feiticeira	0,5	0,0	0,5
Angelina Jolie	0,5	1,9	2,3		Fernanda Lima	0,0	0,5	0,5
Gugu Liberato	0,5	1,5	2,0		Fernanda Vasconcelos	0,0	0,5	0,5
Bruno (cantor)	0,0	1,9	1,9		Fernandinho Beira-Mar	0,5	0,0	0,5
Ana Maria Braga	0,5	1,0	1,5		Gabriel, o Pensador	0,5	0,0	0,5
Bill Gates	1,5	0,0	1,5		Galvão Bueno	0,5	0,0	0,5
Bob Marley	1,5	0,0	1,5		Giovanna Antonelli	0,0	0,5	0,5
Debora Secco	0,5	1,0	1,5		Gisele Bündchen	0,0	0,5	0,5
Kaká	1,5	0,0	1,5		Gloria Pires	0,0	0,5	0,5
Rafinha (BBB8)	0,0	1,5	1,5		Guina	0,5	0,0	0,5
Renato Aragão	1,0	0,5	1,5		Hilary Duff	0,0	0,5	0,5
Roberto Justus	1,0	0,5	1,5		Jesus	0,5	0,0	0,5
Tom Cavalcanti	1,0	0,5	1,5		Juan Carlos Abadia	0,5	0,0	0,5
Zeca Pagodinho	1,5	0,0	1,5		Jô Soares	0,0	0,5	0,5
Avril Lavigne	0,0	1,0	1,0		Joey Ramone	0,5	0,0	0,5
Beyoncé	0,5	0,5	1,0		Julio Batista	0,0	0,5	0,5
Britney Spears	0,5	0,5	1,0		Kelly Key	0,0	0,5	0,5
Dido NX Zero	0,0	1,0	1,0		Latino	0,0	0,5	0,5
Grazielle Massafera	0,0	1,0	1,0		Lázaro Ramos	0,0	0,5	0,5
Juliana Paes	0,5	0,5	1,0		Luisa mell	0,0	0,5	0,5
Pitty	0,0	1,0	1,0		Mano Brown	0,5	0,0	0,5
Racionais MCs	1,0	0,0	1,0		Marques Houston	0,5	0,0	0,5
Regina Volpato	0,0	1,0	1,0		Marta	0,0	0,5	0,5
Robinho	1,0	0,0	1,0		Mônica Mattos	0,5	0,0	0,5
Rogério Ceni	1,0	0,0	1,0		Marcos (goleiro)	0,5	0,0	0,5
Ronaldo	1,0	0,0	1,0		MV Bill	0,5	0,0	0,5
Vários	1,0	0,0	1,0		Pelé	0,5	0,0	0,5
50-cent	0,5	0,0	0,5		Papa	0,0	0,5	0,5
Alexandre Pires	0,5	0,0	0,5		Princesa Diana	0,0	0,5	0,5
Amigo	0,5	0,0	0,5		Regina Casé	0,0	0,5	0,5
Ana Hickmann	0,5	0,0	0,5		Roberta Miranda	0,5	0,0	0,5
André Paganelli	0,5	0,0	0,5		Sabrina Sato	0,5	0,0	0,5
Akou	0,0	0,5	0,5		Sandy	0,0	0,5	0,5
Avó	0,5	0,0	0,5		Seu Jorge	0,5	0,0	0,5
Bezerra da Silva	0,0	0,5	0,5		Snoop Dogg	0,5	0,0	0,5
Bono Vox	0,0	0,5	0,5		Suzana Vieira	0,0	0,5	0,5
Bruno Jeito Moleque	0,0	0,5	0,5		Thiago Lacerda	0,0	0,5	0,5
Carlos Nóbrega	0,0	0,5	0,5		Tim Maia	0,0	0,5	0,5
Cássia Eller	0,5	0,0	0,5		Tiririca	0,5	0,0	0,5
Ceará	0,5	0,0	0,5		Toni Ramos	0,5	0,0	0,5
Celso Portiolli	0,0	0,5	0,5		Valdívia	0,5	0,0	0,5
Chaves	0,0	0,5	0,5		Xuxa	0,5	0,0	0,5
Chico Xavier	0,0	0,5	0,5		Zezé de Camargo	0,0	0,5	0,5
Clodovil	0,0	0,5	0,5		Dance of Days	0,0	0,0	0,5
Cristiano Ronaldo	0,0	0,5	0,5

Figura 1: Classificação dos famosos citados e sua frequência de respostas

Observamos, na figura acima, que os famosos admiráveis fazem parte essencialmente do universo de entretenimento e da mídia. Cantores, esportistas, atores, apresentadores, comediantes, correspondem a escolha de 80% dos alunos. Personalidades históricas são muito pouco mencionadas, juntamente com figuras como políticos, revolucionários, o que nos faz pensar em quais são as referências públicas dos jovens de hoje. Esta tendência já se verifica em outras pesquisas. La Taille (no prelo) realizou uma pesquisa no ano 2000 com 448 alunos do Ensino Médio em escola pública e particular na qual era pedido que os sujeitos citassem três pessoas famosas consideradas merecedoras de admiração. As respostas, em sua maioria, citavam as chamadas “celebridades”, com destaque para cantores, esportistas e atores. Filósofos, pensadores ou personagens históricos foram muito pouco citados. Em contrapartida, também nesta pesquisa, os políticos, aqueles que deveriam lutar pela justiça, quase não são citados e, ao contrário, são os mais referidos entre os famosos considerados “desprezíveis”. As constatações

observadas em nossa pesquisa também revelam que, aparentemente, as personalidades públicas admiráveis se apresentam e se fazem vista pela mídia e é a partir desta realidade que se tornam objeto de admiração.

Chris Brown, dançarino e cantor de hip-hop americano, e Ivete Sangalo, cantora pop e axé brasileira, foram lembrados pelos alunos, especialmente os de escolas públicas, porque dançavam e cantavam muito bem, ou pela beleza, simpatia e sucesso de suas vidas:

Eu admiro o Chris Brown, pelas suas mais perfeitas músicas, e seu jeito de dançar, seu estilo e sua beleza.
(KOP, 14, fem, 1EM, pública)

Ivete Sangalo, pois ela é uma pessoa muito alegre, bem sucedida, bonita, simpática...
(TBH, 16, fem, 2EM, particular)

Não que este dado implique em uma simples valorização da fama pelos jovens. Ao contrário, como veremos nas justificativas, as qualidades morais, o papel social dos famosos são bastante recorrentes. Bob Marley, por exemplo, foi o famoso mais recorrente entre os meninos de escolas particulares e também considerado entre aqueles de escola pública. O cantor jamaicano, um dos mais famosos de reggae, foi mencionado especialmente por ser considerado uma pessoa, não apenas que soube “curtir a vida”, mas principalmente pelos ideais que pregava.

“Porque acima de tudo, ele pregava a paz entre as raças e a não desigualdade”.
(RBMK, 15 anos, masc, 2EM, particular)

Era uma pessoa feliz, sempre de bem com a vida. Lutava pela paz e justiça social. Eu concordava com seus ideais. Era alguém diferente do resto.
(P, 15anos, masc, 1EM, particular)

Mas vemos que, freqüentemente, os valores morais ou éticos (utilizados aqui como sinônimos) se traduzem na mídia, não raramente, a partir de uma dramatização e espetacularização da vida dos famosos. É o que podemos observar nos famosos mais citados pelos jovens e suas justificativas.

Angelina Jolie, atriz norte-americana, casada com o não menos astro hollywoodiano Brad Pitt, foi o famoso mais citado entre os alunos de escola particular e também recorrente entre os de escolas públicas. Além de ser considerada uma das mulheres mais sexy do mundo, a atriz ficou reconhecida pelos atos de caridade realizados, que não se limitam a doações, mas incluem a adoção de crianças do Camboja, Etiópia, Vietnã. São estas últimas atitudes as mais recorrentes na justificativa de nossos sujeitos, em sua maioria, mulheres:

“Pois ela realiza um grande trabalho ajudando várias instituições para crianças carentes na África, e ganhou o prêmio de “a mulher mais generosa do mundo””.
(LB, 16 anos, fem, 2EM, particular)

Desprezando a beleza, eu admiro muito as atitudes de Angelina Jolie e Brad Pitt, por não serem egoístas e terem adotado crianças pobres, de raças diferentes, sem preconceito. Admiro, acima de tudo, o orgulho que eles têm dessas crianças e sempre estão presentes para ajudar aos outros.
(RGS, 16 anos, fem 2EM, particular)

Ronaldinho Gaúcho e Silvio Santos, os mais recorrentes entre os alunos de escolas públicas, mas também lembrados pelos de escolas particulares, são estrelas da televisão e do futebol e, se não é o caráter superficial da fama que os tornam admiráveis pelos jovens, é o drama de suas vidas e de suas conquistas que os fazem ser lembrados:

“Eu admiro o Ronaldinho Gaúcho porque ele ralou para conquistar tudo o que ele tem e ele vem de uma família muito pobre e hoje tem praticamente tudo”.
(TCS, 14 anos, masc, 1EM, particular)

Silvio Santos, porque para mim ele é um exemplo de pessoa que teve seus sonhos e trabalhou e lutou para conseguir realizá-los, e que hoje desfruta disso.
(EMS, 16 anos, masc, 2EM, pública)

Para avaliar as justificativas, utilizamos a mesma classificação das respostas a pergunta “O que é um adulto admirável”: qualidades morais, qualidades pessoais e postura ou modo de vida. Visto que, normalmente, uma pessoa famosa se destaca por sua profissão, tivemos que acrescentar outra categoria: “Competência Profissional”. Estas respostas faziam referência às habilidades profissionais dos famosos, tanto em relação à capacidade de administrar a fama, às suas habilidades profissionais, como à capacidade destes famosos em emocionar os jovens com o seu talento.

Os resultados encontram-se no tabela abaixo:

Tabela 28: Distribuição de respostas sobre as qualidades mais valorizadas nos famosos

	Particular		Pública		Total	
	N	%	N	%	N	%
Qualidades morais	35	28,46	56	26,42	91	27,16
Qualidades pessoais	21	17,07	65	30,66	86	25,67
Postura diante da vida	41	33,33	42	19,81	83	24,78
Competência Profissional	23	18,70	34	16,04	57	17,01
Não justificado	3	2,44	15	7,08	18	5,37
Total	123	100,00	212	100,00	335	100,00

Observamos que, no caso dos famosos, não há a predominância de uma qualidade específica. Além disso, se apenas dois jovens consideraram a beleza como uma qualidade importante para o adulto admirável, esta virtude se repete para 25 alunos quando

justificando o porquê admiravam determinado famoso. No entanto, ainda é uma porcentagem pequena e, cabe ressaltar que apenas 3 alunos valorizaram algum famoso pela fama ou riqueza. Se a resposta ao que seria um adulto admirável revelou que mais de 75% dos jovens elegiam a moral como qualidade fundamental, aparentemente não são estas virtudes as mais celebradas entre aquelas personalidades que habitam o mundo público dos jovens. Talvez, esta seja a razão da maioria declarar que não admirava nenhum famoso, ou concederem aos pais a referencia de admiração.

Para 13% dos sujeitos nenhum famoso era passível de admiração. Alguns se limitavam a esta afirmação e outros justificavam a resposta, normalmente enfatizando o aspecto superficial da imagem dos famosos:

“Não admiro nenhum famoso, pois acho que essas pessoas se escondem atrás do dinheiro e não são mais elas mesmas. Eu considero que uma pessoa famosa não possui caráter próprio, e sim um caráter moldado pelas idéias do povo que o admira”.
(JPZ, 16 anos, fem, 2EM, particular)

“Poucos tem um papel importante na sociedade. Não tenho quem eu admire”.
(AMY, 14 anos, fem, 1EM, particular)

Para 4% dos alunos de escola particular (terceira figura mais recorrente) e 5% dos jovens de escola pública (segunda figura mais recorrente), o famoso mais admirado não era famoso. Mais freqüente entre as meninas, a mãe, o pai ou os pais foram mencionados como sendo aqueles que, muito mais do que as pessoas que tem fama, deveriam ser objeto de admiração. Em parte pela dedicação e luta visualizada pelos jovens em seus pais, em parte, em contraposição às pessoas famosas.

Vemos certa redundância entre os resultados acima daqueles obtidos pelo questionário. A fama, a vaidade, como bem analisamos, foram muito pouco mencionadas

como valor, tanto para os jovens, quanto entre aquilo que os adultos supostamente valorizariam.

Das qualidades morais mencionadas, a mais recorrente foi a solidariedade, constituindo 40% das respostas que salientaram alguma virtude moral. O idealismo de alguns famosos na luta por justiça, igualdade, paz teve uma porcentagem menor (21%). Também se destaca a humildade e outros valores, mas que obtiveram uma frequência menor em relação as acima mencionadas.

Estamos nos referindo às atitudes e posturas dos famosos em relação ao outro e ao mundo. O papel social desempenhado pelas personalidades conhecidas socialmente parece se dar mais a partir da solidariedade do que por uma revolução proposta. Este dado é importante, pois condiz com a falta de propostas alternativas de vida que se apresentam aos jovens de hoje, pelo menos se compararmos aos de gerações anteriores. Além disso, aquilo que é da ordem do público – o papel de personalidades públicas – tende a um semblante mais pessoal, como é o caso de doar dinheiro, adotar criança, ajudar pessoas em um programa de televisão. Diferente da atitude revolucionária ou da luta por ideais, cunho mais impessoal e abstrato.

Já presente nas respostas à pergunta “O que é um adulto admirável”, o mérito, o esforço reconhecido, a garra e luta dos famosos também foi valor importante entre os jovens. Das respostas que admiravam a postura ou o modo de vida dos famosos 70% fizeram referencia a capacidade destes se defrontarem, enfrentarem e superarem os obstáculos da vida.

A admiração a partir da história individual e pessoal dos famosos talvez seja reflexo de nossas sociedades intimistas, na qual a particularização e personalização dirigem os olhares para a vida particular de cada um, mais do que para o papel social - e

impessoal – vivido na esfera pública. Em relação ao lugar adulto, talvez as tendências não sejam tão diferentes e alguns dados – que nos foram apresentados para além do instrumento – nos fazem corroborar a hipótese acima. Vamos discutir este tópico.

6.3. ALGUMAS OBSERVAÇÕES

O instrumento da pesquisa consistiu em um questionário fechado com 24 perguntas, além de duas questões abertas. Pudemos analisar os resultados separadamente, bem como observarmos certas recorrências e redundâncias em seu conjunto. No entanto, outros dados merecem ser analisados e, desta vez, “extrapolam” o instrumento mencionado. Algumas manifestações, perguntas, comentários dos alunos chamaram a atenção, levando a crer que, tais dados, não correspondam a percepções meramente individuais.

Se observarmos as categorias “Respostas acrescentadas” no questionário, perceberemos que em quase todas elas a opção “depende do adulto” se apresenta. Mais um dado neste sentido é que 5% dos alunos escreveram ou referenciaram a idéia acima, qual seja, de que as respostas (de algumas questões ou de todas elas) dependeriam do adulto que se estivesse em mente. Alguns sujeitos deixaram recados, sendo que cinco deles não participaram da pesquisa, apontando a dificuldade de se generalizar os adultos, ou mesmo sugerindo que perguntar sobre “o” adulto, ou o adulto em geral, era quase ofensivo, preconceituoso. Importante salientar que, dos alunos que fizeram comentários, ou acrescentaram opções como “depende do adulto”, apenas um deles era de escola pública e que esta manifestação foi mais intensa em apenas um dos colégios particulares.

Assim, os resultados não são gerais, tão pouco unânimes, mas chamam a atenção por sua recorrência espontânea.

Vejamos alguns dos comentários feitos pelos alunos:

*Não vou responder porque acho impossível generalizar todos os adultos do mundo.
(CMA, 16 anos, fem, 3EM, particular)*

*Depende do modo de vida dos adultos citados neste questionário.
(MK, 14 anos, masc, 1EM, pública)*

Como compreender os comentários acima? Podemos, inicialmente, pensar em duas hipóteses. A primeira nos levaria a concordar com os alunos e questionar a pergunta e metodologia da pesquisa, concluindo que, de fato, é impossível nos reportarmos a imagem do adulto em geral e que tal tipo de avaliação é inviável. Mas, neste caso, teríamos que invalidar a participação da maioria e quase totalidade dos alunos que responderam as questões de forma séria, significativa e consistente, supondo que todos eles apenas se sujeitaram e se submeteram a uma “ordem superior”. Teríamos que ignorar os resultados e algumas imagens que se mostraram recorrentes entre os vários jovens e questionar se qualquer tipo de generalização proposta por uma pesquisa não incorreria no mesmo erro.

Uma outra hipótese nos ocorre, mais interessante e viável que a primeira². É evidente que, se olharmos os indivíduos, um por um, torna-se muito difícil, senão impossível, tratá-los como iguais. Alguns são competentes profissionalmente e outros não. Existem pessoas de boa índole e outras que não se comportam de forma ética. O

² Foi perguntado informalmente para diversos adultos, com idades acima de 55 anos se, em sua época de juventude, haveria alguma dúvida ou questionamento se perguntado a respeito da sabedoria, da autoridade ou do lugar de guia dos adultos na época. Todos foram unânimes em responder negativamente, ou seja, mesmo discordando da forma como as relações se davam no passado, acreditando serem “obedientes” demais, este lugar adulto era dado e qualquer crítica não invalidava a relação hierárquica entre os mais novos e os mais velhos.

adultos que eu conheço são de um jeito, mas todos os outros... como posso afirmar? Mas, se seguirmos desta forma, o que acontece com as categorias sociais? É neste ponto que nos parece interessante as manifestações dos sujeitos, os quais questionavam a “generalização”. O que propunham, em contrapartida, é que o adulto, o jovem, o político, o cientista fossem tratados a partir de sua individualidade, de sua particularização:

*Não existem “adultos”, adolescente, ou idosos mas pessoas, com seus defeitos e virtudes.
(LBML, 16 anos, fem, 2EM, particular)*

*Independente da idade, o ser humano é um ser humano. Seres humanos são seres completamente diferentes.
(AB, 16 anos, masc, 1EM, particular)*

*Não tem como responder, não existe um tipo de adulto. Adulto também é gente, cada um tem sua personalidade.
(APT, 16 anos, fem, 3EM, particular)*

“Cada um tem sua personalidade”, “seres humanos são completamente diferentes”, “não existem adultos, mas pessoas”. Ora, o que é esta necessidade de particularização senão um dos grandes valores contemporâneos, que fala sobre e na intimidade do indivíduo e que, como escreve Lipovetsky (2005) reduz as diferenças instituídas socialmente e prioriza a hiperdiferenciação dos comportamentos individuais.

O que os nosso sujeitos reivindicavam é que a pessoa, o indivíduo, fosse colocado a frente da categoria social, a qual – e nisto eles estão certos – fatalmente não dará atenção às diferenças pessoais. Aparentemente, a tendência contemporânea em priorizar as diferenças individuais também se dirige ao adulto. Se no passado a imagem do adulto era medida pelo lugar ocupado, hoje, ela parece ser avaliada pela pessoa que o habita.

7. CONCLUSÃO

Adolescer, do latim, *adulescens* ou *adolescens*, que significa homem jovem e se classifica como particípio ativo de *adolescere*, ou seja, crescer. (Carvajal, 2001) O objetivo da adolescência não é permanecer nela, pelo menos em princípio, mas transcendê-la para vir a ocupar um lugar adulto. Pois bem, chegamos no ponto onde a presente dissertação se inicia, cujo objetivo é exatamente investigar o mundo adulto a partir da perspectiva do jovem. Buscamos compreender a imagem de adulto que os nossos adolescentes carregam a partir da avaliação que os últimos fazem dos adultos de hoje, do sentido que os jovens atribuem a este lugar e do que valorizam em um adulto. Pensar estas questões e, talvez, suas próprias formulações só podem brotar no seio das mudanças sociais que culminaram naquilo que, atualmente, é denominado de “Pós-modernidade”. O mundo se transforma e, com ele, as relações também se alteram, os preceitos e dogmas mudam, as imagens se solidificam ou se esvanecem. No presente caso, entendemos que a imagem do adulto também vem sofrendo mudanças e muitos dos dados desta pesquisa assim as confirmam.

7.1.) O ADULTO EM DECLÍNIO

Os jovens viram com desconfiança e certo pessimismo a capacidade do adulto de hoje na condução do mundo. Certos âmbitos analisados foram muito mal avaliados – como no caso da política e do meio ambiente – ou dividiram opiniões – caso da educação e da mídia –, indicando certa incerteza entre os jovens. Apenas a Ciência conseguiu sair deste padrão, tendo uma avaliação melhor.

As qualidades morais foram consideradas as mais importantes para que um adulto fosse objeto de admiração – entre elas, virtudes como honestidade, justiça, generosidade, responsabilidade, preocupação política, social e ambiental – e, no entanto, não foram estas qualidades que se destacaram nas personalidades públicas que circulam no universo dos jovens. Estas faziam parte essencialmente do universo de entretenimento e da mídia. Cantores, esportistas, atores, apresentadores, comediantes, corresponderam a escolha de quase totalidade dos alunos em detrimento das personalidades históricas, políticos e revolucionários, muito pouco mencionadas. Talvez por isso, parte dos sujeitos afirmaram não admirar nenhum famoso, alegando a superficialidade que identificavam nestas figuras.

Parece que existe certo esvaziamento da esfera pública, pelo menos no que se refere aos modelos oferecidos por nossa sociedade. Não é surpresa que, diante deste cenário, os nossos jovens relatem ter nos pais a grande referência em suas vidas e os admirem em detrimento de algum famoso. O descomprometimento e a desafeição do mundo público que têm caracterizado a contemporaneidade se repete também na relação do jovem com o adulto. Carente de modelos na esfera pública, o adolescente busca suas referências na esfera privada. A confiança no laço social tende a se restringir às relações íntimas o que nos parece muito complicado se pensarmos na transição que se coloca aos adolescentes de ascender a um universo maior, a sociedade.

Ora, no processo de socialização é justamente a impessoalidade que protege os indivíduos e permite benefícios destas relações públicas. Concordamos com Sennett (1988) que a civilidade pede o uso de máscaras, cuja função é justamente proteger um de ser sobrecarregado pelo outro. O que deve ser questionado não é a impessoalidade, mas sim a tendência atual do indivíduo contemporâneo à reclusão na esfera privada, a

sobrepô-la ao âmbito público, a, em última instância, acostumar-se e a suportar apenas relações que se regem pelas leis da esfera privada: pessoais, baseadas no afeto e na intimidade.

Por outro lado, devemos nos questionar se, mesmo na esfera privada, os adultos de hoje tem se oferecido como modelo aos jovens e, parte de nossos dados, revelam que, se nem sempre a resposta é predominantemente negativa, a dúvida, pelo menos, está no ar.

Apesar da moral ser um fator importante para que um adulto fosse admirado ou não, os adultos de hoje não foram bem avaliados do ponto de vista ético ou moral e metade dos sujeitos admitiram confiar pouco nestes adultos. Criticar os modelos apresentados pode servir de contraponto para que os jovens venham a descobrir os seus próprios modelos e referencias, mas não apenas as críticas acima incidem sobre qualidades fundamentais como ética e confiança, como a própria pesquisa indica que este contraponto não é tão identificado na imagem do adulto. Merece atenção o fato de aparecerem algumas respostas mencionando que um adulto admirável seria aquele que conseguisse superar a adolescência, deixá-la para trás e que assumisse o lugar adulto, com todas as atribuições e responsabilidade que ele comporta. Por outro lado, alguns alunos também valorizaram aqueles que conseguissem manter o espírito de criança, a índole juvenil e alguns mencionaram qualidades como “ser moderno”, “praticar esportes”.

Além disso, as críticas e incertezas apontadas pelos jovens em relação aos adultos de hoje aparece novamente no pouco desejo dos jovens em se parecer com estes adultos, indicando, mais uma vez, a carência de modelos disponíveis às gerações mais novas. Modelos que nossos sujeitos demandam. Muitos apontaram que um adulto admirável

deve servir de exemplo, orientar os mais novos, passar suas experiências às gerações posteriores. No entanto, os projetos de vida são mais parecidos com os adultos de hoje do que a vontade de ser como eles. Nas décadas de 60/70, a categoria adolescente era essencialmente marcada como uma contraposição aos valores adultos. Eles criticavam o estado atual das coisas e propunham, mesmo que muitas vezes de forma idealizada, um projeto futuro diferente. Fica a questão se esta contraposição pode ser encontrada entre os adolescentes de hoje. Aparentemente, as ideologias presentes em nossas sociedades arrastam a todos num mesmo movimento, dificultando que novas formas de vida possam ser propostos. A falta de modelos de adultos também não favorece a construção de projetos de vida alternativos e consistentes.

Houve uma tendência dos jovens a avaliarem positivamente os adultos no que se refere aos atributos maturidade e responsabilidades. Ainda que a frequência das respostas negativas não fossem irrelevantes, parece que a imagem de um adulto infantil e irresponsável não se verifica. No entanto, a confiança na sabedoria dos mais velhos não se apresenta da mesma forma, pois os jovens se dividiram neste aspecto.

Em parte, podemos nos reportar ao sentido e valor que a palavra sabedoria adquire em nossos tempos tecnológicos, no qual o conhecimento instrumental é aquele que se apresenta como importante e necessário. Walter Benjamin (1986) discute a experiência deixada de um pai para seus filhos e observa que antigamente todos sabiam o que era experiência e que esta era passada dos mais velhos para os mais novos. Atualmente, fica a questão de onde tudo isto foi parar. A palavra parece não ter mais o valor e a durabilidade que permitam sua passagem de geração para geração e pouco parece ser o valor da experiência ao se lidar com a juventude. Benjamin (1986, p. 195) escreve: “Quem ainda encontra pessoas que saibam contar histórias como devem ser

contadas? Por acaso os moribundos de hoje ainda dizem palavras tão duráveis que possam ser transmitidas de geração em geração como se fossem um anel? A quem ajuda, hoje em dia um provérbio? Quem sequer tentará lidar com a juventude invocando sua experiência?”.

Sendo a sabedoria tão importante como qualidade adulta que sustentava um lugar de respeito e reverência no passado, nos parece coerente que a tendência dos jovens a não encontrarem modelos adultos atualmente coincida com o dado da sabedoria ser a qualidade adulta pior avaliada pelos jovens.

A imagem do adulto, lugar de saber e guia parece não ter mais a consistência que demonstrava ter no passado e podemos nos perguntar sobre a responsabilidade dos adultos de hoje neste aspecto. Pois, apesar das críticas de nossos sujeitos, a autoridade foi legitimada em sua maioria. Eles admitiram dever obediência aos adultos de hoje, mas, diante dos resultados apresentados até agora, deveríamos nos perguntar: a qual adulto? A adultos que são avaliados negativamente quanto a sua atuação na esfera pública? Àqueles que não são tidos como muito éticos, confiável, sábios, ou como modelos de identificação? Vale reforçar que, ao falarmos em modelos, não estamos nos referindo a um adulto ideal, sem defeitos, mas na possibilidade de os mais velhos assumirem e ocuparem este lugar adulto, contraponto ao do adolescente.

Nas sociedades tradicionais, para o bem e também para o mal, os lugares e funções sociais eram bem definidos. Um bom pai ou uma boa mãe, o papel do homem ou da mulher, o lugar reservado aos mais novos e aos mais velhos comportavam limites claros e a adequação ou não era facilmente identificada. O papel, a função, as atribuições, em suma, a imagem do que era ser ou se tornar adulto também se ancorava em um padrão social no qual as dúvidas e o questionamento tinham pouco espaço.

A contemporaneidade fornece um cenário bastante diferente e nossos jovens revelam isto na medida em que as qualidades adultas como sabedoria, responsabilidade, capacidade de conduzir o mundo, já não possuem unanimidade.

A possibilidade de questionar regras é muito importante para o progresso das sociedades e, historicamente, permitiu que certos padrões dessem lugar a relações mais democráticas e tolerantes com o outro. No entanto, não é isto que parece estar em cena nos resultados acima, mas sim, a inversão da relação do indivíduo com o conjunto social em proveito do ser individual, como destaca Lipovetsky (2005). Muitos jovens apontaram a dificuldade em se generalizar o adulto ou mesmo se mostraram avessos ao próprio conceito de “adulto”, alegando que no final das contas, adultos, crianças e jovens são pessoas e apenas podem ser apreendidos na sua individualidade. A personalização, que caracteriza a aproximação ao outro na contemporaneidade, reivindica que a pessoa, o indivíduo, seja colocado a frente da categoria social e esta tendência em priorizar as diferenças individuais também se apresenta ao adulto. Se no passado a imagem do adulto era medida pelo lugar ocupado, hoje, ela parece ser avaliada pela pessoa que o habita.

O descrédito dos adultos na esfera pública e nos modelos oferecidos, a reclusão do jovem na esfera privada e a conseqüente confiança essencialmente nas relações íntimas, a personalização que dilui o lugar adulto nos faz pensar se esta imagem, como categoria social, não está, de fato, em declínio. Já podemos observar na pesquisa acadêmica o debate conceitual sobre a definição do adulto, não mais como um ideal a ser alcançado, mas como um ser ainda inacabado e em construção. Isto talvez explique as grandes questões de indisciplina que são intensamente debatidas no campo da educação. Se, antigamente, ocupar o lugar de professor, de pai, era garantia de respeito, hoje, a pessoa deve se mostrar merecedora de tal atributo. Claro que muitos abusos podem ser

feitos quando se reverencia o lugar e não a pessoa individual que o ocupa, mas, de um modo geral, o lugar adulto serve de referencia não apenas para o jovem como também de modelo de conduta que o mais velho deve seguir. La Taille (2002) faz uma discussão importante a respeito da sabedoria concedida à velhice na Antiguidade, apontando que esta não era apenas um atributo concedido à idade, pura e simplesmente, mas era merecida, ou seja, havia um esforço do ancião no processo de acúmulo de experiências e reflexões. O lugar adulto, hoje, remete apenas a uma simples associação entre idade e maturidade, o que não é suficiente para garantir a sabedoria dos mais velhos a respeito do destino das gerações mais novas. Concordamos com La Taille (2002) que, atualmente, tendemos a reconhecer o valor dos desejos e capacidades das crianças e jovens, refletindo uma posição mais honesta dos adultos de hoje por não tomarem suas convicções a respeito do que seria o caminho correto a ser seguido pelos jovens como certezas. Mas o autor também alerta que, em alguns casos, abrir mão de impor limites reflete uma posição covarde dos mais velhos por indicarem um descompromisso em relação aos filhos e ao futuro do mundo. La Taille (2002, p. 64) escreve: “verifica-se, hoje, que muitos jovens acabam se queixando da posição de seus pais e educadores: o que poderia ser interpretado como generosidade libertária acaba sendo visto por eles como simples *ausência*”.

As dúvidas a respeito da identidade adulta, pessoal, social, ocupacional só aumentam e reforçam aquilo que Bauman (1998) discute sobre os tempos modernos. Bauman (1998, p. 38) observa que “psiquicamente, a modernidade trata da identidade: da verdade de a existência ainda não se dar aqui, ser uma tarefa, uma missão, uma responsabilidade. Como o restante dos padrões, a identidade permanece obstinadamente à frente: é preciso correr esbaforidamente para alcançá-la”. O significado de ser adulto e ocupar este lugar parece tender a um trabalho e uma construção exclusivamente pessoal,

visto que o discurso social talvez não o possa mais garantir como uma categoria social. Neste sentido, devemos nos perguntar o quanto os adultos de hoje aceitam tomar este lugar de autoridade, de saber, ratificando a hierarquia que nossos jovens ainda sustentam.

7.2.) O ADULTO EM ASCENSÃO

Observamos nesta pesquisa que existem certas dissonâncias entre aquilo que os jovens admiram em um adulto e aquilo que reconhecem nos de hoje. Por exemplo, eles demandam um comportamento moral, mas desconfiam do comportamento ético dos adultos de hoje. Eles não desejam ser parecidos com os adultos de hoje, mas tem seu projetos de vida mais semelhantes do que eventualmente gostariam. Por outro lado, existem também coincidências entre algumas imagens que os adolescentes fazem sobre o significado de ser adulto com a próprio imagem dos adultos de hoje. Estas concordâncias nos fazem pensar em tendências contemporâneas, visto ambas imagens serem conciliatórias.

Apesar de serem tão referendadas no mundo contemporâneo, a fama, a busca por uma aparição na mídia, a obsessão pela beleza e boa forma, não foram identificados, nem como uma aspiração adolescente, nem como uma preocupação que os jovens visualizariam nos adultos. A fama e a vaidade talvez fique restrita à imagem dos famosos e não a dos adultos em geral. No entanto, para nossos sujeitos, o maior defeito dos adultos de hoje é o egoísmo e aquilo que mais desejam é o dinheiro. Ou seja, apesar de não terem a imagem de um adulto superficial e deslumbrado com as celebridades instantâneas, os jovens vêem os adultos de hoje como indivíduos auto-centrados, preocupados com seus próprios interesses.

A esfera do trabalho apareceu com uma conotação muito negativa nesta pesquisa. Primeiramente, a competição no mundo do trabalho se mostra como o aspecto mais negativo em se tornar adulto. Em segundo lugar, os jovens visualizam um adulto no qual o desemprego é seu grande temor. Por fim, demonstram nas perguntas abertas que o trabalho pode ser um empecilho a curtir a família, os amigos, o lazer, à própria felicidade. O trabalho se mostra como potencialmente nocivo em vários sentidos: no acesso a ele, na falta dele e, quando empregado, pode tomar conta da vida do adulto, a ponto de invadir e a se sobrepor às várias esferas da vida. Estes dados são preocupantes se pensarmos que no processo de passagem da adolescência para a idade adulta, o trabalho, bem como a elaboração de um projeto de vida, são fundamentais para a futura integração do adolescente na sociedade. A importância do trabalho para Piaget & Inhelder (1976, p. 257) é possibilitar ao pensamento do adolescente um direcionamento para o real e “é ao empreender uma tarefa efetiva que o adolescente se torna adulto e o reformador idealista se transforma em realizador”.

Já com relação à família, há uma preocupação moral de que um adulto admirável deva saber cuidar, sustentar, orientar uma família. No entanto, não é ela a grande responsável por aquilo que há de mais positivo em se tornar adulto. A independência é a conquista tida como mais benéfica. Também não é ela quem define o significado de ser adulto, nem mesmo a passagem da adolescência para a idade adulta. Além disso, poucos jovens consideram que constituir uma família seja a grande aspiração dos adultos de hoje. Todos estes aspectos nos fazem pensar na importância que a família já teve como parte dos projetos de vida dos indivíduos e como referendando este lugar adulto. Se há uma preocupação dos jovens que um adulto admirável deve saber dar atenção à família e

distribuir melhor o tempo para cuidar dela, por outro lado, nossos jovens demonstram conceder pouco espaço ao papel da família em seus projetos futuros.

Com relação a transição da adolescência para a idade adulta, a maioria dos jovens desta pesquisa, considerou que se tornar adulto é algo subjetivo, pois diz respeito à maturidade ou a estar preparado para o futuro. Neste sentido a idéia de adolescência como um período preparatório e de uma passagem sem critérios claros é confirmada pela percepção que os jovens tem desta fase da vida. Ao mesmo tempo em que se faz necessário e é admirável aquele que consegue deixar a infância e a juventude para trás, por outro lado há um receio de se perder a alegria, os ideais, a esperança e mesmo a proteção. Houve menção, com relação ao que seria negativo em se tornar adulto, à idéia de perder a proteção dos pais, estar sozinho, deixar de ser criança, talvez referenciando os medos de desproteção que o sentido de ser adulto comporta atualmente para os jovens.

A ambigüidade em relação ao momento em que uma pessoa se torna adulta, ou mesmo do significado de ser adulto se faz presente nesta pesquisa e poderíamos nos reportar ao próprio conceito de adolescência, marcado essencialmente por sua ambigüidade. No entanto, se o conceito de adolescência se configura na atualidade como um momento instável e confuso da vida, sua superação parece ter se tornado uma dificuldade ainda maior. Comentamos a respeito da falta de existência de critérios claros em nossas sociedades que definam quando um indivíduo possa ser considerado adulto. Observamos que o trabalho, fundamental nesta passagem, tem sido, no imaginário e na realidade, objeto de medo e insegurança. Analisamos o quanto o descomprometimento com o mundo público, a privatização das relações, a falta de modelos adultos dificultam a transição para a vida adulta. Ao que parece, nossas sociedades tem oferecido muito pouco suporte para que esta passagem que o adolescente deve realizar seja sentida de outra

forma, que não a partir do receio, da insegurança, da instabilidade. Além disso, esta ambigüidade faz eco com as discussões a respeito de uma adolescência prolongada ou de uma “adultecência” verificada em nossos tempos. A adolescência se estende, os critérios para sua transição se diluem, a imagem do adulto vira pergunta.

Para a maioria de nossos jovens, ser adulto significa assumir responsabilidades maiores e ser independente, mas apenas a última característica foi considerada como aquilo que havia de mais positivo em se tornar adulto. Muitos citaram que um adulto admirável era aquele independente financeiramente, emocionalmente, “em todos os sentidos”. Devemos nos questionar qual o sentido atribuído à palavra independência pelos nosso jovens, palavra tão preciosa em nossas sociedades. Seria a independência no sentido da pessoa autônoma, responsável por seus próprios atos, ou estaria ela relacionada a liberdade pós-moderna, aquela que, como diz Lipovetsky (2005) diz respeito essencialmente a uma multiplicação das escolhas, todas elas carregadas de forte sedução publicitária. Talvez não tenhamos condições de responder esta pergunta nesta pesquisa, mas ela nos parece merecedora de reflexão.

Neste ponto, parece-nos pertinente e acertada a reflexão de Sennett (1999) a respeito da visão negativa que a palavra “dependência” carrega nos dias de hoje, destruindo, ou pelo menos dificultando, a confiança no laço social. Sennett (1999) aponta uma contradição em nossa sociedade que condena todo tipo de dependência, classificando-a como vergonhosa. No entanto, para o autor, é do senso de dependência mútua que a ligação social nasce e, opostamente, o medo de se tornar depende, corresponde a uma falta de confiança nas relações íntimas. Sennett (1999, p. 169) escreve: “a vergonha da dependência tem uma consequência prática. Corrói a confiança e o compromisso mútuos, e a ausência desses laços ameaça o funcionamento de qualquer

empreendimento coletivo”. Para o autor, as organizações que enaltecem a independência e autonomia, longe de trazer inspiração, ajudam a instalar um sentimento de vulnerabilidade e conseqüente clima de desconfiança.

Neste sentido, Sennett (1999) defende uma visão mais positiva da dependência que, para se fazer sentir, necessitaria contestar a oposição achatada da realidade que se vê entre dependência/fraqueza e independência/força. Para o autor, uma pessoa auto-suficiente saudável é aquela capaz de depender de outros quando a ocasião exige e que sabe em quem convém confiar.

Importante relembrar da grande recorrência de respostas que admiravam o adulto ou o famoso batalhador, que lutava por seus objetivos, que não desistia nos obstáculos, aqueles que venceram na vida. A admiração a partir da trajetória pessoal e individual de luta e incansabilidade frente as próprias metas parece fazer muito sentido em uma sociedade na qual o indivíduo e suas aspirações são colocadas em primeiro plano. O mérito pela conquista está presente neste tipo de resposta e contrasta com a vida fútil ou na qual as conquistas não são derivadas do próprio esforço. No entanto, estas respostas fazem referência, exclusivamente, ao indivíduo, seja nas metas buscada, seja na forma de conquistá-las. Uma imagem admirável, mas bastante solitária. Como diz Bauman, (1998, p. 54) a responsabilidade pela situação humana foi privatizada e “agora, são a sagacidade e a força muscular individual que devem ser estirados no esforço diário pela sobrevivência e aperfeiçoamento”.

Será que os dados nesta pesquisa não apontam para ascensão da imagem de um adulto como indivíduo, no sentido mais limitado que está palavra comporta? Um adulto preocupado com o trabalho, no qual a atenção ao outro, seja do âmbito privado ou do público, fica em segundo plano, admirado por suas conquistas e batalhas solitárias. Uma

mônada, cuja a ameaça da solidão é uma constante e pouca é a possibilidade de cada um contar com um suporte social, seja na construção de um projeto futuro, seja na própria dimensão identitária. Vimos que muitos autores discutem o retorno do ser humano a si mesmo, o enaltecimento do Eu. Ora, se não pudermos confiar, depender e apostar no outro como um parceiro e não como adversário esta auto-absorção do indivíduo contemporâneo nos assemelha mais a uma forma de se proteger, do que a imagem de um adulto usufruindo de plena satisfação. Como aponta Sennett (1999), a falta de resposta à questão “quem precisa de mim”, resulta no sentimento de que não somos necessário e de que estamos desligados e, desta forma, enfraquece-se o senso de coletividade, que entendemos ser tão necessário à formação dos jovens e ao verdadeiro progresso das sociedades.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aberastury, Arminda & Knobel, Mauricio (1981). *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. (S. M. G. Ballve, trad.). Porto Alegre: Ed. Artmed. (original publicado em 1970).

Arendt, Hannah (1972). *Entre o passado e o futuro*. (M.W.B. Almeida, trad.) São Paulo: Ed. Perspectiva.

Ariès, Philippe (1978). *História social da criança e da família* (D. Flaksman, trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Benjamin, Walter. (1986). Experiência e pobreza. In *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. (p. 195-198). São Paulo. Ed. Cultrix/EDUSP.

Bock, Ana M. B. & Liebesny, Brônia (2003). Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo. In: S. Ozella (org.). *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. (p. 203-222). São Paulo: Ed. Cortez.

Barbosa, Rubens. A força da cidadania. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. A2, 23 jan. 2007.

Bauman, Zygmunt (1998). *O mal-estar da pós-modernidade* (M. Gama, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (original publicado em 1997).

Bosi, Alfredo. Duas palavras sobre ética na universidade. *Informe: informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas*, São Paulo, n. 27, p. 1-2, mai. 2006

Calligaris, Contardo. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Ed. Publifolha.

Carvajal, Guillermo (2001). *Tornar-se adolescente: a aventura de uma metamorphose*. (C. Berliner, trad., 2ªed.). São Paulo: Ed. Cortez.

César, Maria R. A. Por uma genealogia da adolescência. *Cadernos da F.F.C.: Michel Foucault: Histórias e destinos de um pensamento*, Marília, v. 9, n. 1, 2006

Clímaco, Adélia A. S. (1990). *Repensando as concepções de adolescência*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia, PUCSP, São Paulo.

Costa, Jurandir F. (1984). Sobre a “Geração AI-5: violência e narcisismo”. (p. 117-189). In: *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Graal.

Costa, J. F. (2004). A personalidade somática de nosso tempo. (p. 185-202). In: *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond.

D'Aurea-Tardeli, Denise (2006). *A manifestação da solidariedade em adolescentes: um estudo sobre a personalidade moral*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, USP, São Paulo.

Erikson, Erik H. (1972). *Identidade: Juventude e Crise*. (A. Cabral, trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (original publicado em 1968).

Favorini, Luciana B. (1998). *A autoridade do professor: um estudo das representações de autoridade em professores de 1º e 2º graus*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, USP, São Paulo.

Freire, Paulo (1975). Capítulo um. In _____ *Pedagogia do oprimido*. (p. 27-61). Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra.

Silva, J. S. Justo. *Indisciplina/Disciplina: ética, moral e ação do professor*. (p. 23-54). Porto Alegre: Ed. Mediação.

La Boétie, Etienne (1982). Discurso da servidão voluntária. (p. 221-247). São Paulo: Ed. Brasiliense.

La Taille, Yves de (1999). Autoridade na escola. In: J. G. Aquino (Org.) *Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas*. (p. 9-29) São Paulo: Ed. Summus.

La Taille, Y. (2002). *Limites: três dimensões educacionais*. (3ª ed.) São Paulo: Ed. Ática.

La Taille, Y. As virtudes segundo os jovens. In: S. Menin & Y. de La Taille (Org.) *Valores em crise ou crise de valores*. (no prelo).

La Taille, Yves de & Harkot-de-La-Taille, Elizabeth (2005). *Valores dos jovens de São Paulo*. Instituto SM para a Qualidade Educativa – ISME.

Lasch, Christopher (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. (E. Pavaneli, trad.). Rio de Janeiro: Ed. Imago. (original publicado em 1979).

Leme, Maria Isabel da Silva (2006). *Convivência, conflitos e educação nas escolas de São Paulo*. Instituto SM para a Qualidade Educativa – ISME.

Lipovetsky, Gilles (2005). *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo* (T. M. Deutsch, trad.). São Paulo: Ed. Manole. (original publicado em 1993).

Melman, Charles (2002). *L'Homme sans gravité: jouir à tout prix – Charles Melman entretiens avec Jean-Pierre Lebrun*. Paris: Ed. Denoël.

Moraes, Thiago D. & Nascimento, Maria L. (2002). Da norma ao risco: transformações na produção de subjetividades contemporâneas. *Psicologia em estudo*, Maringá, 7 (1), p. 91-102.

Morin, Edgar (1969). *Cultura de massas no século XX* (2ªed.). Rio de Janeiro: Ed. Forense.

Nascimento, Ivany P. (2002). *As representações sociais do projeto de vida dos adolescentes: um estudo psicossocial*. Tese de Doutorado. Faculdade de Psicologia, PUCSP, São Paulo.

Paladino, Erane (2004). *Configurações do adolescente na sociedade contemporânea*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, USP, São Paulo.

Piaget, Jean & Inhelder, Bärbel (1976). *Da lógica da criança à lógica do adolescente: ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais*. (D. M. Leite, trad.). São Paulo: Livraria Pioneira Editora. (original publicado em 1970).

Ruffino, Rodolpho (2005). A adolescência e o declínio da função social da imago paterna. *Textura Revista de Psicanálise*, 5 (5), 44-51.

Santos, Benedito R. (1996). *A emergência da concepção moderna de infância e adolescência: mapeamento, documentação e reflexão sobre as principais teorias*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais, PUCSP, São Paulo.

Savater, Fernando (2004). *Ética para meu filho*. (M. Stahel, trad., 3ª ed.). São Paulo: Ed. Martins Fontes.

Sayão, Rosely. & Aquino, Julio G. (2006). *Família: modos de usar*. São Paulo: Ed. Papirus.

Sennett, Richard. (1988). *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade* (L. A. Watanabe, trad.). São Paulo: Ed. Companhia das Letras.

_____. (1999). O pronome perigoso. In: B. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho na sociedade capitalista* (p. 163-176) (M. Santarrita, trad., 3ª. Ed.). Rio de Janeiro: Ed. Record.

Tien H. S., Lin C. & Chen S. (2005). A grounded analysis of career uncertainty perceived by college students in Taiwan. *The career development quarterly*, 54 (2), 162-174.

ANEXO A

1) Identificação

INICIAIS: _____ IDADE: _____ SEXO: () masculino () feminino
ESCOLA: () pública () privada ANO: () 1º ano EM () 2º ano EM () 3º ano EM

2) Parte 1

1. Para você, o que é um adulto admirável? Escreva abaixo.

2. Pense em uma pessoa famosa que você admire? Escreva abaixo o nome da pessoa e explique o porquê.

3) Parte 2 - Questionário

Este questionário contém 24 perguntas, sendo que cada pergunta contém 4 (quatro) alternativas de respostas. Leia as perguntas abaixo atentamente e assinale com um X a alternativa com a qual você mais concorda. Em algumas perguntas, você poderá acrescentar outra opção, mas lembre-se de EM TODAS AS PERGUNTAS ESCOLHER 1 (UMA) OPÇÃO dentre as 4 (quatro) indicadas.

1. O que é ser adulto?

() é ter responsabilidades () é ser independente () é tornar-se cidadão () é constituir uma família

Você pensa em outra opção? Se sim, qual? _____

2. Quando se dá a passagem da adolescência para a idade adulta?

() A partir dos 18 anos () Com a independência financeira () Com a maturidade () Ao sair da casa dos pais

Você pensa em outra opção? Se sim, qual? _____

3. Tornar-se adulto é algo positivo?

() Muito positivo () Positivo () Pouco positivo () Nada positivo

4. O que tem de mais positivo em se tornar adulto?

- ☐ Tornar-se independente ☐ Constituir uma família ☐ Ganhar estabilidade emocional
☐ Tornar-se cidadão

Você pensa em outra opção? Se sim, qual? _____

5. O que tem de mais negativo em se tornar adulto?

- ☐ Assumir responsabilidades ☐ Enfrentar a competição do mundo do trabalho
☐ Começar a perder a beleza ☐ Perder a espontaneidade

Você pensa em outra opção? Se sim, qual? _____

6. Dentre as opções abaixo, qual delas tem maior influência na sua vida?

- ☐ Pais ☐ Personalidades conhecidas socialmente
☐ Amigos ☐ Informações veiculadas nos meios de comunicação

Você pensa em outra opção? Se sim, qual? _____

7. O seu projeto de vida é..... com a vida dos adultos de hoje

- ☐ Muito parecido ☐ Parecido ☐ Pouco parecido ☐ Nada parecido

8. Quando for adulto, você gostaria de ser..... com os adultos de hoje

- ☐ Muito parecido(a) ☐ Parecido(a) ☐ Pouco parecido(a) ☐ Nada parecido(a)

9. Os adultos de hoje são pessoas...

- ☐ muito sábias ☐ sábias ☐ pouco sábias ☐ nada sábias.

10. Os adultos de hoje são pessoas...

- ☐ muito maduras ☐ maduras ☐ pouco maduras ☐ nada maduras.

11. Os adultos de hoje são pessoas...

- ☐ muito responsáveis ☐ responsáveis ☐ pouco responsáveis ☐ nada responsáveis.

12. Os adultos de hoje são pessoas...

- ☐ muito éticas ☐ éticas ☐ pouco éticas ☐ nada éticas

13. Qual seu grau de confiança nos adultos de hoje?

- ☐ Confio muito ☐ Confio ☐ Confio pouco ☐ Não confio

14. Os jovens devem aos adultos...

- ☐ Muita obediência ☐ Obediência ☐ Pouca obediência ☐ Não devem obediência

15. Os adultos de hoje dirigem o mundo...

- ☐ Muito bem ☐ Bem ☐ Mal ☐ Muito mal

16. Os adultos de hoje conduzem a educação das novas gerações...

- ☐ Muito bem ☐ Bem ☐ Mal ☐ Muito mal

17. Os adultos de hoje conduzem a política...

- ☐ Muito bem ☐ Bem ☐ Mal ☐ Muito mal

18. Os adultos de hoje conduzem as questões ambientais...

- ☐ Muito bem ☐ Bem ☐ Mal ☐ Muito mal

19. Os adultos de hoje conduzem a ciência...

() Muito bem () Bem () Mal () Muito mal

20. Os adultos de hoje conduzem as informações e programas veiculados pela mídia...

() Muito bem () Bem () Mal () Muito mal

21. Dentre as opções abaixo, qual poderia ser a maior virtude dos adultos de hoje?

() Competência profissional () Justiça () Honestidade () Solidariedade

Você pensa em outra opção? Se sim, qual? _____

22. Dentre as opções abaixo, qual poderia ser o maior defeito dos adultos de hoje?

() São egoístas () São vaidosos () São covardes () São desatualizados

Você pensa em outra opção? Se sim, qual? _____

23. O que os adultos de hoje mais esperam para a vida deles?

() Dinheiro () Fama () Constituir uma família () Reconhecimento social

Você pensa em outra opção? Se sim, qual? _____

24. O que os adultos de hoje mais temem para a vida deles?

() Envelhecer () Desemprego () Ser sozinho () As Responsabilidades

Você pensa em outra opção? Se sim, qual? _____

ANEXO B

Tabela 1: Categorias acrescentadas na pergunta “Qual a maior virtude do adulto de hoje” e a distribuição da frequência de respostas

Categorias Acrescentadas	Particular		Pública		Total	
	Nº alunos	%	Nº alunos	%	Nº alunos	%
Honestidade	2	6,06	10	37,04	12	20,00
Todas	3	9,09	2	7,41	5	8,33
Nenhuma	4	12,12	1	3,70	5	8,33
Solidariedade	0	0,00	5	18,52	5	8,33
Responsabilidade	3	9,09	0	0,00	3	5,00
Liberais	2	6,06	1	3,70	3	5,00
Depende	3	9,09	0	0,00	3	5,00
Competência Profissional	1	3,03	2	7,41	3	5,00
Justiça	0	0,00	3	11,11	3	5,00
Inteligência	2	6,06	0	0,00	2	3,33
Respeito	2	6,06	0	0,00	2	3,33
Capitalismo	1	3,03	0	0,00	1	1,67
Modo de ser	1	3,03	0	0,00	1	1,67
Ganhar dinheiro	1	3,03	0	0,00	1	1,67
Sinceridade	1	3,03	0	0,00	1	1,67
Conformismo	1	3,03	0	0,00	1	1,67
Conviver em sociedade	1	3,03	0	0,00	1	1,67
Persistência	1	3,03	0	0,00	1	1,67
Esperança	1	3,03	0	0,00	1	1,67
Compreensão	1	3,03	0	0,00	1	1,67
Paciência	1	3,03	0	0,00	1	1,67
Ganância	1	3,03	0	0,00	1	1,67
Criatividade	0	0,00	1	3,70	1	1,67
Ser igual a seus pais	0	0,00	1	3,70	1	1,67
Consciência	0	0,00	1	3,70	1	1,67
TOTAL	33	100,00	27	100,00	60	100,00

Tabela 2: Categorias acrescentadas na pergunta “Qual o maior defeito do adulto de hoje” e a distribuição da frequência de respostas

Categorias Acrescentadas	Particular		Pública		Total	
	Nº alunos	%	Nº alunos	%	Nº alunos	%
Egoístas	4	14,81	5	16,13	9	15,52
Covardes	3	11,11	4	12,90	7	12,07
Desatualizados	2	7,41	3	9,68	5	8,62
Alienados	4	14,81	1	3,23	5	8,62

Desonestos	3	11,11	1	3,23	4	6,90
Injustos	1	3,70	3	9,68	4	6,90
Vaidoso	1	3,70	2	6,45	3	5,17
Hipócritas	1	3,70	1	3,23	2	3,45
Violentos	0	0,00	2	6,45	2	3,45
Todas	0	0,00	2	6,45	2	3,45
Autoritários	1	3,70	1	3,23	2	3,45
Emotivos	1	3,70	1	3,23	2	3,45
Estressados	2	7,41	0	0,00	2	3,45
Insatisfeitos	2	7,41	0	0,00	2	3,45
Não sabem educar	0	0,00	1	3,23	1	1,72
Materialistas	0	0,00	1	3,23	1	1,72
Chatos	0	0,00	1	3,23	1	1,72
Pão duros	0	0,00	1	3,23	1	1,72
Incapazes	0	0,00	1	3,23	1	1,72
Depende	1	3,70	0	0,00	1	1,72
Desrespeitosos	1	3,70	0	0,00	1	1,72
TOTAL	27	100,00	31	100,00	58	96,67

Tabela 3: Categorias acrescentadas na pergunta “O que os adultos de hoje mais esperam para suas vidas” e a distribuição da frequência de respostas

Categorias Acrescentadas	Particular		Pública		Total	
	Nº alunos	%	Nº alunos	%	Nº alunos	%
Reconhecimento social	5	17,24	5	25,00	10	20,41
Dinheiro	5	17,24	4	20,00	9	18,37
Constituir família	3	10,34	2	10,00	5	10,20
Fama	2	6,90	3	15,00	5	10,20
Todas	2	6,90	1	5,00	3	6,12
Depende	3	10,34	0	0,00	3	6,12
Saúde	3	10,34	0	0,00	3	6,12
Realizar-se através dos filhos	0	0,00	2	10,00	2	4,08
Poder	2	6,90	0	0,00	2	4,08
Preocupar-se consigo mesmo	0	0,00	1	5,00	1	2,04
Riqueza	0	0,00	1	5,00	1	2,04
Paz	0	0,00	1	5,00	1	2,04
Serem os melhores	1	3,45	0	0,00	1	2,04
Estabilidade	1	3,45	0	0,00	1	2,04
Felicidade	1	3,45	0	0,00	1	2,04
Sexo	1	3,45	0	0,00	1	2,04
TOTAL	29	100,00	20	100,00	49	100,00

Tabela 4: Categorias acrescentadas na pergunta “O que os adultos de hoje mais temem para suas vidas” e a distribuição da frequência de respostas

Categorias Acrescentadas	Particular		Pública		Total	
	Nº alunos	%	Nº alunos	%	Nº alunos	%
Ser sozinho	3	18,75	7	25,00	10	22,73
Envelhecer	3	18,75	4	14,29	7	15,91
Responsabilidades	0	0,00	6	21,43	6	13,64
Desemprego	2	12,50	3	10,71	5	11,36
Depende	3	18,75	1	3,57	4	9,09
Todas	0	0,00	2	7,14	2	4,55
Não ter dinheiro	0	0,00	2	7,14	2	4,55
A si mesmo	1	6,25	0	0,00	1	2,27
Desastres	1	6,25	0	0,00	1	2,27
Ter um filho hippie	1	6,25	0	0,00	1	2,27
Aposentadoria	1	6,25	0	0,00	1	2,27
Perder controle da família	1	6,25	0	0,00	1	2,27
Maldade do mundo	0	0,00	1	3,57	1	2,27
Fazer escolhas erradas	0	0,00	1	3,57	1	2,27
Morte	0	0,00	1	3,57	1	2,27
TOTAL	16	100,00	28	100,00	44	100,00

Tabela 5: Categorias acrescentadas na pergunta “O que mais influência a vida dos jovens” e a distribuição da frequência de respostas

Categorias Acrescentadas	Particular		Pública		Total	
	Nº alunos	%	Nº alunos	%	Nº alunos	%
Amigos	17	40,48	14	36,84	31	38,75
Pais	7	16,67	5	13,16	12	15,00
Família	6	14,29	4	10,53	10	12,50
Eu mesmo	2	4,76	2	5,26	4	5,00
Irmão	3	7,14	0	0,00	3	3,75
Personalidades públicas	1	2,38	2	5,26	3	3,75
Opções de vida	1	2,38	1	2,63	2	2,50
Professores	1	2,38	1	2,63	2	2,50
Deus	0	0,00	2	5,26	2	2,50
Pessoas que confio	1	2,38	0	0,00	1	1,25
Escola	1	2,38	0	0,00	1	1,25
Informações não veiculadas na mídia	1	2,38	0	0,00	1	1,25
Moda	1	2,38	0	0,00	1	1,25
Vontade de ser livre	0	0,00	1	2,63	1	1,25
Namorada	0	0,00	1	2,63	1	1,25
Filha	0	0,00	1	2,63	1	1,25
Todas	0	0,00	1	2,63	1	1,25
Trabalho com responsabilidade	0	0,00	1	2,63	1	1,25
Time de futebol	0	0,00	1	2,63	1	1,25
Informações veiculadas pela mídia	0	0,00	1	2,63	1	1,25

TOTAL	42	100,00	38	100,00	80	100,00
--------------	-----------	---------------	-----------	---------------	-----------	---------------

Tabela 6: Categorias acrescentadas na pergunta “O que significa ser adulto” e a distribuição da frequência de respostas

Categorias Acrescentadas	Particular		Pública		Total	
	Nº alunos	%	Nº alunos	%	Nº alunos	%
Ter responsabilidade	10	21,74	5	18,52	15	20,55
Ser independente	8	17,39	6	22,22	14	19,18
Tornar-se cidadão	2	4,35	4	14,81	6	8,22
Todas alternativas	4	8,70	1	3,70	5	6,85
Ter objetivos	2	4,35	3	11,11	5	6,85
Desenvolver-se	3	6,52	0	0,00	3	4,11
Com 18 anos	2	4,35	1	3,70	3	4,11
Vivência	1	2,17	2	7,41	3	4,11
Ter autonomia	2	4,35	0	0,00	2	2,74
Depende	2	4,35	0	0,00	2	2,74
Reconhecimento social	2	4,35	0	0,00	2	2,74
Pensar por si mesmo	2	4,35	0	0,00	2	2,74
Estar preparado para o futuro	0	0,00	2	7,41	2	2,74
Constituir família	0	0,00	2	7,41	2	2,74
Conhecimento humano	1	2,17	0	0,00	1	1,37
Pagar contas	1	2,17	0	0,00	1	1,37
Não poder melhorar	1	2,17	0	0,00	1	1,37
Ser bom profissional	1	2,17	0	0,00	1	1,37
Mais de 25 anos	1	2,17	0	0,00	1	1,37
Ter direitos e deveres	1	2,17	0	0,00	1	1,37
Ter ética	0	0,00	1	3,70	1	1,37
TOTAL	46	100,00	27	100,00	73	100,00

Tabela 7: Categorias acrescentadas na pergunta “Quando se dá a passagem da adolescência para a vida adulta” e a distribuição da frequência de respostas

Categorias Acrescentadas	Particular		Pública		Total	
	Nº alunos	%	Nº alunos	%	Nº alunos	%
Com a maturidade	4	21,05	6	30,00	10	25,64
Com 18 anos	1	5,26	3	15,00	4	10,26
Com as responsabilidades	1	5,26	3	15,00	4	10,26
Com a independência	2	10,53	1	5,00	3	7,69
Independência financeira	2	10,53	1	5,00	3	7,69
Ao sair da casa dos pais	0	0,00	3	15,00	3	7,69
Com o altruísmo	1	5,26	1	5,00	2	5,13
Quando preparado para a vida	2	10,53	0	0,00	2	5,13
Depende	2	10,53	0	0,00	2	5,13

Sabendo se virar sozinho	2	10,53	0	0,00	2	5,13
Quando se tem objetivos	0	0,00	2	10,00	2	5,13
Quando sua cabeça pensar e agir	1	5,26	0	0,00	1	2,56
Com o pensamento crítico	1	5,26	0	0,00	1	2,56
TOTAL	19	100,00	20	100,00	39	100,00

Tabela 8: Categorias acrescentadas na pergunta “O que há de mais positivo em se tornar adulto” e a distribuição da frequência de respostas

Categorias Acrescentadas	Particular		Pública		Total	
	Nº alunos	%	Nº alunos	%	Nº alunos	%
Ser independente	7	26,92	6	21,43	13	24,07
Ter responsabilidades	1	3,85	7	25,00	8	14,81
Constituir família	1	3,85	5	17,86	6	11,11
Estabilidade	3	11,54	2	7,14	5	9,26
Ser respeitado	4	15,38	0	0,00	4	7,41
Tornar-se cidadão	2	7,69	1	3,57	3	5,56
Depende	2	7,69	0	0,00	2	3,70
Experiência	0	0,00	2	7,14	2	3,70
Estar preparado para o mundo	0	0,00	2	7,14	2	3,70
Poder educar	1	3,85	0	0,00	1	1,85
Todas alternativas	1	3,85	0	0,00	1	1,85
Mandar no filho	1	3,85	0	0,00	1	1,85
Ter carro	1	3,85	0	0,00	1	1,85
Nova etapa da vida	1	3,85	0	0,00	1	1,85
Ter espaço na mídia	1	3,85	0	0,00	1	1,85
Conquistar meus objetivos	0	0,00	1	3,57	1	1,85
Trabalhar	0	0,00	1	3,57	1	1,85
Ter meios para mudar as coisas	0	0,00	1	3,57	1	1,85
TOTAL	26	100,00	28	100,00	54	100,00

Tabela 9: Categorias acrescentadas na pergunta “O que há de mais negativo em se tornar adulto” e a distribuição da frequência de respostas

Categorias Acrescentadas	Particular		Pública		Total	
	Nº alunos	%	Nº alunos	%	Nº alunos	%

Competição no trabalho	5	20,00	5	25,00	10	22,22
Perder espontaneidade	2	8,00	4	20,00	6	13,33
Grandes responsabilidades	3	12,00	3	15,00	6	13,33
Tempo livre reduzido	4	16,00	0	0,00	4	8,89
Deixar de ser criança	1	4,00	2	10,00	3	6,67
Se virar sozinho	2	8,00	1	5,00	3	6,67
Envelhecer	2	8,00	1	5,00	3	6,67
Perder vigor ideológico	3	12,00	0	0,00	3	6,67
Todas alternativas	1	4,00	0	0,00	1	2,22
Privar-se de coisas	1	4,00	0	0,00	1	2,22
Trabalhar	1	4,00	0	0,00	1	2,22
Nada negativo	0	0,00	1	5,00	1	2,22
Pagar suas contas	0	0,00	1	5,00	1	2,22
Não saber ser adulto	0	0,00	1	5,00	1	2,22
Violência	0	0,00	1	5,00	1	2,22
TOTAL	25	100,00	20	100,00	45	100,00